



Thadeu Lopes Marques de Oliveira

A hermenêutica da fé segundo Joseph Ratzinger

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Teologia do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Antonio Luiz Catelan Ferreira

Rio de Janeiro
Agosto de 2019



Thadeu Lopes Marques de Oliveira

A hermenêutica da fé segundo Joseph Ratzinger

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

Prof. Antonio Luiz Catelan Ferreira
Orientador

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof^a. Maria Teresa de Freitas Cardoso
Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Francisco Evaristo Marcos
Faculdade Católica de Fortaleza

Rio de Janeiro, 14 de agosto de 2019.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

Thadeu Lopes Marques de Oliveira

Graduou-se em teologia pelo Seminário Teológico Batista de Niterói e pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro. Atuou como professor visitante no Seminário Teológico Batista de Niterói. Autor do livro *Filosofia da Religião e a sua importância para o cristianismo protestante brasileiro*. Membro do grupo de pesquisa *A teologia de Joseph Ratzinger e o Magistério de Bento XVI*.

Ficha Catalográfica

Oliveira, Thadeu Lopes Marques de

A hermenêutica da fé segundo Joseph Ratzinger / Thadeu Lopes Marques de Oliveira ; orientador: Antonio Luiz Catelan Ferreira. – 2019.

124 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2019.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Bíblia. 3. Hermenêutica. 4. Cristologia. 5. Metodologia teológica. 6. Ratzinger. I. Ferreira, Antonio Luiz Catelan. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Para Ricardo Shain e Edir Romana da Silva Lopes
(*in memoriam*).

Agradecimentos

À Santíssima Trindade, por ter me proporcionado avançar nos estudos teológicos dando-me oportunidade de crescer no conhecimento da fé.

Ao meu orientador Professor Doutor Monsenhor Antonio Luiz Catelan Ferreira, que, como um pai, me deu apoio, incentivo e paciência, ao investir tempo e atenção. Sem ele essa etapa não teria sido concluída.

À minha esposa Thiene e minha filha Sofia, pela paciência e compreensão em ceder o meu amor, tempo e atenção que era delas por direito. Muito do que faço é por elas.

Agradeço a Joseph Ratzinger, atual Papa Emérito Bento XVI, pela inspiração teológica e intelectual.

Aos meus amados pais, por seu amor sem igual por mim, sem esse apoio, a dificuldade seria ainda maior. Principalmente à minha mãe que em todos os momentos da minha vida foi de fundamental importância. Minha maior incentivadora.

Aos meus sogros Juarez e Marilda, apesar de todas as dificuldades, principalmente as do momento presente, sempre apoiaram a minha esposa, facilitando as nossas vidas.

A todos os meus familiares que contribuíram para que mais esse sonho se tornasse realidade. Destaco meu tio Adelino, tia Rosângela, tia Diva e minha irmã Maria Eduarda, por todo o suporte doado.

Ao CNPq e à PUC-RJ, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

A todos os professores do Mestrado e funcionários do departamento de Teologia, pela receptividade sempre acolhedora.

Agradeço, em especial, a Professora Doutora Maria de Lourdes Correa Lima, pela leitura do segundo capítulo. Pelos direcionamentos e conselhos, bem como as indicações de leitura, para a correção e aperfeiçoamento do conteúdo.

À Professora Doutora Maria Teresa de Freitas Cardoso e ao Professor Doutor Francisco Evaristo Marcos pela leitura do trabalho e participação na banca examinadora e as contribuições dadas para o aperfeiçoamento do mesmo.

À Primeira Igreja Batista em Pendotiba que desde os inícios da minha caminhada cristã me apoiou na minha jornada dos estudos teológicos.

Aos meus amigos: Sérgio Luís dos Santos Amaral, Gabriel Rocha, José Claudio e Luiz, pelo incentivo e motivação. Agradeço em especial a Karla Velasco pela ajuda com as correções referentes à língua portuguesa.

Resumo

Oliveira, Thadeu Lopes Marques; Ferreira, Antonio Luiz Catelan. **A hermenêutica da fé segundo Joseph Ratzinger**. Rio de Janeiro, 2019. 124p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A hermenêutica bíblico-teológica situada na metodologia teológica de Joseph Ratzinger, nomeada por ele hermenêutica da fé, é o tema principal dessa dissertação. Busca-se através desse aspecto do pensamento de Ratzinger encontrar perspectivas que proporcionem, no fazer teológico, uma relação saudável e frutífera entre Sagrada Escritura e teologia sistemática, tendo em vista o contexto da teologia contemporânea e os desafios hodiernos. Para analisar esse aspecto do pensamento de Ratzinger, foi necessário estudar e apresentar o que é o método histórico-crítico, pois a formulação da sua hermenêutica bíblico-teológica se deu no diálogo com ele. Posteriormente se analisou a importância da Constituição Dogmática *Dei Verbum* na sistematização da hermenêutica bíblico-teológica de Ratzinger. Buscando verificar esse aspecto de sua metodologia em uma área específica de sua teologia, optou-se pela cristologia, em especial no primeiro volume de sua obra *Jesus de Nazaré*. Nesse capítulo busca-se evidenciar a maneira como Ratzinger interpreta as Sagradas Escrituras no fazer teológico, com o objetivo de verificar se ele pratica sua hermenêutica bíblico-teológica. Também é dedicado um capítulo à apresentação das diversas análises feitas por alguns autores à proposta metodológica de Ratzinger para a composição do *Jesus de Nazaré*. Nessas análises, buscou-se focar a metodologia usada por Ratzinger. Foram apresentadas as recepções positivas, e também, algumas críticas.

Palavras-chave

Bíblia; Cristologia; Hermenêutica; Metodologia Teológica; Ratzinger; Método histórico-crítico.

Abstract

Oliveira, Thadeu Lopes Marques; Ferreira, Antonio Luiz Catelan (Advisor). **Hermeneutics of faith according to Joseph Ratzinger**. Rio de Janeiro, 2019. 124p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The main theme of this Master's Thesis is about biblical-theological hermeneutics based on Joseph Ratzinger's theological methodology, which he calls the hermeneutics of faith. Through this aspect of Ratzinger's thought, we seek to find perspectives in the theological making that provide a healthy and fruitful relationship between Sacred Scripture and Systematic Theology, which considers the context of contemporary theology and current challenges. Therefore, in order to analyze this aspect of Ratzinger's thought, it was necessary to study and present the meaning of historical-critical method, because the formulation of his biblical-theological hermeneutics took place in the dialogue about this method. After this, the importance of Dogmatic Constitution *Dei Verbum* in the systematization of Ratzinger's biblical-theological hermeneutics was analyzed. In order to verify this aspect of his methodology in a specific area of his theology, Christology was chosen especially in the first volume of his book *Jesus of Nazareth*. In the first chapter, we try to highlight the way Ratzinger interprets the Holy Scriptures in his theological work. It has the aim of verifying if he practices his biblical-theological hermeneutics. There is also a chapter dedicated to present many analyzes made by some authors about the methodological proposal of Ratzinger to compose his book *Jesus of Nazareth*. In these analyzes, we sought to focus on the methodology used by Ratzinger. Positive receptions were presented, as well as some critical ones.

Keywords

Bible; Christology; Hermeneutic; Theological Methodology; Ratzinger; Historical-critical method.

Sumário

1. Introdução	12
2. Joseph Ratzinger e a Hermenêutica da Fé	16
2.1. O método histórico-crítico: fundamentos, história, características e avaliação	16
2.1.1. Princípios e fundamentos	17
2.1.2. As etapas metodológicas: história e descrição	18
2.1.3. Avaliação	25
2.2. Ratzinger e o método histórico-crítico	27
2.2.1. A inserção histórica e contextual de J. Ratzinger na questão histórico-crítica	27
2.2.2. Crítica Ratzingeriana aos pressupostos e fundamentos filosóficos	29
2.3. Ratzinger e a <i>Dei Verbum</i> . Um referencial fundamental	35
2.3.1. Escritura, Tradição e Igreja	37
2.3.2. Natureza teológica da exegese	41
2.3.3. Escritura e Magistério em relação à teologia	43
2.4. A proposta de J. Ratzinger: uma hermenêutica da fé	44
2.5. Teses para uma hermenêutica bíblico-teológica a partir do pensamento de Ratzinger	47
3. A Hermenêutica da Fé na cristologia de J. Ratzinger	49
3.1. Principais resultados da aplicação da exegese histórico-crítica na cristologia. A interação de Ratzinger	49
3.2. Cristologia e soteriologia: A importância do dogma cristológico para a cristologia e soteriologia bíblica	55
3.2.1. O valor do dogma para a cristologia bíblica	56
3.2.2. Cristologia e soteriologia a partir da correta compreensão do valor do dogma para a interpretação bíblica	58
3.2.3. A questão da salvação humana através de uma leitura teológica das Sagradas Escrituras	61
3.3. Dois temas da cristologia de Ratzinger em que se evidencia a sua abordagem da Hermenêutica da Fé	64
3.3.1. A oração de e com Jesus na comunidade eclesial. O acesso hermenêutico e epistemológico da cristologia	64
3.3.2. A autoconsciência de Jesus nos títulos auto atribuídos	72
3.3.2.1. Filho do Homem	73

3.3.2.2. O Filho. Filho de Deus	76
3.3.2.3. Eu Sou	79
3.4. Aplicação da hermenêutica da fé à cristologia: conclusões	83
4. Análise metodológica	84
4.1. A busca por uma nova metodologia	84
4.1.1. Uma proposta metodológica inovadora	85
4.1.2. Uma metodologia baseada em um conceito de racionalidade mais amplo	87
4.1.3. A posição de Ratzinger frente às etapas do método histórico-crítico	89
4.2. Aproximação a outras metodologias exegéticas. Semiótica e Exegese Canônica	93
4.3. A importância da fé	97
4.4. A Tradição	100
4.5. Preocupação pastoral e o serviço à Igreja	105
4.6. Críticas a alguns elementos da proposta metodológica de Ratzinger	106
4.7. Teses a modo de conclusão	109
5. Conclusão	111
6. Referências bibliográficas	117

Lista de Siglas e Abreviaturas

2Sm – Segundo Livro de Samuel

Ap – Apocalipse

At – Atos dos Apóstolos

BAC – Biblioteca de Autores Cristianos (editora em Madri)

DH – Denzinger-Hünemann, Compêndio dos Símbolos, Definições...

DV – Constituição Dogmática Dei Verbum.

Dn – Daniel

Ed. – Editor

Eds. – Editores

Ex – Êxodo

Is - Isaías

Jo – João

Lc – Lucas

Mc – Marcos

Mt – Mateus

Org. – Organizador.

Orgs. – Organizador.

PCB – Pontifícia Comissão Bíblica

V. – Volume.

*Não deveríamos [...] desenvolver novos métodos que
respeitem essa auto transcendência interna das
palavras pela Palavra? Métodos que em si mesmos
estejam abertos para acolher as experiências dos
santos com essa Palavra, ou seja, as experiências
daqueles homens que não somente leram essa
Palavra, mas sim a viveram em seu fundamento.*

Joseph Ratzinger

1

Introdução

Joseph Ratzinger é considerado um dos maiores teólogos da contemporaneidade. Fora da Igreja Católica, seu pensamento desperta o interesse de pesquisadores de diversas línguas e áreas, no seio, inclusive, de outras denominações cristãs. Sua vasta e ampla obra foi catalogada e atualmente é publicada completa, em diversos volumes. Ratzinger contribuiu consideravelmente para muitas áreas da teologia, como por exemplo: cristologia, eclesiologia, escatologia, hermenêutica bíblica, método teológico, teologia do sacerdócio, teologia fundamental, dentre outras. Seu pensamento é ainda um campo vasto, a ser explorado.

Além da teologia, Ratzinger demonstra, em suas obras, grande conhecimento interdisciplinar, principalmente filosófico, o que proporcionou um diagnóstico preciso sobre as vicissitudes do nosso tempo. A sua capacidade intelectual lhe permitiu produzir uma teologia profunda e contextualizada, capaz de responder a muitas questões hodiernas dirigidas à fé cristã.

Esta dissertação é resultado de uma pesquisa sobre o que Ratzinger denomina “hermenêutica da fé”, com ênfase em sua leitura teológica das Sagradas Escrituras e no modo como a teologia se relaciona com a Bíblia.

Essa hermenêutica foi desenvolvida por Ratzinger como reação aos efeitos da exegese baseada no método histórico-crítico sobre a teologia. Com o advento do uso dos métodos histórico-críticos na pesquisa bíblica, a relação entre a exegese e a teologia sistemática foi gradativamente se tornando complexa, a ponto de esses dois campos distanciarem-se consideravelmente. Ao passo que a exegese se especializava, tornando-se cada vez mais uma ciência histórica e literária, mais complexa a tarefa da interpretação bíblica se tornou. Por isso, muitos teólogos começaram a pensar e produzir, prescindindo da Bíblia baseando-se em outros fundamentos.

No fundamento dessa questão e do problema da exegese histórico-crítica, Ratzinger identifica uma má relação entre fé e razão. Da mesma forma que o avanço científico na modernidade trouxe novas ferramentas de acesso à Bíblia, abrindo novos horizontes de interpretação, e revelando dados até então desconhecidos, também apresentou para a teologia muitos questionamentos e desafios. Dentre esses, podem-se destacar dois. Produziu um afastamento da teologia em relação à Igreja. Por tratar-se de uma ciência, reivindicava-se para a teologia um campo neutro, sem preconceitos, e a Igreja não era obviamente considerada como tal, pois estaria imersa em dogmas e tradições. Segundo, reivindicou uma separação entre a Sagrada Escritura e a Tradição, considerando que os dogmas e a Tradição impediam a neutralidade histórica, fundamento e pressuposto do método histórico-crítico. Impulsionada por esse desafio, a presente pesquisa busca o modo como Ratzinger analisa esse método e suas consequências, bem como a alternativa oferecida por ele para uma possível superação dos seus limites e preenchimento das lacunas que aponta.

Mas, antes de analisar os textos de Ratzinger, foi necessário, para compreender melhor a crítica efetuada por ele, conhecer melhor o método histórico-crítico. Por isso dedicou-se uma parte significativa do segundo capítulo para tratar esse assunto, visto que grande parte das reflexões de Ratzinger sobre a questão hermenêutica e metodológica são feitas a partir da controvérsia causada pelo uso do método. Nessa parte apresenta-se a história do método, seus princípios, a descrição de suas etapas metodológicas e por fim uma avaliação.

A controvérsia em torno do método histórico-crítico e suas nuances foi amplamente refletida por Ratzinger. Isso resultou em vários textos, que proporcionam, além do que o autor pensa a respeito, amplo estado da questão e uma gama de perspectivas abertas para profunda reflexão. Através de pesquisa bibliográfica que foca esses textos, é possível extrair elementos e sistematizar a hermenêutica bíblico-teológica de Ratzinger.

Posteriormente, conscientes do que é o método histórico-crítico, se atenta para esses textos visando extrair, através das análises de Ratzinger, os aspectos característicos do seu pensamento hermenêutico. Nesses textos é possível observar que Ratzinger busca, principalmente, criticar o fundamento filosófico e hermenêutico do método, para posteriormente, consciente das limitações do

mesmo, avaliar seus aspectos e descrever qual seja a hermenêutica e o fundamento mais adequado.

Ainda no segundo capítulo apresenta-se a contribuição da *Dei Verbum* para essa questão. Através da análise de outros textos de Ratzinger, busca-se comprovar a importância das relações entre Sagrada Escritura, Tradição e Igreja; entre exegese, Magistério e Escritura, bem como a natureza teológica da exegese no pensamento do nosso autor. No fim do capítulo, a partir do conteúdo analisado, apresenta-se uma sistematização do que seria a sua hermenêutica da fé e teses a modo de conclusão.

Busca-se, em seguida, verificar se o pensamento hermenêutico bíblico-teológico, apresentado e sistematizado no segundo capítulo, é utilizado por Ratzinger em um tema específico da teologia, a cristologia. Explorar toda a produção cristológica do autor não é possível na delimitação da presente pesquisa, portanto decidiu-se por avaliar o tema em assuntos específicos do mesmo: a importância do dogma para a cristologia bíblica, a oração de Jesus e as suas autoafirmações. Esse capítulo atende ao problema da pesquisa e examina a hipótese de que é possível encontrar na obra de Ratzinger ferramentas hermenêuticas e metodológicas que proporcionem uma relação saudável entre exegese e teologia bíblica para com a teologia sistemática no fazer teológico.

Esse ramo da teologia, a cristologia, foi tema de reflexão desde as primeiras produções intelectuais de nosso autor. Através da apresentação da problemática histórica em que o tema se situa, partindo de suas produções, busca-se contextualizar a sua cristologia. Após, adentrando no tema da metodologia e da hermenêutica-bíblica teológica, é apresentada a importância dos dogmas e dos grandes Concílios para a interpretação das Escrituras na produção cristológica do autor. Em seguida, verifica-se o uso da leitura teológica das Sagradas Escrituras, pressuposto da hermenêutica da fé, em dois temas cristológicos, a oração de Jesus, que se encontra na obra *Olhemos para o que transpassaram*, e suas autoafirmações, presentes em *Jesus de Nazaré. Do batismo no Jordão à transfiguração*. Semelhante ao capítulo anterior, se apresentam teses a modo de conclusão.

No quarto capítulo, último do desenvolvimento, foi realizada uma análise da proposta da metodologia e da hermenêutica bíblico-teológica de Ratzinger, presente na obra *Jesus de Nazaré*. O motivo para tal escolha se deve ao fato de que a obra *Jesus de Nazaré*, sucesso editorial, foi alvo de muitas críticas e análises. Sendo a

crisologia o campo de exame da hipótese da presente pesquisa, e a obra *Jesus de Nazaré* a produção cristológica mais detalhada de Ratzinger, espera-se, através dessa análise, avaliar de forma mais profunda a proposta de uma hermenêutica bíblico-teológica do nosso autor. Para tal, recorre-se às análises empreendidas por diversos autores.

Primeiro, apresentam-se as análises de alguns que evidenciam na proposta metodológica de Ratzinger aspectos inovadores, fundados em um conceito mais amplo de racionalidade. Em seguida, apresenta-se uma análise feita por Giuseppe Segalla às relações de Ratzinger com o método histórico-crítico, na qual se evidencia algumas etapas metodológicas aceitas sem críticas por nosso autor, outras que ele critica para depois utilizar, e, outras ainda, descartadas.

Ainda no quarto capítulo, dedica-se uma seção ao reconhecimento positivo que Ratzinger faz à outras duas metodologias e aproximações para a interpretação da Bíblia: a semiótica e a exegese canônica. A aproximação de Ratzinger à exegese canônica, em especial, foi consideravelmente notada e avaliada por diversos autores. Em seguida, apresentam-se análises feitas à importância da fé, da Tradição, e do serviço teológico à Igreja. Por fim, são apresentadas avaliações de alguns autores que expressam reservas críticas à proposta metodológica de Ratzinger. Finalizando o capítulo, seguem, como nos anteriores, teses a modo de conclusão.

Joseph Ratzinger e a Hermenêutica da Fé

Este capítulo apresenta os traços da hermenêutica bíblico-teológica de J. Ratzinger. A primeira seção descreve aspectos do método histórico-crítico: fundamentos, história, desenvolvimento e características gerais e uma breve avaliação. A segunda seção apresenta a inserção de Ratzinger na discussão que o método suscitou na teologia católica e sua crítica ao método, especialmente a seus fundamentos filosóficos e a alguns pressupostos metodológicos. Na terceira seção é sistematizada a sua proposta de uma hermenêutica bíblico-teológica, que tem como elementos: a *Dei Verbum* como um referencial fundamental, e, em decorrência disso, a Escritura relacionada à Igreja e à Tradição; a natureza teológica da exegese e; Escritura e Magistério em relação à teologia. A penúltima seção apresenta a proposta de uma hermenêutica da fé. Por último são dedicadas teses a modo de conclusão.

2.1

O método histórico-crítico: fundamentos, história, características e avaliação

Prosper Grech e Gabino Uríbarri Bilbao afirmam que a crítica feita por Joseph Ratzinger ao método histórico-crítico é de grande valor para a teologia contemporânea, além de ser um bom ponto de partida para a análise e compreensão do seu pensamento¹. Pode-se observar que ele faz uma crítica a nível filosófico, hermenêutico, histórico e teológico. Nosso autor não desqualifica o emprego desse método, estimula o seu uso, por corresponder ao caráter histórico da fé cristã e da Revelação. No prefácio da obra *Jesus de Nazaré* reconhece suas contribuições à ciência da fé².

¹ GRECH, P., Il Cardinale Ratzinger e L'esegesi attuale, p. 65-77; URÍBARRI, B. G., Para una interpretación teológica de la Escritura, p. 25-66.

² RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré*, V. I, p. 18-19.

Ratzinger não publicou uma obra dedicada apenas à questão da hermenêutica bíblica ou a como a teologia sistemática deveria se relacionar com as Sagradas Escrituras. Porém, nos textos em que aborda a problemática do método histórico-crítico, ele lança luz sobre essa questão fundamental para a tarefa teológica³.

Antes de analisar os textos que Ratzinger dedica a esse tema, é necessário ter presente o método histórico-crítico e o estado de sua questão dentro do ambiente da teologia, católica principalmente, pois é o contexto direto do nosso autor. Isso não isenta de ter em conta também aspectos desse problema no ambiente protestante, visto que, antes, o método foi utilizado na exegese liberal.

No documento da Pontifícia Comissão Bíblica (PCB), *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, é dedicada uma parte significativa para descrever o método histórico-crítico. O prefácio do texto, composto pelo Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, à época o Cardeal J. Ratzinger, deixa transparecer claramente que esse método foi um dos grandes motivos da composição do texto⁴. Dada a importância desse documento e a participação do autor aqui estudado em sua elaboração, essa seção o toma como referência principal. Com isso, se espera alcançar uma compreensão suficiente do método histórico-crítico.

2.1.1

Princípios e fundamentos

A principal característica do método já consta no seu nome, é um método de natureza histórica. O termo histórico do título não se refere apenas à natureza dos textos. Esse seria talvez o menor motivo para tal denominação. O método se chama assim por estudar, principalmente, o alcance histórico das obras e por buscar elucidar os processos de formação pelos quais os textos passaram em sua composição. Aplicado à Bíblia, o método busca descrever os processos de composição e redação dos textos até sua forma final, sendo, portanto, de natureza diacrônica⁵.

O método é chamado crítico por usar ferramentas que buscam uma objetividade embasada em critérios científicos, em todas as suas etapas de análise. A principal intenção dessa configuração é proporcionar ao leitor atual o sentido

³ BLANCO, S. P., Presentación a la obra Leyendo la Biblia con el Papa Benedicto, p. 15-19.

⁴ PCB, A interpretação da Bíblia na Igreja, p. 31-36.

⁵ PCB, A Interpretação da Bíblia na Igreja, p. 41.

mais exato possível dos textos bíblicos. Esse é identificado com o sentido pretendido pelo autor e captável pelos ouvintes e destinatários de sua época, para tanto utiliza as ferramentas e pressupostos que considerada aptos⁶. Joseph Fitzmyer afirma que é chamado de crítico, não porque critique os textos antigos, mas porque usa elementos da crítica literária e histórica⁷.

2.1.2

As etapas metodológicas: história e descrição.

O objetivo da metodologia histórico-crítica é chegar ao comentário exegetico. Esse pretende ser uma explicação exaustiva do texto, em sua forma final, a partir dos dados extraídos de cada etapa da análise⁸. Para tanto, segue etapas, rigorosamente estabelecidas.

Cada etapa do método histórico-crítico possui características diferentes e metodologia específica. Essas etapas são metodologias pertencentes a uma proposta metodológica maior, e em seu conjunto são habitualmente chamadas de método histórico-crítico. Para efeitos de análise, é necessário que cada etapa seja respeitada em sua articulação, pois são dependentes umas das outras⁹. A PCB afirma que, para compreender o estado atual do método histórico-crítico, é necessário conhecer a sua história e seu desenvolvimento¹⁰. Levando em consideração essa afirmação será apresentado um breve percurso histórico relativo a cada etapa em questão.

a) Crítica Textual

Zenódoto de Éfeso, diretor da antiga biblioteca de Alexandria, realizou, aproximadamente no ano 284 a.C., um glossário da obra de Homero, que continha um estudo das palavras de difícil compreensão e tradução¹¹. No período dos Padres da Igreja é possível observar em autores como Jerônimo (347-420), Agostinho (354-430) e Orígenes (185-254) usos semelhantes aos dos comentaristas da Grécia antiga¹². Orígenes compilou uma obra chamada *Hexapla*, que continha os textos grego e hebraico do Antigo Testamento postos lado a lado, em colunas, para

⁶ PCB, A Interpretação da Bíblia na Igreja, p. 41.

⁷ FITZMYER, J., A interpretação da Escritura, p. 78.

⁸ LIMA, M. L. C., Exegese Bíblica, p. 165-169.

⁹ LIMA, M. L. C., Exegese Bíblica, p. 75.

¹⁰ PCB, A Interpretação da Bíblia na Igreja, p. 37.

¹¹ FITZMYER, J., A interpretação da Escritura, p. 75.

¹² FITZMYER, J., A interpretação da Escritura, p. 75-76.

comparação e crítica. Esse autor tinha uma preocupação com as cópias diferentes dos mesmos textos e com o sentido literal, pretendido pelo autor¹³.

Essas ferramentas, usadas pelos antigos, não configuravam estruturalmente o que é conhecido atualmente como a crítica textual, associada ao método histórico-crítico, mas de forma seminal podem ser identificadas semelhanças com procedimentos gramaticais e filológicos atuais. Pode-se considerar suas formas modernas, também, como resultados dos aperfeiçoamentos que essas técnicas sofreram na Idade Moderna graças aos Humanistas, que recorreram às antigas fontes, influenciados pelo Renascimento¹⁴.

Motivados pela busca dos padrões intelectuais da Antiguidade e da sua compreensão, alguns personagens do Renascimento utilizaram ferramental de análise para estabelecer técnicas em vista de realizar edições críticas do texto, não apenas da Bíblia, mas das obras de filósofos, poetas e os mais variados escritores da Antiguidade¹⁵. Erasmo de Roterdã (1466-1536) realizou uma edição crítica do Novo Testamento que serviu de base para a tradução que o reformador Martinho Lutero (1486-1546) fez do Novo Testamento para o alemão¹⁶. Embora não divergissem da interpretação tradicional das Escrituras, reformadores como Lutero e João Calvino (1509-1564) buscavam o sentido literal dos textos se afastando da interpretação alegórica como praticada em seu tempo. Essa possuía elementos semelhantes aos praticados pelos escolásticos como São Boaventura (1217-1274) e Santo Tomás de Aquino (1225-1274), que transitavam entre o modelo simbólico e o espiritual. Uma das consequências dos esforços dessa época foi a busca pelo desenvolvimento de técnicas que proporcionassem melhores resultados na tarefa de interpretação¹⁷. O que hoje se conhece como crítica textual, etapa prévia e imprescindível para as seguintes, se desenvolveu como uma disciplina científica apenas a partir dos anos 1800. A crítica textual é considerada uma ciência à parte. Não é propriamente uma etapa do método histórico-crítico, mas é fundamental, pois prepara o texto para a análise que será efetuada em cada etapa do método¹⁸. Personagem de importante contribuição para esse momento histórico da crítica

¹³ BENTO XVI, PP., Orígenes: vida e obra (1), p. 52.

¹⁴ PCB, A Interpretação da Bíblia na Igreja, p. 37.

¹⁵ FITZMYER, J., A interpretação da Escritura, p. 76.

¹⁶ FERACINE, L., Erasmo de Roterdã: o mais eminente filósofo da renascença; LINS, I., Erasmo, a renascença e o humanismo.

¹⁷ FITZMYER, J., A interpretação da Escritura, p. 76.

¹⁸ LIMA, M. L. C., Exegese Bíblica, p. 77.

textual é John Stuart Mill (1645-1707), que realizou uma edição crítica do *Textus Receptus*. Essa obra deixou em evidência as versões diferentes dos manuscritos¹⁹.

Antes de iniciar as etapas de análise, o texto é submetido à crítica textual²⁰, que é anterior à série das operações realizadas pelo método histórico-crítico²¹. Nessa etapa, para se encontrar o texto mais original possível faz-se uso dos manuscritos mais antigos e melhores, dos testemunhos dos Padres e dos lecionários. Para que o objetivo seja alcançado, regras fixas e rígidas precisam ser seguidas²².

O texto também é submetido a uma análise linguística que se preocupa com a morfologia, a sintaxe e a semântica do texto. Tais elementos são puramente gramaticais, porém são utilizados com a ajuda de conhecimentos históricos e filológicos, para evitar o anacronismo a que o texto de acordo com os padrões semânticos e gramaticais atuais, poderia induzir o interprete²³. São feitas perguntas introdutórias sobre a autenticidade da autoria atribuída; a integridade ou unidade do texto; a data e o lugar da composição; o conteúdo do escrito e seu gênero literário; a ocasião em que foi escrito e com qual propósito; ambiente literário e possíveis influências culturais²⁴.

b) Crítica Literária

Um dos primeiros representantes do desenvolvimento da crítica literária é do século XVII, Richard Simon (1638-1712), que buscava demonstrar as repetições, divergências e diferenças de estilo contidas no Pentateuco. Isso tornou possível a relativização de Moisés como o autor, ou o único autor do conjunto. Outro grande personagem da história do método, Jean Astruc (1648-1766), defendia a ideia de que Moisés teria se servido de várias fontes para a composição. Assim, não negava a autoria total ou parcial, mas, através do recurso da crítica literária, questionava um dado aceito pela tradição Bíblica que remontava à épocas antigas²⁵.

A teoria, levantada através do uso da crítica literária, de que existiram várias fontes para a composição do Pentateuco foi cada vez mais se impondo e

¹⁹ BRAY, G., História da interpretação bíblica, p. 230.

²⁰ WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 39-83; YECID, T. R. J., Exégesis diacrônica de la Bíblia, p. 33-104.

²¹ PCB, A Interpretação da Bíblia na Igreja, p. 42.

²² FITZMYER, J., A interpretação da Escritura, p. 79.

²³ PCB, A Interpretação da Bíblia na Igreja, p. 42.

²⁴ FITZMYER, J., A interpretação da Escritura, p. 78-79.

²⁵ RÖMER, T.; MACCHI, J. D.; NIHAN, C., Antigo Testamento, p. 85-100.

desenvolvendo. A crítica literária se atinha basicamente, a discernir as diferentes fontes que os possíveis autores se teriam servido para a composição dos textos. Assim surgiu a Teoria Documental, representada por Julius Wellhausen (1844-1918). Esse chegou à hipótese de que existiram quatro fontes: o javísta (J), o eloísta (E), o deuteronomista (D) e o sacerdotal (P). Essas quatro fontes derivam de épocas diferentes, o que justifica as diferenças de teologias encontradas nelas²⁶. Posteriormente, a teoria documental se desenvolveu assumindo várias formulações diferentes da proposta por Wellhausen. Gerard Von Rad, desenvolve a forma mais elaborada da teoria das quatro fontes, apoiado pelo desenvolvimento cada vez maior das ferramentas do método. Diferentes teorias surgiram, mas todas elas só foram possíveis pelo uso do método histórico-crítico²⁷. Essa mesma técnica foi aplicada ao Novo Testamento para buscar uma explicação racional das diferenças existentes entre os três Evangelhos Sinóticos. Primeiro se recorreu à hipótese das duas fontes. Uma fonte foi a que se serviu os autores de Lucas e Mateus, já o autor de Evangelho de Marcos se serviu de outra, que foi denominada fonte Q, uma antiga compilação das palavras de Jesus²⁸. Nenhuma dessas duas teorias, a respeito da composição do Pentateuco e das diferenças entre os Evangelhos Sinóticos é aceita sem contestação²⁹.

A crítica literária é primeira etapa do método³⁰. Nela se busca identificar as unidades menores que compõem o texto maior, à luz do que, se examina a sua coerência interna, a fonte de cada uma delas e o processo de evolução da redação³¹. A existência de repetições e divergências manifesta hipoteticamente o caráter compósito³². Essa etapa é de fundamental importância para a compreensão da diacronia. Manifesta ainda a preocupação em compreender o caráter literário e estilístico do texto. Parte dessa crítica já é empreendida nas fases introdutórias, mas nesta etapa ela possui uma intenção diferente, ligada às questões de estilo³³.

²⁶ PCB, A Interpretação da Bíblia na Igreja, p. 37-38.

²⁷ RÖMER, T.; MACCHI, J.D.; NIHAN, C., Antigo Testamento, p. 85-143.

²⁸ PCB, A Interpretação da Bíblia na Igreja, p. 38-39.

²⁹ AGUIRRE, M. R.; RODRIGUEZ, C. A., Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 15-53.

³⁰ WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 84-121; YECID, T. R. J., Exégesis diacrônica de la Bíblia, p. 105-150.

³¹ FITZMYER, J., A interpretação da Escritura, p. 79-80.

³² PCB, A Interpretação da Bíblia na Igreja, p. 42.

³³ FITZMYER, J., A interpretação da Escritura, p. 80.

c) Crítica das Formas

Hermann Gunkel (1862-1932) pode ser considerado o pioneiro do que mais tarde viria a se chamar crítica das formas. Prestando atenção aos diferentes gêneros literários e ao ambiente de origem dos textos (*Sitz im Leben*), ele contribuiu para a ampliação do método³⁴. A crítica das formas foi aplicada aos Evangelhos Sinóticos por Martin Dibelius (1883-1947) e Rudolf Bultmann (1884-1976). Porém, Bultmann utilizou nos estudos da crítica das formas uma hermenêutica bíblica inspirada na filosofia existencialista de Martin Heidegger³⁵.

A crítica das formas examina a estrutura ou organização do texto³⁶. Isso é feito por meio de uma análise individual dos elementos linguísticos nos âmbitos sintáticos, lexicográfico e estilístico.³⁷

d) Crítica dos Gêneros Literários

Maria de Lourdes Corrêa Lima afirma que a crítica dos gêneros literários está, desde os seus inícios, ligada de à noção de “forma”. Por isso pode ser considerada um desdobramento ou uma evolução posterior que ganhou autonomia nas etapas de análise. Sua história está ligada também à da crítica das formas³⁸.

Nela se busca determinar os ambientes literários específicos a cada unidade menor e sua especificidade enquanto gênero de literatura. Outro objetivo é saber se em uma unidade literária maior estão contidos vários gêneros e por qual motivo³⁹. Nessa etapa, o texto bíblico pode ser comparado com textos sagrados de diferentes tradições. Essa operação também busca as possíveis influências contidas nos textos bíblicos, a nível teológico, literário e estilístico⁴⁰.

e) Crítica Histórica

Nos séculos XVI e XVII, os métodos de interpretação bíblica passaram por uma etapa de evolução, com o teólogo holandês Hugo Grotius (1583-1645) e o filósofo Baruch Espinoza (1632-1677), que salientaram o aspecto humano da

³⁴ LIMA, M. L. C., Exegese bíblica, p. 107-109.

³⁵ PCB, A Interpretação da Bíblia na Igreja, p. 39-40.

³⁶ WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 165- 229.

³⁷ FITZMYER, J., A interpretação da Escritura, p. 80; YECID, T. R. J., Exégesis diacrônica de la Bíblia, p. 151-214.

³⁸ LIMA, M. L. C., Exegese Bíblica, p. 123.

³⁹ LIMA, M. L. C., Exegese Bíblica, p. 123-129.

⁴⁰ LAGRANGE, M. J., Caractère historique de la législation civile des hébreux, p. 119-141. O autor pode ser considerado um dos pioneiros do uso do método histórico-crítico na exegese católica.

Bíblia. Novos impulsos foram dados pelo advento do Iluminismo e do historicismo alemão do século XIX, na figura de Leopold von Ranke (1795-1886), que acreditava ser possível narrar o passado como realmente aconteceu. Essa forma de historiografia influenciou muitos exegetas da época⁴¹. Os ataques deístas também colaboraram para o desenvolvimento do método. O personagem Hermann Samuel Reimarus (1694-1768), deísta, escreveu uma obra onde buscava compreender Jesus apenas como um personagem histórico e os Evangelhos apenas como livros antigos. A obra desse autor, publicada postumamente por Gottfried Ephraim Lessing (1729-1781), influenciou o surgimento do que hoje se conhece como a primeira busca do Jesus histórico⁴².

Os autores que se lançaram a tal empreendimento liam os Evangelhos como livros da Antiguidade e suas análises eram feitas com a ajuda de técnicas que o método histórico-crítico, em sua forma clássica, proporcionava. Nessa época, os autores já tinham consciência de que estavam usando um método que proporcionava técnicas específicas. A busca por uma objetividade histórica maior ocasionou posteriores desenvolvimentos do método⁴³.

Descobertas arqueológicas do século XIX e XX também influenciaram no desenvolvimento do método, constituindo-se como fontes adicionais de comparação dos dados registrados nos textos, como fontes primárias de informação sobre o contexto histórico-cultural e os usos linguísticos⁴⁴, proporcionando uma maior compreensão dos fatos históricos referidos na Bíblia⁴⁵. Os maiores nomes, responsáveis pelo desenvolvimento da crítica histórica são: Sir William Ramsay (1852-1916), que afirmava que Lucas e Atos dos Apóstolos era historicamente fidedigno. J.A.T. Robinson (1919-1983) buscou, através de estudos complexos e controvertidos historicamente, comprovar a autoria paulina de muitas epístolas classicamente atribuídas ao Apóstolo aos gentios⁴⁶.

A crítica histórica é usada quando se trata de analisar e comentar um texto do gênero literário histórico que possua relação direta com eventos históricos

⁴¹ SESBOÜÉ, B.; THEOBALD, C., História dos dogmas, V. I, p. 287-288.

⁴² SESBOÜÉ, B.; THEOBALD, C., História dos dogmas, V. I, p. 286.

⁴³ FITZMYER, J., A interpretação da Escritura, p. 76-77.

⁴⁴ TREBOLLE, B. J., Los manuscritos del mar Muerto, p. 438-465; VERMES, G., O impacto dos Manuscritos do Mar Morto sobre o estudo do Novo Testamento; O impacto dos manuscritos do Mar Morto sobre os estudos Judaicos; Os essênios e a história, p. 123-159.

⁴⁵ FITZMYER, J., A interpretação da Escritura, p. 75.

⁴⁶ BRAY, G., História da interpretação bíblica, p. 447-449.

constatáveis⁴⁷. É o passo metodológico dado para uma determinação mais objetiva possível do alcance histórico que o texto possui. Esse alcance histórico é medido de acordo com os padrões da ciência histórica moderna⁴⁸.

f) Crítica da Redação

Outro elemento do método é a crítica da redação. Essa coloca em evidência a contribuição pessoal de cada redator na composição do texto, bem como as respectivas teologias que configuram o seu pensamento e influenciavam diretamente no conteúdo do escrito⁴⁹.

O maior representante clássico da evolução dessa ferramenta, quando se trata dos estudos do Antigo Testamento, é G. von Rad. Esse estudioso buscava através das diferenças teológicas contidas nos textos, identificar as contribuições de cada redatores, supostamente situados em diferentes épocas e até mesmo contextos⁵⁰. Em relação ao Novo Testamento, pode-se citar Bultmann, que realizou operação semelhante a G. von Rad⁵¹. Porém essa técnica pode ser considerada como iniciada e elaborada de forma mais técnica, compondo uma metodologia, em rigor, a partir dos anos 1940⁵².

A crítica da redação busca analisar os processos redacionais sofridos pelo texto no decorrer de suas etapas até a composição final. Assim é possível, hipoteticamente, definir a época da formulação final. Busca também explicar as motivações das intervenções redacionais⁵³.

g) Crítica das Tradições

Outra etapa fundamental é a crítica das tradições. Essa também é chamada de crítica da tradição, no singular, pois busca identificar uma tradição específica em determinado texto, que pode conter diferentes tradições. De modo mais amplo, a crítica das tradições busca a evolução do texto no decorrer da história. As unidades menores são comparadas entre si para buscar, na composição final do texto, as

⁴⁷ WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 236-245.

⁴⁸ PCB, A Interpretação da Bíblia na Igreja, p. 43.

⁴⁹ PCB, A Interpretação da Bíblia na Igreja, p. 40.

⁵⁰ BRAY, G., História da interpretação bíblica, p. 410-414.

⁵¹ BRAY, G., História da interpretação bíblica, p. 445-447.

⁵² WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 122.

⁵³ LIMA, M. L. C., Exegese Bíblica, p. 131-140.

marcas das evoluções pela qual o texto passou⁵⁴. As reinterpretações e simples adições são hipoteticamente comprovadas pelas diferenças teológicas internas ao texto, comprovando assim o caráter compósito e a diversidade de autores⁵⁵ e analisa também o processo de redação que o texto sofreu até a sua redação final, buscando as suas orientações básicas. Esta última etapa encerra a análise diacrônica⁵⁶.

2.1.3 Avaliação

A PCB afirma que o método histórico-crítico usado de maneira objetiva e sem nenhum *a priori* não oferece problemas; esses se encontram nas hermenêuticas de fundo que podem configurar o uso do método de acordo com os pressupostos que elas implicam⁵⁷. O método foi capaz de mostrar que o Antigo Testamento é uma coleção de escrito de múltipla autoria e que teve uma longa e complexa pré-história ligada à história do povo Israel. O mesmo foi evidenciado em relação ao Novo Testamento com referência à sua ligação com a Igreja. O conhecimento das condições históricas dos textos tornou a interpretação mais precisa⁵⁸.

De acordo com a PCB, o uso clássico do método se revelou limitado ao buscar apenas o sentido histórico dos textos bíblicos nas suas circunstâncias de formação. Isso não deixava espaço para a capacidade que Bíblia tem de falar a diferentes situações e momentos históricos. Assim, mostrou-se necessário, uma reorientação de determinados aspectos do método. Isso deu início a uma busca por ferramentas que se dedicassem ao aspecto sincrônico do texto e a seu caráter de palavra de Deus, pois em sua forma clássica, o que o método proporcionava eram ferramentas ligadas à diacronia e a autoria humana.

O método histórico-crítico é analítico. A sua preocupação maior é analisar os textos históricos enquanto linguagem humana. Assim ele é aplicado ao texto bíblico. Por estar limitado epistemologicamente nesse aspecto, ao não levar em consideração a possibilidade de que Bíblia seja diferente dos outros textos, empregado com fundamentos filosóficos e hermenêuticos específicos – como o

⁵⁴ WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 245-248.

⁵⁵ WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 122-164; YECID, T. R. J., Exégesis diacrônica de la Bíblia, p. 215-234.

⁵⁶ PCB, A Interpretação da Bíblia na Igreja, p. 42-43.

⁵⁷ PCB, A Interpretação da Bíblia na Igreja, p. 43.

⁵⁸ PCB, A Interpretação da Bíblia na Igreja, p. 43-44.

pensamento iluminista e a hermenêutica existencial – não permite que se perceba, muitas vezes, o conteúdo da Revelação divina contido na Bíblia⁵⁹. Fitzmyer afirma que, por esta razão, o método foi colocado sob justa suspeita por parte de algumas denominações cristãs, entre as quais a Igreja Católica.

Para estabelecer a cronologia dos textos, o trabalho da crítica literária decompõe e recorta os textos em partes chamadas perícopes. A finalidade é descobrir as possíveis fontes e o processo de evolução da redação do texto, desde suas formas iniciais até sua forma final. Assim, a exegese histórico-crítica é avaliada de maneira negativa, por alguns autores, como simples fragmentação e destruição dos textos. Em parte, essas críticas se compreendem, pelo fato de alguns de seus proponentes terem sido fortemente influenciados pela história das religiões comparadas e pelo historicismo alemão, de caráter positivista⁶⁰. Esses, muitas vezes, emitiam juízos negativos contra a Bíblia⁶¹.

A influência do iluminismo se percebe também na busca do Jesus histórico, que se contrapunha a qualquer forma de dogma, e, mais especificamente, a qualquer tradição institucionalizada. Esse fundamento filosófico do método, em muitos casos, não foi percebido pelos que dele fizeram uso⁶². Albert Schweitzer (1875-1965), foi um dos responsáveis em demonstrar esse fato em sua maior obra: *Die Geschichte der Leben Jesu-Forschung*⁶³. Esse livro foi responsável por esclarecer que muitas das buscas pelo Jesus histórico eram marcadas fortemente pela ideologia de seus autores, sendo, por isso, um retrato de sua época e de seus pressupostos⁶⁴. A hermenêutica de Martin Heidegger como forma de atualização da mensagem contida nos Evangelhos, assumida por Bultmann, é outra operação filosófica que também se refletiu no fundamento do método⁶⁵.

A situação inicial de suspeita com relação ao método, e até atitudes mais abertamente contrárias a ele, foram sendo paulatinamente amenizadas e superadas graças também as intervenções do Magistério. Orientações como as de Pio XII na *Divino Afflante Spiritu* (1943) e as da PCB, *Sancta Mater Ecclesia* (1964) deram

⁵⁹ PCB, A Interpretação da Bíblia na Igreja, p. 41.

⁶⁰ SESBOÜÉ, B.; THEOBALD, C., História dos dogmas, V. I, p. 288-289.

⁶¹ PCB, A Interpretação da Bíblia na Igreja, p. 39.

⁶² FITZMYER, J., A interpretação da Escritura, p. 82.

⁶³ COLOMBO, G., Sobre a exegese científica, p. 193-194.

⁶⁴ RATZINGER, J., Interpretação bíblica em crise, p. 120.

⁶⁵ SESBOÜÉ, B.; THEOBALD, C., História dos dogmas, V. I, p. 308.

grandes contribuições. A maior delas, porém, foi dada pela *Dei Verbum* (1965) do Concílio Vaticano II.

2.2

Ratzinger e o método histórico-crítico

Motivados pelo que a *Dei Verbum* aconselha a respeito da utilização do método histórico-crítico, não apenas exegetas, mas também teólogos sistemáticos se dedicaram mais ativamente a compreender o que ele poderia fornecer de positivo à teologia e à compreensão da Revelação divina contida nas Sagradas Escrituras, mas também os seus limites. Maria de Lourdes Corrêa Lima afirma que Ratzinger dedicou-se ativamente a essa questão. Isso é possível observar em grande parte de suas obras, textos, partes de livros e pronunciamentos⁶⁶.

A análise dessas reflexões constitui o objeto da presente pesquisa, na medida em que torna possível compreender a sua proposta de hermenêutica da fé. Levando em consideração as características do método, antes examinadas, serão apresentadas nessa seção, os aspectos gerais da análise crítica que lhe é feita por Ratzinger. A primeira subseção apresenta como a controvérsia gerada pelo método marcou o desenvolvimento intelectual de nosso autor que, desde a sua formação, reflete sobre elas. Na segunda subseção apresenta-se a crítica de Ratzinger aos fundamentos filosóficos e a alguns dos seus aspectos metodológicos.

2.2.1

A inserção histórica e contextual de J. Ratzinger na questão histórico-crítica

Ao abordar o tema das relações entre Magistério e Exegese – relação inicialmente marcada por polêmicas em torno do método histórico-crítico – em seu discurso por ocasião dos cem anos da criação da PCB, Ratzinger afirma: “...há mais de meio século o meu percurso teológico pessoal move-se no âmbito determinado por esse tema”⁶⁷.

Nesse discurso, Ratzinger rememora eventos importantes para a sua carreira teológica referentes a problemas da interpretação da Bíblia no contexto católico.

⁶⁶ LIMA, M. L. C., A interpretação da Sagrada Escritura: eixo hermenêutico segundo J. Ratzinger-Papa Bento XVI, p. 159-186.

⁶⁷ RATZINGER, J., La relación entre Magistério de la Iglesia y exégesis, p. 175.

Recorda que exegetas católicos exprimiam o desejo de gozar da mesma liberdade científica e acadêmica que seus colegas protestantes, pois sua produção era por esses considerada atrasada⁶⁸. Nesse seu desejo, acreditavam que seria possível atingir uma completa objetividade histórica. Não pensavam, porém, nas implicações filosóficas que marcavam os princípios e pressupostos do método histórico-crítico, determinando de antemão seus possíveis resultados⁶⁹.

Ratzinger, olhando para os teólogos que representavam o espírito e as esperanças científicas dos intelectuais exegetas de sua época, chega à conclusão de que:

Não se lhes perspectivava a questão hermenêutica, ou seja, não se interrogavam em que medida o horizonte de quem pergunta determine o acesso ao texto, tornando necessário esclarecer, antes de mais, qual seja o método justo de perguntar e de que forma é possível purificar o próprio perguntar⁷⁰.

Para Ratzinger a encíclica *Divino Afflante Spirito*⁷¹ inaugura uma nova fase da relação entre os estudos bíblicos e o Magistério⁷², e uma nova maneira de compreender a Revelação, fomentando o uso de métodos históricos⁷³. Depois, segue-se a constituição dogmática *Dei Verbum*, que consolida positivamente a relação entre a exegese e o Magistério⁷⁴, essa constituição contribuiu para uma renovada maneira de compreender a Revelação e aprofundou a possibilidade de uso dos métodos históricos na exegese. Esse documento põe em relevo a dimensão teológica da Bíblia, que deveria ser levada em consideração por exegetas e teólogos sistemáticos⁷⁵. Esses pressupostos revelam que o método histórico-crítico possui seus limites, pois não é capaz de compreender a dinâmica divina contida na palavra humana. Assim a Bíblia é posta em seu lugar e também o método histórico-crítico⁷⁶. Nesse processo Ratzinger enxerga a inauguração de um novo momento entre exegese e Magistério, bem como o seu desenvolvimento.

Um evento que consolida essa nova fase se dá com o Motu Proprio *Sedula*, de 1971, Paulo VI reestrutura a PCB, que deixa de ser um órgão do Magistério e

⁶⁸ RATZINGER, J., La relación entre Magistério de la Iglesia y exégesis, p. 177.

⁶⁹ RATZINGER, J., La relación entre Magistério de la Iglesia y exégesis, p. 178.

⁷⁰ RATZINGER, J., La relación entre Magistério de la Iglesia y exégesis, p. 178.

⁷¹ RATZINGER, J., Jesus de Nazaré, V. I, p. 12.

⁷² COLOMBO, G., Sobre a exegese científica, p. 205-206.

⁷³ SESBOÜÉ, B.; THEOBALD, C., História dos dogmas, V. I, p. 308-309.

⁷⁴ FITZMYER, J., A interpretação da Escritura, p. 13-28.

⁷⁵ SESBOÜÉ, B.; THEOBALD, C., História dos dogmas, V. I, p. 419-456.

⁷⁶ RATZINGER, J., La relación entre Magistério de la Iglesia y exégesis, p. 180.

passa a ser um local onde os exegetas e o Magistério da Igreja Católica podem dialogar. Esse fato resulta em maior liberdade. Posteriormente em 1993 com o texto da PCB: *A interpretação da Bíblia na Igreja*, a Comissão elabora as normas que deveriam nortear a interpretação bíblica. Importante notar que Ratzinger considera esse documento o ponto alto do reconhecimento de quanto o método histórico-crítico é imprescindível para a interpretação da Bíblia.

2.2.2

Crítica Ratzingeriana aos pressupostos e fundamentos filosóficos

Um dos principais dados encontrados em sua crítica, presente na maioria dos textos em que trata do tema, é a análise feita aos pressupostos e aos fundamentos filosóficos que estão na base de algumas manifestações da exegese histórico-crítica⁷⁷. Nesses textos, encontra-se uma crítica dirigida a pelo menos quatro tipos diferentes de exegese. Em três delas, nosso autor identifica diferentes fundamentos filosóficos, na esteira de três pensadores: Heidegger, Kant e Marx.

a) Fundamento kantiano

Ratzinger entende que o principal fundamento filosófico que está na base da ciência após o Iluminismo é o pensamento de Immanuel Kant. Já em sua obra: *Escatologia. Morte e Vida Eterna*, Ratzinger afirmava que diversos ramos da ciência foram fortemente influenciados pelas categorias de pensamento desse filósofo, inclusive as ciências históricas e humanas. Por ter o método histórico-crítico se desenvolvido na esteira de pressupostos da ciência moderna, é possível identificar na fundamentação do método aspectos da filosofia kantiana⁷⁸.

Outros autores como Stanley Grenz, Roger Olson e Ed Miller chegaram à mesma conclusão, ao afirmar que os primórdios da exegese liberal protestante foram, em grande parte, uma adequação aos padrões científicos e filosóficos de fundamentação kantiana⁷⁹.

⁷⁷ RATZINGER, J., *Interpretação bíblica em crise.*; RATZINGER, J., *Origem e natureza da igreja*, p. 9-29; RATZINGER, J., *As novas problemáticas surgidas nos anos 1990*, p. 109-128. Nestes três textos podemos encontrar a crítica feita por Ratzinger de forma mais clara, sistematizada e desenvolvida.

⁷⁸ RATZINGER, J., *Escatologia*, p. 43-45. O original alemão dessa obra é de 1977.

⁷⁹ GRENZ, S. J.; OLSON, R. E., *A teologia do século 20 e os anos críticos do século 21*; GRENZ, S. J.; MILLER, E. L., *Teologias Contemporâneas*; OLSON, R., *História da Teologia Cristã*.

Em outros exegetas, a consciência filosófica acha-se menos marcada, mas o fundamento na teoria do conhecimento de Kant está sempre implicitamente presente como acesso hermenêutico evidente que orienta sempre o caminho da crítica⁸⁰.

De acordo com Ratzinger, é possível encontrar nas abordagens exegéticas feitas segundo o método histórico-crítico os seguintes traços da filosofia kantiana: a negação da metafísica, do acesso humano à voz do ser em si e da possibilidade da manifestação do absoluto na história.

Como tudo o que é humano contém também este método, ao lado de suas possibilidades positivas, certos perigos: a busca do sentido original pode levar a se reter completamente a Palavra no passado e não permitir que seja percebida em sua atualidade. Com isso pode deixar somente a dimensão humana da palavra aparecer como real, enquanto o autor mesmo, Deus, encontra-se fora do alcance, por se tratar de um método que foi elaborado precisamente para a compreensão das realidades humanas⁸¹.

Esses elementos tocam direta e negativamente o trabalho teológico. Ratzinger considera existir nesse ponto uma incompatibilidade epistemológica⁸² e uma abertura ao relativismo⁸³.

Segundo Ratzinger, a primeira manifestação desse tipo de metodologia exegética foi recebida pela Teologia Liberal, que interpretou Jesus como um grande individualista, em conformidade com a modernidade filosófica. Esse Jesus é contra toda instituição, todo culto e toda religiosidade fomentada pela Igreja. Esse personagem reduz tudo à ética que está ancorada na consciência de cada indivíduo⁸⁴ e nunca planejou fundar uma Igreja ou qualquer nova religião⁸⁵.

Nosso autor afirma que devido à influência filosofia kantiana no trabalho teológico foi possível o surgimento da Teologia das Religiões, chamadas por alguns autores de Teologia Global ou Teologia Universalista. Seu expoente mais conhecido é em John Hick. Esse tipo de teologia nega que Jesus Cristo seja realmente o Deus Único e Verdadeiro que se encarnou na história⁸⁶. Hick se apoia nas descobertas da exegese recente, que, através do uso do método histórico-crítico, teria conseguido provar que Jesus Cristo não se compreendia como filho de Deus⁸⁷.

⁸⁰ RATZINGER, J., As novas problemáticas surgidas nos anos 1990, p. 126.

⁸¹ RATZINGER, J., Prefácio ao Documento da Comissão bíblica, p. 27.

⁸² RATZINGER, J., Interpretação bíblica em crise, p. 130.

⁸³ RATZINGER, J., As novas problemáticas surgidas nos anos 1990, p. 119.

⁸⁴ MACHEN, J. G., Cristianismo e Liberalismo.

⁸⁵ RATZINGER, J., Origem e natureza da Igreja, p. 10.

⁸⁶ RATZINGER, J., As novas problemáticas surgidas nos anos 1990, p. 113-115.

⁸⁷ MILLER, E. L.; GRENZ, S. J., Teologia Global: John Hick, p. 201-224.

Ratzinger nota, quando analisa essa teologia, que ela está em sintonia com o relativismo, segundo o qual não pode haver absoluto na história. O resultado desse processo é um afastamento da verdade de fé defendida pela Tradição da Igreja e sustentada pelo Magistério. Para Ratzinger, o que se perde principalmente está relacionado à questão central da fé cristã: a Revelação de Deus na história através de Jesus Cristo.

b) Fundamento marxista

Ratzinger identifica, em certas manifestações da exegese histórico-crítica, pressupostos marxistas. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, a divisão do mundo em dois blocos se agravou, definindo claramente o mundo dos povos ricos, pautados no modelo liberal e o bloco marxista, que se entendia como a voz dos povos pobres⁸⁸.

Esse contexto proporcionou o surgimento de uma interpretação de tipo marxista. A oposição feita pela exegese liberal entre profetas e sacerdotes é lida em chave da luta de classes. Como exemplo, as categorias opressor e oprimido são utilizadas para interpretar as relações entre clérigos e leigos, respectivamente. A morte de Jesus é basicamente interpretada em favor dos pobres, ocasionada por sua luta contra as instituições, forças opressoras. O caráter escatológico da mensagem evangélica interpretado em chave marxista resulta em que o fim pregado por Jesus é o fim da ordem econômico-social atual de injustiça econômica e de total opressão. Jesus nunca pregou a Igreja, sim o Reino. Essa conclusão se baseia em que a maior parte da pregação de Jesus foi acerca do Reino de Deus e poucas vezes sobre a Igreja. Disso deduz-se que sua intenção não era fundar uma Igreja. O Reino, nessa chave de leitura, é uma sociedade sem classes⁸⁹.

Esse modelo possui semelhanças em relação à hermenêutica teológica da Teologia da Libertação, que interpretou a Bíblia, em alguns casos, de forma similar. Ratzinger cita o exemplo de Paul Knitter, que como as Teologias da Libertação, também está fundamentado nas descobertas exegéticas com traços marxistas⁹⁰.

⁸⁸ RATZINGER, J., *Origem e natureza da Igreja*, p. 11.

⁸⁹ RATZINGER, J., *Origem e natureza da Igreja*, p. 11-12.

⁹⁰ RATZINGER, J., *As novas problemáticas surgidas nos anos 1990*, p. 116-119.

c) Bultmann: crítica das formas, crítica da tradição, fundamento heideggeriano e demitologização

Outro fundamento filosófico encontrado por Ratzinger é heideggeriano, ele dedica atenção especial à análise dessa tendência e a considera como uma das configurações que mais marcou a exegese e a teologia da segunda metade do século XX⁹¹. O maior representante dessa configuração exegética é Rudolf Bultmann. Ratzinger esclarece que no debate atual muitos dos aspectos das teorias dessa configuração foram corrigidos e superados, como seus julgamentos históricos e teológicos, porém seus traços essenciais continuam a determinar procedimentos da exegese⁹².

Questionando-se sobre as hermenêuticas relativas às escolhas dos pressupostos que tornam possível uma correta e ampla leitura da Bíblia, Ratzinger afirma acerca de Bultmann:

Se Rudolph Bultmann usou a filosofia de Martin Heidegger como veículo para representar a palavra bíblica, então este veículo está de acordo com a mensagem de Jesus. Mas esta reconstrução em si não é igualmente um produto desta filosofia? Dum ponto de vista histórico, quão grande é sua credibilidade? Afinal, estamos ouvindo Jesus ou Heidegger com este enfoque da compreensão?⁹³.

Ratzinger identifica outros pressupostos importantes, no pensamento de Bultmann, que marcam a exegese histórico-crítica. Para esse autor, era necessário superar a maneira arbitrária como desenvolveu-se a exegese até o seu momento, muito marcada pelos julgamentos da teologia liberal, que para ele eram completamente parciais. Ele buscou estabelecer critérios literários – através da crítica das formas e da crítica da tradição – bastante estritos que fossem capazes de mostrar como os textos foram desenvolvidos até chegar à sua forma final, assim seria capaz de explicar o verdadeiro surgimento do texto e as diferentes tradições envolvidas no processo da composição. Buscava as formas puras e as regras que governaram o desenvolvimento do texto até a forma final. Ratzinger questiona como seria possível chegar às regras fundamentais para depois avaliar o seu posterior desenvolvimento⁹⁴.

⁹¹ RATZINGER, J., *Interpretação bíblica em crise*, p. 120-131. GRONDIN, J., *Hermenêutica*, p. 55-59.

⁹² RATZINGER, J., *Interpretação bíblica em crise*, p. 120-121.

⁹³ RATZINGER, J., *Interpretação bíblica em crise*, p. 115.

⁹⁴ RATZINGER, J., *Interpretação bíblica em crise*, p. 121-122.

Existe outro pressuposto, que Ratzinger nomeia de axioma, a noção de descontinuidade. Não existe apenas a descontinuidade entre o Jesus pré-pascal e o período de formação da Igreja, mas todas as fases de formação da tradição teriam passado pelo dito processo. É como se os autores que aceitam esse axioma buscassem a descontinuidade e a contradição interna no processo de formação das tradições. De acordo com essa forma de pensar, o que é original deve ser o mais simples possível, qualquer sistema mais complexo é um desenvolvimento ulterior da tradição marcado pela descontinuidade. Quanto mais um texto é considerado teologicamente sofisticado mais tardio é. Quanto mais rudimentar e pouco desenvolvido, mais original⁹⁵. Ratzinger considera que de “... modo algum é tão evidente como parece à primeira vista.”⁹⁶. Uma das consequências do que nota Ratzinger, nessa citação é: o julgamento poderá ser dependente dos valores e escolhas teológicas de cada exegeta, o que resulta na arbitrariedade.

Ratzinger considera esse modelo exegético como uma transferência simplista da epistemologia científica das ciências naturais para a história espiritual, sendo que essa segue a regras bastantes particulares. Ele mostra essa fragilidade ao levantar alguns questionamentos, por exemplo: quem é mais desenvolvido Clemente de Roma ou o Apóstolo Paulo? Tiago ou a Carta aos Romanos? Não se pode sempre considerar que o que é mais recente em uma tradição seja mais desenvolvido que a sua origem, o que se vê na consideração de que a ortodoxia luterana era muito mais medieval do que o próprio Martinho Lutero.⁹⁷ Segundo Ratzinger: “Todo julgamento baseado na teoria da descontinuidade na tradição e na afirmação de uma prioridade evolucionária do simples sobre o complexo pode, pois, ser imediatamente questionado por falta de fundamentação”⁹⁸.

Para examinar os critérios utilizados na determinação do que é mais simples e original, Ratzinger considera importante a distinção entre forma e conteúdo. Bultmann buscava as formas originais, a partir das quais todas as posteriores se teriam desenvolvido. Bultmann acreditava na existência uma forma que resumiria um determinado conteúdo concisamente. O interesse se concentra na palavra, considerada o mais original. A partir desse critério todas as narrativas e situações

⁹⁵ RATZINGER, J., *Interpretação bíblica em crise*, p. 122.

⁹⁶ RATZINGER, J., *Interpretação bíblica em crise*, p. 123.

⁹⁷ RATZINGER, J., *Interpretação bíblica em crise*, p. 123-124.

⁹⁸ RATZINGER, J., *Interpretação bíblica em crise*, p. 124.

onde a pregação de Jesus é encontrada foi um possível acréscimo posterior. Ou seja, para esse autor, as formas iniciais seriam as palavras de Jesus, sua pregação. Sendo assim, talvez nunca tivesse existido um sermão da montanha, não em relação ao conteúdo, mas sim à forma e ao fato narrado. Levada às últimas consequências a diacronia do método, até mesmo os conteúdos da pregação de Jesus podem ser vistos como acréscimos, de acordo com o nível de sofisticação da mensagem⁹⁹.

Para Ratzinger essa tese esconde dois outros pares de opostos: palavra contra o culto e a escatologia contra apocalíptica; esses dois pares de opostos representam a oposição que é feita entre judaísmo e helenismo. O que é helenístico não é palestino, logo não é judaico, logo não foi Jesus que disse, pois era palestino, e obviamente não é original. Todo elemento helenístico e místico de culto deve ser considerado como não autenticamente de Jesus. Da aplicação desse princípio, o que sobra é um profeta estritamente escatológico, pois a apocalíptica é uma forma helenizada de pensamento escatológico, logo não pode ser de Jesus que era palestino¹⁰⁰.

Ratzinger é consciente que desse enfoque surgiram dois desafios para a exegese. Nosso autor afirma que o primeiro desafio consiste na passagem dessa nova figura de Jesus à comunidade primitiva, que o compreendia de maneira completamente apocalíptica e helenizada. Essa comunidade, como a interpreta Bultmann, cultuava Jesus como Messias, numa mescla de aspectos estoicos e um espantoso sincretismo. O primeiro desafio foi relativamente fácil de se resolver. A solução encontrada foi afirmar que o conteúdo encontrado no Novo Testamento é fruto de uma comunidade inteira, não de autores individuais. As noções românticas e a obra de Gunkel e Bousset, da escola da história das religiões, exerceram forte influência nesse ponto.

O segundo desafio é encontrar uma forma de tornar a suposta mensagem original de Jesus compreensível para os dias de hoje, para o que Bultmann fez uso da filosofia de Heidegger como chave hermenêutica¹⁰¹, para realizar o que chama de demitologização e de ressignificação existencial. Para Ratzinger, Bultmann buscava ler a Bíblia com a “ideia moderna do mundo”¹⁰². Ratzinger considera esse

⁹⁹ RATZINGER, J., *Interpretação bíblica em crise*, p. 124-125.

¹⁰⁰ RATZINGER, J., *Interpretação bíblica em crise*, p. 126.

¹⁰¹ RATZINGER, J., *Interpretação bíblica em crise*, p. 127.

¹⁰² RATZINGER, J., *As novas problemáticas surgidas nos anos 1990*, p. 126.

desafio mais difícil de se resolver. Refutar essa forma de pensamento exige um nível de aprofundamento grande, pois é o mesmo que contrapor a forma de pensar da maior parte da comunidade científica, que dita a cosmovisão atual, que é recepcionada, muitas vezes sem crítica. A teoria da demitologização de Bultmann não era o maior problema e nem foi tão aceita e divulgada como a sua teoria das formas. Porém, a solução dada por Bultmann à compreensão de Jesus no presente foi associar a sua mensagem ao conteúdo da filosofia existencialista do jovem Heidegger¹⁰³. Logo, revelando assim o seu pressuposto hermenêutico¹⁰⁴.

2.3

Ratzinger e a *Dei Verbum*. Um referencial fundamental

Elemento fundamental, de acordo com Thomas Söding, para compreender a natureza da exegese e da teologia no pensamento de Joseph Ratzinger, é a interpretação da Sagrada Escritura inserida em uma instância maior, a Revelação¹⁰⁵. Esse pressuposto é endossado pela constituição dogmática sobre a Divina Revelação do Concílio Vaticano, *Dei Verbum*, Escritura e Tradição¹⁰⁶. Nosso autor busca delinear o seu trabalho teológico de acordo com a dita constituição¹⁰⁷.

É possível observar que grande parte das análises que Ratzinger faz ao método histórico-crítico tem como pressuposto o conteúdo da *Dei Verbum*. Os traços positivos da sua hermenêutica estão ligados significativamente à mesma Constituição Dogmática, que reconhece o caráter imprescindível do método para o estudo das Sagradas Escrituras. Ratzinger, de igual forma, também reconhece o valor do método. Não é possível compreender os juízos de Ratzinger nessa questão, sem antes entender a importância da *Dei Verbum* em seu pensamento¹⁰⁸.

Esse elemento marca profundamente a sua carreira teológica e influencia muitos aspectos do seu pensamento. Além disso, sua participação ativa no Conjunto

¹⁰³ MILLER, E. L.; GRENZ, S. J., Jesus Cristo e a mitologia: Rudolf Bultmann, p. 49-68.

¹⁰⁴ RATZINGER, J., Interpretação bíblica em crise, p. 127-128.

¹⁰⁵ SÖDING, T., La vitalidade de la Palabra de Dios, p. 21-95.

¹⁰⁶ DV 10.

¹⁰⁷ RUIZ, G., História de la constitución “*Dei Verbum*”, p. 3-99.

¹⁰⁸ DÍAZ, R. J. M., El pensamiento de Joseph Ratzinger sobre los métodos de interpretación de la Escritura, p. 69-84.

do Concílio Vaticano II¹⁰⁹, sua contribuição na redação da Constituição Dogmática *Dei Verbum* foi fundamental¹¹⁰.

O tema da Revelação divina esteve presente na carreira teológica de Ratzinger desde os seus primeiros trabalhos, tendo sido tratado em sua tese de habilitação, intitulada: *Compreensão da Revelação e teologia da história de São Boaventura*¹¹¹. Ratzinger assume que os estudos sobre São Boaventura influíram em “grande medida” em sua formação¹¹². Os estudos boaventurianos não exerceram influência decisiva apenas nesta temática, mas de forma ampla em sua formação¹¹³.

A teologia da Revelação de Joseph Ratzinger é teologia para a Igreja desde a universidade. O fato de que o cardeal Frings haja oferecido ao todavia jovem teólogo colaborar com ele como consultor no Concílio Vaticano II e dedicar-se especialmente do tratado da Revelação – sumamente difícil e o mais controverso de todos - deu a Ratzinger um forte impulso para o desenvolvimento da teologia da Revelação como teologia da Palavra de Deus que é ao mesmo tempo eminentemente eclesial e está eminentemente aberta a teologia das religiões e ao diálogo com o mundo¹¹⁴.

Através desses elementos, que o autor destaca de forma indireta, porém positiva, pode-se compreender melhor a sua hermenêutica bíblico-teológica e a maneira como ele compreende a relação entre Sagrada Escritura e Teologia Sistemática. Nessa seção são apresentados aspectos do pensamento de Ratzinger, ligados à *Dei Verbum*, que explicitam os eixos centrais do seu pensamento relacionadas a essa questão: A relação entre Escritura, Igreja e Tradição, a natureza teológica da exegese e suas relações com o Magistério e as relações entre Escritura, Magistério e Teologia.

¹⁰⁹ RATZINGER, J., Lembranças da minha vida, p. 97-109.

¹¹⁰ RATZINGER, J., Introducción y comentario al Proemio, a los capítulos I, II, VI de la Constitución sobre la divina Revelación *Dei Verbum*, p. 664-739; *De Voluntate Dei erga hominem*. La voluntad de Dios con el hombre: Borrador de un nuevo esquema sobre la revelación, oct. de 1962, p.139-143; *De revelatione Dei et hominis in Jesu Christo facta*. La revelación de Dios y el hombre en Jesucristo revelación, oct de 1962. Borrador de un nuevo esquema sobre la revelación, em común com K. Rahner, oct.-nov. de 1962, p. 144-169; La única fonte de la Revelación. Borrador para la intervención ante la 19ª congregación general, del 14 de noviembre de 1962, sobre el esquema: << *De fontibus revelationis* >> (y las observaciones complementarias expuestas ante la 21ª congregación general el 17-11-1962), p. 192-197. As últimas quatro referências são contribuições ratzingerianas às discussões conciliares que deram origem a *Dei Verbum*.

¹¹¹ RATZINGER, J., Lembranças da minha vida, p. 77-90; RATZINGER, J., Comprensión de la revelación y teología de la historia de san Buenaventura, p. 1-590. No volume dois das obras completas de Joseph Ratzinger pode-se encontrar as duas versões do texto. Na primeira versão é dedicada uma parte substancial ao tema da Revelação.

¹¹² RATZINGER, J., São Boaventura de Bagnoregio, p. 288.

¹¹³ BLANCO, S. P., Joseph Ratzinger, um retrato teológico, p. 27-68.

¹¹⁴ SÖDING, T., La vitalidade de la Palabra de Dios, p. 27-28.

2.3.1 Escritura, Tradição e Igreja

Para Ratzinger não é possível interpretação teológica da Bíblia que não esteja ligada à Tradição¹¹⁵, logo, à Igreja¹¹⁶. Recuperar a confiança na continuidade da memória da Igreja é fundamental e ela está na Tradição¹¹⁷. Essa deve possuir um caráter crítico em relação a qualquer forma de pensamento teológico e exegético que a ela se contraponha:

A compatibilidade com a memória básica da Igreja é a norma para aquilo que se deve considerar como histórica e objetivamente fiel à mesma, em contraposição ao que provém não da palavra bíblica, mas da própria reflexão. Ambas as normas – a negativa da ideologia e a positiva da memória básica da Igreja – complementam-se entre si e podem ajudar-nos a manter-nos o mais próximo possível da palavra bíblica, sem descuidar os conhecimentos reais que nos podem advir das confrontações do presente¹¹⁸.

Para Ratzinger a fé da Igreja não é apenas a chave de interpretação da Escritura, mas também o critério de toda a interpretação, e de seus pressupostos hermenêuticos, filosóficos e ideológicos que se contraponham à fé que a Igreja sempre reconheceu como autorizada¹¹⁹. Ratzinger não descarta a possibilidade de que a Igreja possa aprender com o desenvolvimento da história. Cada momento histórico faz surgir novas perguntas à fé, e essas perguntas carregam em si a possibilidade de descobrir novas facetas e aplicações da fé, proporcionando à fé da Igreja um aprofundamento maior no conhecimento da verdade¹²⁰.

Ratzinger aprofunda esse aspecto ao responder às críticas dirigidas à forma como o Catecismo da Igreja Católica faz uso da Bíblia¹²¹, e de ser literalista e fundamentalista na formulação dos seus conteúdos, Ratzinger apresenta elementos positivos à crítica que faz ao método histórico-crítico¹²². Nosso autor afirma que os conteúdos fornecidos pela exegese histórico-crítica são um conjunto de hipóteses

¹¹⁵ RATZINGER, J., *Revelação e Tradição*, p. 15-59. Sobre a temática encontrada nos parágrafos 7-10 da *Dei Verbum*; CARBAJOSA, I., *La articulación de Tradición y Escritura*, p. 183-210.

¹¹⁶ GHIERTI, G., *L'interpretazione della Scrittura nella Chiesa nella teologia di J. Ratzinger*, p. 45-64.

¹¹⁷ RATZINGER, J., *Meditación previa sobre el sentido permanente del Año Jubilar 2000*, p. 77-81.

¹¹⁸ RATZINGER, J., *Origem e natureza da Igreja*, p. 12-13.

¹¹⁹ BLANCO, S. P., *Presentación a la obra Leyendo la Biblia con el Papa Benedicto*, p.19-22. Nestas páginas o autor salienta como no pensamento de Ratzinger Escritura e Tradição são duas grandezas pertencentes a uma maior, a Revelação divina.

¹²⁰ RATZINGER, J., *Origem e natureza da Igreja*, p. 13.

¹²¹ RATZINGER, J., *El Catecismo de la Iglesia Católica está a la altura de la época?*, p. 139-160.

¹²² RATZINGER, J., *El Catecismo de la Iglesia Católica está a la altura de la época?*, p. 143.

que mudam rapidamente, e essas não gozam de consenso entre os exegetas, e o Catecismo é um livro que deve servir como referência segura à fé, um bastião no ensino da doutrina católica. Além do que, o Catecismo dedica uma parte especial à relação entre a interpretação da Escritura e o testemunho da fé, onde é questionada a natureza meramente histórica da interpretação da Escritura em contraposição a uma verdadeira interpretação teológica. Essa seção foi elogiada por importantes exegetas, que a consideraram uma suma metodológica¹²³.

É necessário, segundo Ratzinger, responder às críticas e às seguintes perguntas: O que exatamente é a Sagrada Escritura? O que torna essa coleção literária, em certa medida, heterogênea, cujo tempo de formação engloba cerca de um milênio, um único livro sagrado, que como tal é interpretado?

Para ele, se essa pergunta é compreendida em sua raiz mais profunda, ficará evidente que essa questão toca a especificidade da fé cristã e sua compreensão da Revelação. No prefácio ao livro *Jesus de Nazaré*, ele afirma que a fé cristã está ligada a uma história coerente, que foi realmente história, pelo que deve admitir o uso do método histórico-crítico. Porém, os acontecimentos relatados na Bíblia são significativos para a fé, pois tem-se certeza que Deus agiu neles de forma específica, e que esses transcendem o tempo e têm o mesmo valor para todas as épocas¹²⁴. Eles estão em relação complexa com a palavra, pois as palavras proclamam os acontecimentos e esses dão sentido às palavras¹²⁵. Nesse ponto reside a importância da história bíblica e sua estrutura, que reflete a história de um povo¹²⁶. Não é, porém, apenas esse povo o sujeito que fala, mas o é também o próprio Deus¹²⁷. Ratzinger afirma que:

Só o sujeito do qual essa literatura nasceu o povo de Deus peregrino faz desta recolha literária, com toda a sua variedade e os seus aparentes contrastes, *um único* livro. Mas este povo sabe que não fala nem age por si, mas é devedor Àquele que faz dele um povo: o próprio Deus vivo que lhe fala através dos autores de cada livro¹²⁸.

A figura do autor, um dos dados mais importantes para a exegese histórica, está articulada da seguinte forma: o autor individual é sustentado pelo seu povo.

¹²³ RATZINGER, J., El Catecismo de la Iglesia Católica está a la altura de la época?, p. 143.

¹²⁴ RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré*, V. I, p. 12-13.

¹²⁵ DV 2; VIDE, R. V., Revelación: Lenguaje y acontecimiento, p. 3-34.

¹²⁶ DV 3.

¹²⁷ RATZINGER, J., El Catecismo de la Iglesia Católica está a la altura de la época?, p. 144.

¹²⁸ RATZINGER, J., La relación entre Magisterio de la Iglesia y exégesis, p. 180.

Posteriormente, através de outros sujeitos, pertencentes a esse mesmo povo, os livros passam por um processo de aperfeiçoamento¹²⁹. Nesse ponto, Ratzinger enxerga o valor da crítica da redação e da tradição¹³⁰. Através desse processo se revela a transcendência, que opera profundamente, purificando e fazendo evoluir através da obra do Espírito que guia os acontecimentos e a as palavras¹³¹. Por isso Ratzinger considera importante que a hermenêutica abarque os aspectos diacrônicos¹³².

A reflexão sobre esse processo de formação dos textos bíblicos revela a complexidade da interpretação, que se agrava ao prescindir da visão crente. Para Ratzinger, quem vive a fé desse mesmo povo, autor humano dos textos, estando inserido neste processo, é capaz de compreender realmente quem está operando; por isso, o intérprete deve levar em conta a fé, para que realmente se possa falar de interpretação teológica. Isso não elimina o aspecto histórico, mas o eleva a uma nova dimensão¹³³.

Ratzinger apresenta a dupla dimensão da correta exegese bíblica: a histórica e a teológica, ao considerar a Bíblia como uma unidade, um livro Sagrado. Essa última exige que outras metodologias sejam utilizadas. Ratzinger cita, para justificar essa afirmação, partes do Catecismo e a *Dei Verbum*¹³⁴. Esses textos do Magistério salientam a necessidade de levar em consideração as intenções originais dos autores, seu contexto e cultura, que proporcionam a sua forma de expressão. Mas para que realmente seja teológica, a exegese deve levar em consideração a unidade vital entre o povo de Deus com o Antigo e Novo Testamento, o conteúdo e a unidade de toda a Escritura lidos na Tradição viva de toda a Igreja, prestando atenção à analogia da Fé¹³⁵.

Ratzinger afirma que se pode reconhecer no Catecismo uma visão correta da interpretação das Escrituras, que leva em consideração as tendências da exegese atual. Cita como exemplo a exegese histórico-canônica, também no prefácio ao primeiro volume da obra *Jesus de Nazaré*¹³⁶, que enfatiza a unidade da Bíblia como

¹²⁹ RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré*, V. I, p. 16-17.

¹³⁰ DV 12.

¹³¹ RATZINGER, J., *El Catecismo de la Iglesia Católica está a la altura de la época?*, p. 145.

¹³² RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré*, V. I, p. 14-15.

¹³³ RATZINGER, J., *El Catecismo de la Iglesia Católica está a la altura de la época?*, p. 145.

¹³⁴ DV 12.

¹³⁵ RATZINGER, J., *El Catecismo de la Iglesia Católica está a la altura de la época?*, p.145-146.

¹³⁶ RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré*, V. I, p. 15-17.

princípio interpretativo, e, além disso, reconhece a importância metodológica das ferramentas sincrônicas e diacrônicas¹³⁷. Afirma que, o vínculo essencial da Escritura com a Tradição é enfatizado por exegetas famosos da atualidade, nas mais diversas confissões cristãs, e que uma exegese separada da vida da Igreja e de suas experiências históricas se torna uma mera hipótese. Nosso autor considera apressados os juízos emitidos pelos críticos ao Catecismo¹³⁸.

Ratzinger afirma que a partir da complexidade da natureza bíblica se deduz que não se pode fixar o significado dos textos apenas pelas intenções históricas do primeiro autor, esse na maioria das vezes é determinado de forma hipotética. Como os textos foram formados em um processo de evolução, sua riqueza potencial de sentido se abre com amplitude cada vez maior, razão pela qual o texto não pertence a um autor particular¹³⁹. Por isso, ele não pode estar vinculado apenas a um momento histórico, pois ficaria preso ao passado¹⁴⁰. Ler a Escritura como unidade significa precisamente que na história se encontra o presente e o futuro¹⁴¹.

Nosso autor afirma que a doutrina dos múltiplos sentidos da Escritura, desenvolvida pelos Padres da Igreja¹⁴² e sistematizada na Idade Média¹⁴³, é novamente reconhecida como adequada. O primeiro deles, o sentido literal, ou seja, o sentido histórico-literário, busca apresentar o significado de acordo com o momento histórico do texto. O segundo é alegórico, que tem Orígenes como grande representante¹⁴⁴, foi pejorativamente rejeitado pela mentalidade científica moderna. A intenção dos Padres ao buscar esse sentido era inserir os textos particulares no âmbito do conjunto e elevar o seu significado aos diferentes momentos históricos. O terceiro é o sentido moral, ele considera que a palavra de Deus é também orientação, que exige do leitor uma postura ética, que abranja toda a sua vida. O quarto é o sentido escatológico, chamado pela Tradição de anagógico que destaca a relevância soteriológica dos fatos¹⁴⁵.

¹³⁷ SANECKI, A., La Biblia: entre história y teología, p. 25-218.

¹³⁸ RATZINGER, J., El Catecismo de la Iglesia Católica está a la altura de la época?, p. 148-149.

¹³⁹ RATZINGER, J., Jesus de Nazaré, V. I, p. 15.

¹⁴⁰ TEJERINA, A. G., Historia y revelación a la luz de la constitución *Dei Verbum*, p. 35-79.

¹⁴¹ DV 11; RATZINGER, J., El Catecismo de la Iglesia Católica está a la altura de la época?, p. 146-147; SODING, T., Diversidad y unidad de la Sagrada Escritura como perspectiva y tarea de la exegesis, p. 266-282.

¹⁴² HALL, C. A., Lendo as Escrituras com os Pais da Igreja, p. 126-188; KELLY, J. N. D., Patrística, p. 21-60.

¹⁴³ GILBERT, P., Introdução à teologia medieval, p. 34-42; p. 126-129.

¹⁴⁴ BIANCHI, E., A leitura espiritual da Escritura hoje, p. 248-326.

¹⁴⁵ RATZINGER, J., El Catecismo de la Iglesia Católica está a la altura de la época?, p. 147.

Ratzinger entende que essa compreensão da Bíblia, no contexto da história viva e continuada do povo de Deus, conduz a uma importante consideração a respeito da essência da fé cristã¹⁴⁶. O Cristianismo não é uma religião do livro, a fé não se refere apenas a um livro, assim ele se configuraria a única e definitiva instância para o crente. No centro da fé cristã está uma pessoa, Jesus Cristo, Palavra Viva de Deus, mediador da Revelação e da salvação¹⁴⁷. A Sagrada Escritura só pode ser corretamente compreendida se mantida em uma relação vital com Ele¹⁴⁸. E, dado que Cristo edificou e edifica no presente a Igreja, o povo de Deus, seu organismo vivo, seu corpo, para que haja relação com Ele é fundamental a relação com o seu corpo vivo, a comunidade eclesial, o autêntico proprietário humano da Bíblia¹⁴⁹. Assim, o autor salienta a Igreja como o local apropriado também para a interpretação da Bíblia¹⁵⁰, onde, a sincronia e a diacronia com o povo de Deus é experimentada. Fora desse contexto a Bíblia seria simplesmente uma coleção literária mais ou menos heterogênea. Por isso, não podem ser separadas Escritura, Tradição e Igreja.

2.3.2 Natureza teológica da exegese

Ratzinger valoriza a tarefa da teologia, mas a subordina à fé, que é primeira. A teologia, nessa perspectiva, é uma serva da fé. Não apenas isso, nosso autor afirma, também em muitos outros textos, que a Bíblia deve ser o ponto de partida e o fundamento de toda e qualquer teologia¹⁵¹. Preocupar-se com a correta hermenêutica bíblica é estar atento ao fato de que se a Bíblia for interpretada de forma equivocada, a teologia pode sofrer prejuízos incalculáveis. Esse ponto revela outro aspecto do seu pensamento, até onde a compreensão da natureza da teologia influencia em sua relação com a Sagrada Escritura e na Teologia Sistemática.

Para Ratzinger, a exegese bíblica é uma ciência teológica, uma etapa da teologia¹⁵². Para aclarar a problemática ele cita o exemplo de Gregório de Nissa

¹⁴⁶ PCB, O povo judeu e as suas Sagradas Escrituras na Bíblia cristã, p. 17-62.

¹⁴⁷ URIBARRI, B. G., Jesucristo, mediador y plenitud de toda la revelación, p. 80-118.

¹⁴⁸ RATZINGER, J., Jesus de Nazaré, V. I, p. 15.

¹⁴⁹ RATZINGER, J., El Catecismo de la Iglesia Católica está a la altura de la época?, p. 147-148.

¹⁵⁰ BRAATEN, C. E.; JENSON, R. W., Reclaiming the Bible for the Church; BLANCO, S. P., Presentación a la obra Leyendo la Biblia con el Papa Benedicto, p. 22-30.

¹⁵¹ DV 24.

¹⁵² GUARDINI, R., Sagrada Escritura e ciência da fé, p. 55-110.

(330-395), que enfrentou semelhante polêmica contra Eunômio (335-393). Gregório aconselhava seu opositor a não confundir a teologia com a ciência da natureza pois, tem relação com o mistério. Ratzinger compara a exegese moderna à postura de Eunômio, que relega a compreensão de Deus ao impossível, a fim de ser capaz de compreender a mensagem bíblica como uma realidade inteiramente natural e humana, segundo os métodos científicos atuais. Analisar o texto bíblico dessa maneira é não ser capaz de compreender a profundidade e o dinamismo da palavra de Deus¹⁵³. Ratzinger refere-se a uma expressão de Romano Guardini que afirma ter sido a exegese capaz de muitas conquistas individuais e particulares, mas ter perdido de vista muitas coisas e deixado de ser teologia¹⁵⁴.

Ratzinger entende que os problemas da exegese atual estão ligados aos que a filosofia criou para si mesma e para o pensamento científico¹⁵⁵. A filosofia fechou-se para a fé ao restringir a racionalidade humana ao puramente positivo¹⁵⁶. A exegese, tendo assumido esse pressuposto, limitou-se de igual forma¹⁵⁷.

Ratzinger busca compreender a raiz do problema. A questão consiste em compreender e distinguir os dois níveis do texto bíblico, o histórico e transcendente. Outra questão é a possível contradição entre a racionalidade científica, o que ela afirma ser possível, e o que a Bíblia afirma sobre o mundo. Isso não se equaciona pela simples síntese entre a ciência e a fé, pois o que essa afirma ultrapassa as verdades que a ciência alcança, “trata-se de ver o que pode a razão e por que é que a fé pode ser razoável e a razão aberta à fé”¹⁵⁸. Logo outra tarefa surge: debater a natureza da verdadeira racionalidade¹⁵⁹.

Nosso autor afirma que deixar o puramente histórico aos cientistas é gnosticismo, pois negar o caráter histórico da fé bíblica é desencarnar a sua

¹⁵³ RATZINGER, J., El poder de Dios nuestra esperanza, p. 423-425.

¹⁵⁴ RATZINGER, J., Interpretação bíblica em crise, p. 131-133.

¹⁵⁵ Relacionada esta questão Ratzinger contribuiu com alguns textos, exemplo: RATZINGER, J., Fé Filosofia e Teologia, p. 13-26.

¹⁵⁶ RATZINGER, J., As novas problemáticas surgidas nos anos 1990, p. 127.

¹⁵⁷ Pode-se encontrar esta problemática de forma bastante desenvolvida e sistematizada nas primeiras produções de Joseph Ratzinger já em Introdução ao cristianismo, o autor explana sobre os problemas da racionalidade científica e filosófica moderna e o que elas relegaram para a fé, associando esse contexto, em determinadas partes do texto, à interpretação bíblica. RATZINGER, J., Introdução ao Cristianismo; FISICHELLA, R., Verità fede e ragione in J. Ratzinger, p. 27-43; RUH, U., Joseph Ratzinger, crítico de la Modernidad, p. 203-219.

¹⁵⁸ RATZINGER, J., La relación entre Magisterio de la Iglesia y exégesis, p. 186.

¹⁵⁹ LADRIÈRE, J., A fé cristã e o destino da razão.

mensagem, contrariando a natureza da Revelação divina que chama para si a realidade do acontecimento.

2.3.3

Escritura e Magistério em relação à teologia

Durante um período do século XX, a teologia quis isolar-se da Igreja e constituir-se como uma ciência autônoma, sem ligações com a autoridade eclesial, a fé e o Magistério. Esse fato trouxe consequências muito graves à teologia enquanto ciência da fé¹⁶⁰. Essa postura pode ser encontrada de forma indireta em alguns exegetas que fazem uso do método histórico-crítico. Ratzinger ao abordar questões ligadas à relação entre teologia, exegese e Magistério, deixa clara sua compreensão da natureza, da tarefa e da missão da teologia¹⁶¹.

No pronunciamento a cem anos da PCB, Ratzinger defende que o Magistério tem relações com a exegese, pois está a serviço da Sagrada Escritura e da Tradição, e essas estão englobadas em um horizonte maior, que é a divina Revelação. Assim salienta a autoridade do Magistério da Igreja¹⁶². Pois, na Igreja vive a Tradição, que alimenta e depende diretamente da Igreja para desenvolver-se em um processo que recebe sua dinâmica do Espírito Santo¹⁶³. Ratzinger considera que a interferência direta do Magistério nas questões relativas à interpretação das Sagradas Escrituras esteve presente nos primeiros cinquenta anos da PCB. Em determinados casos em que a fé era posta de lado e os resultados da exegese e da teologia eram contrários ao dado de fé da Igreja, o Magistério interferiu para salvaguardar a fé, e o fez não apenas reafirmando a fé da Igreja, mas corrigindo as concepções filosóficas e

¹⁶⁰ RATZINGER, J., *Natureza e Missão da Teologia*, p. 39-43.

¹⁶¹ Significativos para a compreender a natureza da teologia no pensamento de Joseph Ratzinger são especialmente dois textos: RATZINGER, J., *Fede e Teologia*. Discurso in occasione del conferimento del titolo di dottore “honoris causa” in teologia da parte della Facoltà teológica de Breslavia/Wroctaw, p. 9-22. Também: RATZINGER, J., *Che cos’è la teologia?* Discurso de ringraziamento in occasione del conferimento del titolo di dottore “honoris causa” da parte della Facoltà teológica dell’Università di Navarra a Pamplona, p. 23-32. Nesses textos Ratzinger apresenta a natureza da teologia, como sendo uma serva da fé, sob a orientação e supervisão do Magistério eclesiástico. De igual forma a terceira parte do livro: RATZINGER, J., *Teoría de los principios teológicos*. Materiales para una teología fundamental, p. 397-438. Nessas páginas Ratzinger aborda os problemas da estrutura da teologia, o que ela é. As relações entre a Igreja e a teologia científica. E busca justificar o valor da teologia através do princípio antropológico humano, relacionando este fato a fé e formação, fé e experiência, bem como o dom humano para a racionalidade e para sabedoria.

¹⁶² RATZINGER, J., *La relación entre Magisterio de la Iglesia y exégesis*, p. 183.

¹⁶³ RATZINGER, J., *El Catecismo de la Iglesia Católica está a la altura de la época?*, p. 148.

metodológicas. E, o principal, reafirmando o que a Bíblia tem de especial: a natureza divina e transcendental da Palavra de Deus. O Magistério é responsável e foi fundamental para que a Bíblia tivesse a sua justa hermenêutica¹⁶⁴. Dessa forma, evidencia-se o quanto são importantes no pensamento de Ratzinger, a fé da Igreja, a Tradição e o Magistério para uma crítica saudável e uma hermenêutica correta, que possibilite à Bíblia apresentar o mais profundo do seu ser, a Revelação de Deus. Somente assim a exegese pode dar a sua específica contribuição à teologia:

A fé vem antes da teologia; ela é a busca de compreender a palavra que não foi inventada por nós, que desafia nosso pensar, mas nunca submerge nele. Esta palavra que antecede a pesquisa teológica é a medida da teologia; ela necessita de seu órgão próprio, o Magistério, que Cristo entregou aos apóstolos e através deles a seus sucessores¹⁶⁵.

A teologia, de acordo com as palavras de Ratzinger, é uma serva da fé, sujeita ao Magistério¹⁶⁶. A partir de sua experiência pessoal, enquanto teólogo, nosso autor confessa que nunca buscou construir um sistema de teologia próprio, que sempre buscou pensar com a fé da Igreja e seus grandes mestres. Por essa, razão a exegese é fundamental para ele. A teologia não é uma ciência como as outras, é ciência da fé, feita na comunidade de fé, a partir da fé e para a interpretação e explicação da fé, não prescindindo do seu caráter missionário, a serviço do evangelho e do Reino de Deus¹⁶⁷.

Não poderia conceber uma teologia puramente filosófica. O ponto de partida é, primeiro, a Palavra. Que acreditemos na palavra de Deus, que procuremos conhecê-la realmente e compreendê-la, e que pensemos com os grandes mestres da fé. A partir daí, minha teologia está um pouco marcada pela Bíblia e pelos Padres da Igreja, sobretudo por Santo Agostinho. Mas procuro, naturalmente, não me deter na Igreja antiga, mas ter presentes os grandes cimos da fé e também integrar o pensamento contemporâneo no diálogo¹⁶⁸.

2.4

A proposta de J. Ratzinger: uma hermenêutica da fé

Para Ratzinger, o verdadeiro fundamento hermenêutico pode ser encontrado quando se compreende que, quanto ao aspecto particular, existem modelos

¹⁶⁴ RATZINGER, J., La relación entre Magistério de la Iglesia y exégesis, p. 175-187.

¹⁶⁵ RATZINGER, J., Natureza e Missão da Teologia, p. 91.

¹⁶⁶ DV 23; ALONSO, S. L., La Sagrada Escritura em la vida de la Iglesia, p. 668-699.

¹⁶⁷ ALSZEGHY, Z.; FLICK, M., Como se faz teologia, p. 13-70, 153-167.

¹⁶⁸ RATZINGER, J., O sal da Terra, p. 54.

exegéticos diferentes, mas todos têm algo em comum: um fundamento, que, na maioria das vezes, caracteriza o pensamento filosófico da sua época. Esse pressuposto pode ser observado nas correntes apresentadas na subseção anterior. Ao apresentar como o espírito do Iluminismo e do Modernismo configuram a exegese protestante liberal, o espírito marxista que adentra na exegese no século XX, e a exegese de Bultmann, que possui um fundamento heideggeriano, nosso autor acredita ser possível se aproximar da chave hermenêutica correta de interpretação e leitura da Bíblia¹⁶⁹. Se determinadas correntes exegéticas foram responsáveis por produzir teologias que não estavam de acordo com a fé da Igreja, é sinal que seus pressupostos eram contrários ao depósito da fé guardado pela Tradição da Igreja e transmitido por ela¹⁷⁰.

Nisso reside a crise enfrentada pela exegese histórico-crítica; não pelo seu caráter crítico ou histórico, mas, pelas filosofias de fundo. A crítica deve ser dirigida, por esse motivo, à filosofia e às concepções reducionistas do que seja história, não à historicidade¹⁷¹.

Ratzinger afirma que: “O método histórico-crítico e outros métodos científicos mais recentes são importantes para a compreensão da Sagrada Escritura. De todos os modos, seu valor depende do contexto hermenêutico (filosófico) em que são empregados”¹⁷². Impulsionado por essa afirmação Ratzinger se interroga, “Qual é a hermenêutica que conduz à verdade e como pode legitimar-se uma hermenêutica?”¹⁷³. A legitimação de uma determinada hermenêutica, de acordo com a natureza científica do termo, é encontrada quando é capaz de clarificar, quanto menos violenta e divide as fontes e quanto mais respeita os resultados em sua objetividade, desde sua lógica interna, tornando compreensível sua unidade interior. Quando uma hermenêutica age da maneira oposta, ela revela a sua invalidade. A hermenêutica da fé é capaz de unir, sintetizar e harmonizar profundamente¹⁷⁴.

Ratzinger, em um texto onde discute a fundamentação bíblica da liturgia como sacrifício, explicita quais são os elementos que compõem a hermenêutica da

¹⁶⁹ RATZINGER, J., Origem e natureza da Igreja, p. 12.

¹⁷⁰ RATZINGER, J., Origem e natureza da Igreja, p. 12.

¹⁷¹ RATZINGER, J., Puntos de referencia cristológicos, p. 51-52.

¹⁷² RATZINGER, J., Puntos de referencia cristológicos, p. 51.

¹⁷³ RATZINGER, J., Puntos de referencia cristológicos, p. 55.

¹⁷⁴ RATZINGER, J., Puntos de referencia cristológicos, p. 54-55.

fé. Nosso autor afirma que essa pode ser a leitura das Escrituras na comunidade viva da Igreja, levando em consideração a eficácia histórica da Escritura que foi capaz de constituir essa mesma Igreja. O texto não pode ser separado desse contexto vivo. Ratzinger associa esse contexto à Tradição. Outro dado que compõem a hermenêutica da fé é a necessidade de uma leitura canônica da Bíblia, na qual ela é lida como uma unidade e como um movimento dinâmico, no qual cada passo obtém seu significado a partir de Cristo, a quem se dirige esse movimento. Ratzinger afirma que esses traços configuram a hermenêutica da fé, que está baseada sobre a lógica intrínseca das Sagradas Escrituras, inclusive, com a sua lógica de formação. Mas isso deveria no fundo ser óbvio. Sem a fé, para Ratzinger, a Escritura não seria nem Escritura, mas uma coletânea heterogênea de literatura que não poderia ter nenhum significado normativo hoje¹⁷⁵.

Ratzinger vê a fé como uma chave hermenêutica, e mais, uma hermenêutica que esteja a serviço da fé. Nas palavras do nosso autor:

Se ela [a exegese] deseja ser teologia, deve dar um passo além. Ela deve reconhecer que a fé da Igreja é aquela forma de “simpatia” sem a qual a Bíblia continua sendo um livro fechado. Ela deve chegar a reconhecer essa fé como uma hermenêutica, o espaço de compreensão, que não faz violência dogmática à Bíblia, mas exatamente permite a possibilidade única de a Bíblia ser ela mesma¹⁷⁶.

Ratzinger manifesta esperança em relação às perspectivas da interpretação bíblica e propõe seis pontos a respeito:

a) Da compreensão dos aspectos filosóficos que norteiam o método e influenciam os resultados da exegese histórico-crítica, se conclui que os exegetas e teólogos devem saber identificar as hipóteses que estão baseadas nesses fundamentos e posicionar-se criticamente frente a elas. O intérprete deve saber que não está em uma área neutra acima da história. Uma objetividade a respeito do puramente histórico é ilusão¹⁷⁷.

b) A partir desse último critério, é possível então uma interpretação frutífera e uma saudável relação entre exegese e teologia sistemática¹⁷⁸.

c) A exegese não pode atentar apenas à sincronia, o aspecto histórico e diacrônico deve estar presente, pois os textos possuem esse caráter, negar isso é

¹⁷⁵ RATZINGER, J., A discussão acerca do “Espírito da Liturgia”, p. 593-594.

¹⁷⁶ RATZINGER, J., Interpretação bíblica em crise, p. 139-140.

¹⁷⁷ RATZINGER, J., Interpretação bíblica em crise, p. 138.

¹⁷⁸ RATZINGER, J., Interpretação bíblica em crise, p. 139.

negar a natureza da Revelação de Deus. Mas, ao reconhecer que é uma disciplina condicionada historicamente, a exegese terá maior capacidade de estar consciente de suas próprias limitações¹⁷⁹.

d) Os métodos literários, filológicos e científicos devem continuar a desempenhar o papel de ferramentas fundamentais para uma exegese adequada¹⁸⁰.

e) A primeira pressuposição de qualquer exegese deve ser a aceitação da Bíblia como um todo. Ao fazer isso o intérprete ou o teólogo escolhem um lugar para ela, que não é igual ao do estudo da literatura. Assim, o exegeta identificaria essa literatura particular como produto de uma história coerente, e essa como espaço adequado para sua compreensão. Ou seja, pressuposto hermenêutico básico para a exegese é considerar a Bíblia como uma unidade que se desenvolveu em uma comunidade de fé, e que esta mesma comunidade que perdura na história possui a chave e é o local que possibilita a compreensão dessa mesma mensagem.

Para Ratzinger a hermenêutica da fé é capaz de conservar todo o testemunho das fontes. Ela tem o potencial de respeitar e avaliar positivamente toda a sua multiplicidade e diferença, pois tem a visão de unidade. As aparentes contradições encontram seu espaço. A doutrina das duas naturezas da Sagrada Escritura, a divina e a humana, abre um horizonte que une e configura as aparentes oposições da Tradição e da Escritura, resultando em totalidade¹⁸¹. A hermenêutica da fé, na amplitude de sua visão, transcende as diferenças culturais dos tempos e dos povos, não exclui nenhum povo ou cultura, mas insere-os na unidade superior da Palavra encarnada, que os purifica e traz à tona sua verdadeira profundidade. Desse modo, a hermenêutica da fé pode unificar todo o mundo levando-o à plenitude de Deus. Ela não violenta a história, mas abre sua verdade, estando de igual forma aberta a toda verdade real.

2.5

Teses para uma hermenêutica bíblico-teológica a partir do pensamento de Ratzinger

1º) Para Ratzinger o uso do método histórico-crítico é indispensável para a tarefa exegética e teológica, levando em consideração o caráter histórico da fé

¹⁷⁹ RATZINGER, J., Interpretação bíblica em crise, p. 138.

¹⁸⁰ RATZINGER, J., Interpretação bíblica em crise, p. 139.

¹⁸¹ RATZINGER, J., Puntos de referencia cristológicos, p. 55.

bíblica e da Revelação cristã. A própria natureza da fé exige a consideração histórica do seu conteúdo.

2º) Esse método não esgota a tarefa da interpretação bíblica. Ele apenas atenta para os elementos históricos e humanos do texto. Por isso, são necessárias outras metodologias mais abrangentes, que reconheçam a natureza teológica da Bíblia, enquanto texto inspirado e unitário.

3º) Deve-se ter consciência dos fundamentos filosóficos que configuram as diversas manifestações do método. Isso permite distanciamento crítico e motiva escolhas adequadas no campo da hermenêutica.

4º) A Escritura, juntamente com a Tradição viva da Igreja, está em relação com uma realidade maior que é a Revelação divina. Para que a Bíblia seja corretamente interpretada ela deve estar inserida nesta dinâmica de relações. Nisso, Ratzinger está metodologicamente orientado pela *Dei Verbum*.

5º) A Bíblia é o livro da Igreja, o novo povo de Deus. Ela é verdadeiramente compreendida e revela a sua verdadeira natureza, quando está no seio da Igreja.

6º) A interpretação da Bíblia deve ser teológica, pois a chave de compreensão da Bíblia como uma totalidade é Jesus Cristo, esse fato pressupõe uma decisão de fé.

7º) Para que a exegese seja teologia, sua própria natureza precisa ser compreendida. Para tanto, deve superar as limitações dos pressupostos filosóficos e da noção de cientificidade.

8º) A exegese sendo teologia, ciência da fé, tem relações com o Magistério, dado que esse tem uma precisa responsabilidade na custódia e na transmissão da fé.

3. A Hermenêutica da Fé na cristologia de J. Ratzinger

Ao apresentar o método histórico-crítico e a análise que Ratzinger lhe fez, vieram à luz aspectos essenciais que configuram a sua hermenêutica da fé. Seguindo o percurso dessa pesquisa, optou-se por explorar esse dado fundamental de sua metodologia teológica em uma área específica da dogmática, a cristologia, através do exame de alguns conteúdos, nos quais se espera verificar concretamente como atua em sua teologia elementos da hermenêutica da fé. A primeira seção apresenta a problemática histórica em que o tema se situa e as avaliações de Ratzinger sobre as vertentes teológicas com que debate e dialoga, com o objetivo de contextualizar a sua cristologia. Na seção seguinte examina-se o uso que Ratzinger faz do dogma cristológico, a nível metodológico, em vista da interpretação que considera correta da cristologia bíblica. Nessa seção também é abordada a importância do dogma cristológico para a interpretação das questões relacionadas à soteriologia. Na seção posterior, em primeiro lugar, é apresentada a reflexão de Ratzinger sobre a oração de Jesus como chave hermenêutica para a cristologia dos Evangelhos, e, em seguida, como a oração de Jesus, de acordo com Ratzinger é fundamento bíblico para compreender a natureza epistemológica da teologia e a eclesialidade da cristologia. Na última seção se examinam outros aspectos da cristologia de Ratzinger, também em vista de aquilatar sua interpretação teológica das Sagradas Escrituras: os títulos cristológicos correlatos a Filho (Filho do Homem, Filho de Deus) e a autoafirmação de Jesus (“Eu Sou”).

3.1

Principais resultados da aplicação da exegese histórico-crítica na cristologia. A interação de Ratzinger

Ratzinger, no prólogo do livro Caminhos de Jesus Cristo, faz uma afirmação sumamente importante para compreender o contexto e as motivações da configuração metodológica que marcou a sua cristologia, motivações essas que se refletiram na sua análise ao método histórico-crítico, apresentada no capítulo anterior:

“A crise da fé em Cristo começou na época moderna com uma forma diferente de ler a Sagrada Escritura, a única aparentemente científica, porém o problema a respeito da forma que temos que ler a Bíblia está ligado inseparavelmente ao problema de Cristo”¹⁸².

Essa preocupação se encontra na sua obra mais madura a respeito do tema, a trilogia *Jesus de Nazaré*, última produção teológica de Ratzinger, fruto de grande tempo de maturação. Nela, ela respondeu a algumas tendências encontradas nas obras cristológicas baseadas na exegese histórico-crítica e que, como ele entende, decompuseram a figura de Jesus deixando em situação precária a fé cristã, posto que, de acordo com muitos deles, a afirmação da divindade de Jesus é um acréscimo posterior à Bíblia¹⁸³. Segundo Gabino Uríbarri Bilbao, Ratzinger tinha como objetivo mostrar a consistência e a confiabilidade dos quatro Evangelhos, quanto à apresentação que fazem da figura total e completa de Jesus, para recuperar assim a fé da Igreja e dos que buscam a Jesus através das páginas da Sagrada Escritura. Porém, o fez sem negar o valor da pesquisa histórica, e, não deixando de responder aos seus questionamentos, atentando para os seus limites¹⁸⁴.

Também segundo José Vidal Taléns, a cristologia de Ratzinger é uma tentativa de resolver a questão metodológica da cristologia, em face do abismo aberto entre o chamado Jesus histórico e o Cristo da fé da Igreja¹⁸⁵. Para esse autor, a cristologia de Ratzinger relativizou de forma crítica e racional o método histórico-crítico, deixando claro que esse não é único modo de acesso a Jesus, apesar de ter deixado bem claro a sua necessidade, relacionada ao caráter histórico da fé cristã¹⁸⁶.

Essa preocupação cristológica e metodológica estão presentes no pensamento de Ratzinger desde a obra *Introdução ao Cristianismo*, publicada pela primeira vez em 1968. Nela, Ratzinger já aborda essa problemática, ao mostrar um panorama a respeito de como as questões cristológicas atuais estão ligadas ao historicismo e à má compreensão da epistemologia teológica. O autor busca em autores de grande expressão, o espírito que guia a tendência de grande parte da cristologia¹⁸⁷. Hans

¹⁸² RATZINGER, J., *Caminos de Jesucristo*, p. 11.

¹⁸³ RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré*, V. I, p. 9-19.

¹⁸⁴ URÍBARRI, B. G., *Para una interpretación teológica de la Escritura*, p. 25-66.

¹⁸⁵ Sobre os problemas postos pela questão do “Jesus Histórico”; KASPER, W., *Jesús el Cristo*, p. 27-45.

¹⁸⁶ VIDAL, T. J., *Mirar a Jesus e “ver” al Hijo de Dios; hecho hombre para nuestra Redención*, p. 67.

¹⁸⁷ KESSLER, H., *Cristologia*, p. 219-400. Para um panorama mais detalhado das produções cristológicas contemporâneas, especialmente p. 335-347.

Kessler compartilha, parcialmente, a opinião de Ratzinger ao constatar as tendências indicadas por Ratzinger, na cristologia¹⁸⁸.

Ratzinger apresenta, na *Introdução ao Cristianismo*, o conteúdo do Credo cristão, que identifica o homem Jesus como filho de Deus. Esse é o eixo central e mais importante da fé cristã, e também o dado mais chocante para a mentalidade moderna¹⁸⁹. O Logos, responsável pela sustentação de todo o ser, fez-se carne e entrou na história, assumindo uma cultura e uma limitação espaço-temporal. A razão suprema que se situa acima da totalidade, sendo captável apenas de forma fragmentada, deixou seu isolamento e passou a habitar entre os seres humanos, como um deles, não mais encontrada no mundo das ideias, que é refletido parcialmente em nossa dimensão, a partir de um determinado momento, tornou-se próximo. Um pressuposto estrutural básico da fé cristã, para Ratzinger, é a união entre o Deus da fé e do Deus dos filósofos (dado controvertido entre os teólogos)¹⁹⁰. Ele resulta em outra afirmação, de igual importância: a união entre *logos* e *sarx*, entre palavra e carne, entre fé e história. De acordo com as palavras do Credo Apostólico, afirma Ratzinger:

O ser humano histórico Jesus é o Filho de Deus, e o Filho de Deus é o ser humano Jesus. Deus acontece para o ser humano por meio do ser humano ou, falando de modo mais concreto ainda, por esse ser humano, no qual se manifesta o elemento definitivo do ser humano e que é, justamente nessa condição, simultaneamente Deus mesmo¹⁹¹.

Essas afirmações são interpretadas pela mentalidade moderna como pretensão e insensatez. Ratzinger pergunta se é possível construir toda a história da salvação a partir de um fato histórico, tendo em vista os pressupostos historicistas do pensamento moderno e considerando a forma como a história é apresentada à luz do método histórico-crítico¹⁹².

¹⁸⁸ KESSLER, H., *Cristologia*, p. 335.

¹⁸⁹ RATZINGER, J., *Cristo y la Iglesia*, p. 41-48. Nessas páginas Ratzinger aborda o problema do historicismo moderno e suas relações com a cristologia e a catequese.

¹⁹⁰ RATZINGER, J., *Natureza e Missão da Teologia*, p. 13-26.

¹⁹¹ RATZINGER, J., *Introdução ao Cristianismo*, p.146.

¹⁹² O mesmo problema que esse método trouxe à tona para a história é o que a física moderna trouxe à problemática do ser, pois, faz a mentalidade científica moderna e positiva focar objetivamente no que pode ser comprovado, nos fatos da natureza. A pergunta ontológica, antes fundamental para o pensamento humano, foi gradativamente sendo considerada como de pouca importância. Dessa forma, a questão da verdade última do ser ficou presa nas grades da fenomenologia, que se sobrepôs à ontologia. Os fatos históricos não se repetem como os fenômenos da natureza analisados pelos físicos. A historiografia demonstrou a fragilidade dos registros históricos humanos, sejam eles escritos ou obras de arte. Os documentos históricos, ao passo que revelam muito da história e do ser

Se, de um lado, podemos dizer que a imitação dos métodos das ciências naturais no âmbito da história aumenta visivelmente a certeza de seus enunciados, deve-se admitir, por outro lado, que ocorre novamente uma perda considerável de verdade, que é até maior do que na física. Como nesta o ser cede lugar à aparência, assim, na história, passa a ser considerado histórico apenas aquilo que é obtido e apresentado como historicamente válido segundo o método histórico. Quantas vezes se esquece que a verdade plena da história foge à comprovação por documentos, da mesma maneira que a verdade do ser se furta ao método experimental. Por isso, chega-se à conclusão de que a ciência histórica no sentido estrito do termo tanto descobre a história quanto encobre. É óbvio, portanto, que ela possa ver o ser humano Jesus, mas que será difícil para ela descobrir o seu ser como Cristo, porque essa realidade, como verdade da história, não se deixa enquadrar nos procedimentos comprobatórios daquilo que é apenas certo¹⁹³.

A mesma problemática é considerada na reflexão que Ratzinger apresenta em outra obra, *Caminhos de Jesus Cristo*. Inspirado na pergunta que Jesus fez aos seus discípulos, sobre quem os homens diziam quem era Ele, Ratzinger, apresenta as diferentes visões que os homens atuais têm do personagem histórico Jesus¹⁹⁴. O mesmo panorama histórico da cristologia já tinha aparecido na *Introdução ao Cristianismo*.

De acordo com Ratzinger, a origem das diferentes representações históricas de Jesus tem sua notoriedade na época de Reimarus, com base nos métodos de investigação histórica e científica, que coincidem com a época de uma filosofia iluminista já percebida pelos intelectuais à época. Esse contexto contribuiu para o surgimento de figuras históricas de Jesus adaptadas ao contexto burguês¹⁹⁵. Ratzinger afirma que a crítica feita por Albert Schweitzer a essa tendência nas pesquisas históricas sobre Jesus não foi profunda o suficiente a ponto de deixar claro que não se pode separar o permanente e eterno da essência de Jesus das formas históricas em que se configurou. A pesquisa histórica continuou prescindindo da fé, criando diferentes imagens históricas de Jesus e dificultando o acesso ao verdadeiro Jesus, que é o Cristo¹⁹⁶. Ratzinger nas obras citadas, apresentou quatro correntes de teologia, representadas por autores como Adolf von Harnack (1851-

humano, podem igualmente esconder a maior parte. Jean Ladrière chama esse processo de “imperialismo dos critérios e verdade”, quando uma ciência de determinado ramo com epistemologia própria ao seu objeto, exige de outras ciências uma adequação epistemológica semelhante, e o mesmo critério de verdade. LADRIÈRE, J., *Ciência, Filosofia e Fé*, p. 157-187.; RATZINGER, J., *Introdução ao Cristianismo*, p.145-147.

¹⁹³ RATZINGER, J., *Introdução ao Cristianismo*, p. 147.

¹⁹⁴ RATZINGER, J., *Caminhos de Jesus Cristo*, p. 57-64. A edição original da obra é 2003.

¹⁹⁵ KESSLER, H., *Cristologia*, p. 336-337; SCHILLEBEECKX, E., *Jesus a história de um vivente*, p. 37-68. Panorama histórico das tendências cristológicas após Reimarus.

¹⁹⁶ RATZINGER, J., *Cristo - El redentor de todos los hombres*, p. 57-59.

1930), Rodolf Bultmann (1884-1976), Wolfhart Pannenberg (1928-2014) e Jürgen Moltmann (1926).

Uma das principais imagens usadas por Ratzinger para representar as diferentes visões históricas de Jesus, que aparece tanto na *Introdução ao Cristianismo* como em *Caminhos de Jesus Cristo*, é Adolf von Harnack¹⁹⁷. Em seu livro *Jesus de Nazaré*, Ratzinger afirma estar nas antípodas da teologia de Harnack, considerado por ele, o autor que mais divulgou a separação entre o Jesus histórico e o Cristo da fé, considerando esse último como produto posterior do dogma na comunidade eclesial¹⁹⁸. Ratzinger nota que esse autor retratou um Jesus com o coração voltado completamente para o amor, que coloca a moral no lugar do culto e o individual no lugar do coletivo¹⁹⁹. Harnack, na obra *A essência do Cristianismo*, do início do séc. XX²⁰⁰, apresenta uma interpretação do Cristianismo marcada pelo antidogmatismo, que, na esteira do Liberalismo desqualifica o Credo, buscando comprovar que houve um processo de helenização no cristianismo que se reflete em seus dogmas, principalmente nos definidos nos grandes Concílios patrísticos e medievais²⁰¹. Uma das afirmações fundamentais desse autor é que não é o Filho, mas o Pai o conteúdo principal da pregação de Jesus. Ele sustentava que a profissão da fé no Filho havia causado mais divisões do que bem, e que a figura do Pai, um Pai comum, seria geradora de união. Buscou opor Jesus ao Cristo, para relativizar a figura do Filho e centralizar a do Pai, pois assim, pensava Harnack, se estaria próximo do verdadeiro amor. Quando Jesus pregava o evangelho do Pai ele uniu, quando a Igreja dogmatizou a figura do Filho, passando-o ao conteúdo central da pregação, causou a ruptura. De acordo com essa visão, Jesus havia sido um antidogmático que pregava o amor e era contra a religiosidade de sua época. Assim ele procurou se aproximar do verdadeiro Jesus da história, possuidor do verdadeiro evangelho do Pai²⁰².

Ratzinger observa que surgiu também um grupo que buscou fugir do problema histórico. O dado histórico é considerado por seus representantes inútil para a fé. Essa maneira de pensar foi responsável pela consolidação da cisão entre

¹⁹⁷ OLSON, R., História da teologia cristã, p. 566-568.

¹⁹⁸ URIBARRI, B. G., Para una interpretación teológica de la Escritura, p. 31-33.

¹⁹⁹ RATZINGER, J., Cristo - El redentor de todos los hombres, p. 59.

²⁰⁰ HARNACK, A. V., Das Wesen des Christentums.

²⁰¹ TILLICH, P., Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX, p. 225-228.

²⁰² RATZINGER, J., Introdução ao Cristianismo, p. 149-150.

o Jesus e o Cristo, processo iniciado na época de Reimarus. Grupo também pertencente à Teologia Liberal, pode ser representado por Bultmann. Esse buscava adequar a cristologia apenas ao que pode ser comprovado historicamente. Tal intento, chamado demitologização influenciou muitos teólogos²⁰³.

A imagem de Jesus criada por Bultmann é chamada por Ratzinger de “o Jesus existencialista”²⁰⁴. Essa tendência determinou a forma e o conteúdo de grande parte do pensamento teológico de seu tempo e da posteridade²⁰⁵. Bultmann, que testemunhou a mentalidade liberal, ser criticada, optou pelo caminho oposto. Para ele o que interessa em Jesus é tão somente o fato de que existiu. Esse autor acreditava que fé não se refere a hipóteses inseguras, mas ao anúncio da Palavra que abre à existência humana sua verdadeira autenticidade²⁰⁶. O foco maior está no Cristo da Fé. Importante não é a figura do Filho nem a do Pai, mas o conteúdo da pregação. Em Bultmann pode-se encontrar dois pressupostos: demitologização²⁰⁷ e a hermenêutica existencialista²⁰⁸. No fundo do programa da demitologização está a seguinte questão: age Deus na história? Para Ratzinger essa questão está ligada a muitos dos problemas das cristologias contemporâneas.

Ratzinger afirma que o amadurecimento filosófico e hermenêutico demonstrou que os resultados teóricos seriam apenas reflexos de uma visão particular²⁰⁹. Ao passo que o primeiro grupo buscava seu apoio no Jesus da história, prescindindo do Cristo da fé, o segundo grupo optou pelo Cristo em detrimento do Jesus²¹⁰. Essas duas tendências se situam na teologia contemporânea a partir da segunda metade do século XX. O que as definirá são as escolhas filosóficas ou o espírito do pensamento do momento²¹¹.

Outra tendência apresentada por Ratzinger é representada por Pannenberg, que buscou responder a esses questionamentos aderindo completamente à essa formalidade do pensamento. Tentou comprovar a cristologia clássica, representada

²⁰³ Sobre a demitologização, seus representantes e como ela influenciou a teologia do século XX: KASPER, W., *Jesus el Cristo*, p. 46-74.

²⁰⁴ RATZINGER, J., *Introdução ao Cristianismo*, p. 150; RATZINGER, J., *Caminos de Jesucristo*, p. 57-64.

²⁰⁵ RATZINGER, J., *Cristo - El redentor de todos los hombres*, p. 59.

²⁰⁶ RATZINGER, J., *Introdução ao Cristianismo*, p.150.

²⁰⁷ MILLER, E. L.; GRENZ, S. J., *Jesus Cristo e a mitologia: Rudolf Bultmann*, p. 49-68.

²⁰⁸ KESSLER, H., *Cristologia*, p. 338-339.

²⁰⁹ RATZINGER, J., *Interpretação bíblica em crise*, p. 115.

²¹⁰ RUBIO, A. G., *O encontro com Jesus Cristo Vivo*, p. 11-20.

²¹¹ RATZINGER, J., *Introdução ao Cristianismo*, p.148-149; KASPER, W., *Jesús el Cristo*, p. 13-26. Nessas páginas Kasper apresenta as tendências cristológicas do século XX.

pelas afirmações do Credo Apostólico e dos grandes Concílios patrísticos e medievais, através da ciência histórica do certo e do comprovável²¹². De acordo com Ratzinger, através do que foi exposto anteriormente, esse intento não poderia resultar em sucesso, pois, o aspecto histórico, no sentido estrito, se limita apenas ao fenômeno. Apenas a história e o fenômeno, mesmo que comprovados não seriam o suficiente para a cristologia. Para Ratzinger, ao buscar analisar os dados da fé cristã apenas pelo viés histórico, corre-se o sério risco de não compreender a dinâmica completa da Revelação divina, o desenvolvimento das verdades de fé e a natureza da fé cristã²¹³.

A teologia da esperança de Moltmann, outra tendência analisada por Ratzinger, introduz uma nova imagem de Jesus, focada majoritariamente no futuro e na promessa²¹⁴. Em Jesus repousaria o conhecimento antecipado, provisório e fragmentário do futuro, daquilo que ainda será²¹⁵. Mas, essa teologia resultou posteriormente em um Jesus marxista, um Jesus revolucionário, que morreu como um combatente pela libertação política e social. A transcendência do futuro apresentado por Jesus, de acordo com essa teologia, torna-se uma esperança imanente, em algumas configurações e manifestações, radicais ao extremo²¹⁶. Esse Jesus coincide, em suas linhas gerais, com as cristologias frutos da Teologia da Libertação²¹⁷. Um Jesus, que seria o novo Moisés, responsável pela libertação dos pobres de hoje, da fome e de um sistema econômico desumano²¹⁸.

3.2

Cristologia e soteriologia: A importância do dogma cristológico para a cristologia e soteriologia bíblica

Um dos eixos metodológicos na cristologia de Ratzinger é a importância dada ao desenvolvimento do dogma cristológico nos grandes Concílios Ecumênicos, principalmente os dos primeiros séculos. Nosso autor entende o valor desses grandes acontecimentos da história da Igreja para a compreensão da cristologia bíblica, devido ao valor que ele reconhece à Tradição. Os dogmas são dados da

²¹² MILLER, E. L.; GRENZ, S. J., Razão e esperança: Wolfhart Pannenberg, p. 148-153.

²¹³ RATZINGER, J., Introdução ao Cristianismo, p. 147-148.

²¹⁴ KESSLER, H., Cristologia, p. 339-340.

²¹⁵ MILLER, E. L.; GRENZ, S. J., Esperança em meio ao sofrimento: Jürgen Moltmann, p. 123-144.

²¹⁶ RATZINGER, J., Cristo - El redentor de todos los hombres, p. 60.

²¹⁷ KESSLER, H., Cristologia, p. 341-342.

²¹⁸ RATZINGER, J., Jesucristo hoy, p. 12-19.

Revelação, pois são frutos da Tradição, por isso iluminam o conteúdo da Bíblia e são por ela iluminados. O papel da Tradição em Ratzinger foi apresentado no capítulo anterior, nessa seção busca-se analisar em sua cristologia a atuação concreta desse dado metodológico.

3.2.1

O valor do dogma para a cristologia bíblica

Segundo Vidal, em Ratzinger, com as formulações dogmáticas não se perde em matéria cristológica, ganha-se consideravelmente. Uma cristologia atenta à herança eclesial não trai a história e o testemunho bíblico. O dogma está a serviço da Palavra de Deus, para uma verdadeira cristologia bíblica, por isso, ajuda de forma precisa, como instrumento heurístico de investigação teológica sobre a identidade de Jesus²¹⁹.

Pode-se encontrar nessa convicção, uma resposta de Ratzinger às críticas liberais aos dogmas. Como exemplo, pode-se ver a relação entre o título bíblico Filho de Deus e o dogma cristológico, já presente no pensamento de Ratzinger desde *Introdução ao Cristianismo*. Nessa obra, Ratzinger reflete sobre o tema com profundidade²²⁰. O tema reaparece em seu texto *Pontos de referência cristológicos*.

O núcleo dos dogmas definidos nos primeiros Concílios eclesiais consiste em afirmar que Jesus é o verdadeiro Filho de Deus, que possui a mesma essência do Pai e, por meio da encarnação, também possui a mesma essência que nós. Em última instância, essa definição é a interpretação da vida e da morte de Jesus, que sempre estiveram determinadas por seu diálogo filial com o Pai. Por tanto, não é possível separar ou opor uma cristologia dogmática e outra bíblica, do mesmo modo que não se pode separar cristologia e soteriologia. Do mesmo modo, cristologia de cima e cristologia de baixo, teologia da encarnação e teologia da cruz configuram uma realidade indissolúvel²²¹.

Ratzinger entende que os primeiros Concílios, ao usarem o termo “Filho da mesma essência”, buscavam traduzir o testemunho bíblico em linguagem filosófica e teológica²²². Ratzinger analisa a oposição, bastante difundida, segunda a qual a Escritura, de origem hebreia, e o dogma, de origem grega, vivem em duas culturas diferentes. De acordo com ela, a transformação dos testemunhos bíblicos em um

²¹⁹ VIDAL, T. J., Mirar a Jesus e “ver” al Hijo de Dios; hecho hombre para nuestra Redención, p. 68.

²²⁰ RATZINGER, J., Introdução ao Cristianismo, p. 161-170.

²²¹ RATZINGER, J., Pontos de referencia cristológicos, p. 38.

²²² RATZINGER, J., Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem, p. 76-77.

pensamento marcado pela filosofia grega, alterou o testemunho bíblico sobre Jesus, transformando-o em aporias filosóficas e interpretando-o como doutrina ontológica estranha à Escritura²²³.

Segundo Ratzinger, o Concílio de Niceia, ao afirmar “da mesma essência do Pai”²²⁴, vai além da linguagem bíblica. Esse fato despertou diversas disputas, desde a época de sua definição, até nossos dias. Muitos o acusaram de desvio, não apenas de linguagem, mas do modo de pensar bíblico. Só é possível responder essa interpretação ao se precisar exatamente o que significa a expressão “da mesma essência”. Ratzinger afirma que a expressão nada mais é do que a tradução da palavra filho em linguagem filosófica. Mas qual o sentido dessa tradução quando aplicada a Jesus? A palavra filho é de uso comum na linguagem religiosa. Porém, quando referida a Jesus ela ganha um sentido pleno e completamente novo, não se tratando apenas de uma metáfora ou de um simbolismo²²⁵.

Quando o Concílio de Niceia usa a expressão, quer afirmar que a palavra “Filho” quando aplicada a Jesus, é segundo “... o máximo grau da realidade da palavra. Central do Novo Testamento, a palavra Filho, deve ser compreendida literalmente.”²²⁶. Assim, o Concílio não afirma nada de novo, apenas defende o termo de todo o simbolismo. Jesus não é simplesmente designado “Filho de Deus”, Ele o é. Dessa forma:

Deus não permanece eternamente escondido sob nuvens de imagens que cobrem, mas que manifestam. Ele, sendo Filho, toca realmente os homens e se deixa tocar realmente por eles. Quando o Novo Testamento fala do Filho, rompe o véu das imagens da história das religiões e nos mostra a realidade, a realidade que podemos estar, viver e morrer²²⁷.

Ainda sobre os dogmas cristológicos e sua relação com a cristologia bíblica, Ratzinger afirma:

Para uma correta compreensão da unidade interior da teologia bíblica e da teologia dogmática, de teologia e vida religiosa, a denominada teologia neocalcedônica, recapitulada no terceiro Concílio de Constantinopla (680-681), cumpre um papel muito importante. Só a partir desta teologia se abre plenamente o sentido do dogma de Calcedônia (451)²²⁸.

²²³ RATZINGER, J., Pontos de referencia cristológicos, p. 38-39.

²²⁴ DH 125.

²²⁵ RATZINGER, J., Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem, p. 79-80.

²²⁶ RATZINGER, J., Pontos de referencia cristológicos, p. 43.

²²⁷ RATZINGER, J., Pontos de referencia cristológicos, p. 44.

²²⁸ RATZINGER, J., Pontos de referencia cristológicos, p. 45.

Essa afirmação de nosso autor não está em que ele faz uma escolha por uma corrente de interpretação do dogma cristológico, mas sim, em uma opção que reflete a sua decisão em valorizar metodologicamente o conteúdo do dogma e da Tradição da Igreja²²⁹.

3.2.2

Cristologia e soteriologia a partir da correta compreensão do valor do dogma para a interpretação bíblica

Do que foi exposto anteriormente é possível extrair uma compreensão mais profunda das ligações existentes entre cristologia e soteriologia, como ambas se explicam reciprocamente. Ratzinger acredita que por uma falha dos manuais teológicos, na pouca atenção dada ao desenvolvimento posterior do dogma da pessoa e da essência de Jesus, se tem a impressão de que a cristologia dogmática termina com um paralelismo das duas naturezas em Cristo. Essa sensação também provocou divisões após o Concílio de Calcedônia. A apreciação correta da união hipostática na fórmula “em uma só pessoa” não teve toda a profundidade do seu significado explorada²³⁰. Não se trata de duas essências justapostas ou duas vontades diretivas em uma pessoa, mas um ser no outro, donde deriva a verdadeira libertação e salvação humanas. A essa questão se dedicou o terceiro Concílio de Constantinopla (381), precedido de muitas disputas teológicas. Esse Concílio ensina que a união das duas essências em Jesus de maneira nenhuma desvaloriza a natureza humana de Cristo, mas leva à plenitude. Para salvaguardar a liberdade de Jesus, não é necessário supervalorizar o aspecto humano²³¹. A vontade de Cristo subordinada à sua natureza divina significa que, no seu ser, a vontade era completamente livre. O centro da questão para o Concílio era a vontade de Jesus²³².

Porém, essa vontade humana segue a vontade divina e assim, não de um modo natural, mas sim fazendo-se caminho de liberdade, se transforma em uma só vontade com a divina: a dualidade metafísica de uma vontade humana e uma divina não é anulada, ambas se juntam no espaço pessoal, no espaço da liberdade, de modo que ambas tornam-se uma só vontade, não naturalmente, sim pessoalmente. Esta unidade livre – o modo de unidade criado pelo amor – é uma unidade superior e mais profunda que uma mera unidade natural. Ela corresponde à unidade suprema por excelência: a unidade trinitária²³³.

²²⁹ URÍBARRI, B. G., El neocalcedonismo de Joseph Ratzinger, p. 108-109.

²³⁰ RATZINGER, J., Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem, p. 80.

²³¹ RATZINGER, J., Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem, p. 80-81.

²³² RATZINGER, J., Puntos de referencia cristológicos, p. 45-47.

²³³ RATZINGER, J., Puntos de referencia cristológicos, p. 47.

O concílio cita o texto do evangelho de João que diz: “Eu desci do céu, não para fazer a minha vontade, sim a do Pai que me enviou” (Jo 6,38), buscando, nas páginas da Bíblia, demonstrar que o Logos divino fala de sua vontade fusionada à do ser humano Jesus, revelando a unidade de sujeito. Não existem na pessoa de Jesus dois sujeitos em primeira pessoa, mas apenas um. Ratzinger cita Máximo o Confessor (580-662) como o grande intérprete da segunda fase de desenvolvimento do dogma cristológico. Esse autor também interpreta a oração de Jesus como a chave para compreender a união das pessoas nele²³⁴. Nessa oração é possível enxergar a vida interior da Palavra feita carne, mostrando a medida e o modelo de toda oração. “porém não seja o que eu quero, sim o que Tu queres.” (Mc 14,36.). A vontade humana de Jesus se ordena e dispõe na vontade do Filho²³⁵. A encarnação do Logos, e a sujeição da sua vontade à vontade humana de Jesus manifestam o poder relacional de Deus, logo a capacidade da relação do ser humano com Deus através da pessoa de Jesus Cristo, que é relação eterna na trindade, e interna na encarnação, na junção das essências e das pessoas²³⁶.

É possível também, e inclusive de uma melhor maneira, descrever esse processo a partir do seu outro lado. Não apenas a vontade humana se subordina à divina, mas o Logos se humilha, se rebaixa de tal modo que assume a vontade humana, como a sua própria, e fala com o Eu desse homem ao Pai, transfere seu Eu a esse homem e assim transforma o falar de um homem em palavra eterna, em seu bem aventurado “sim Pai”. Relacionando esta união à salvação humana, Ratzinger afirma que a entrega do seu próprio Eu feita pela pessoa completa de Jesus Cristo, a identidade do Logos, liberta o ser humano, o redime e o faz Deus. Esse é o real significado da frase “Deus se faz homem”. Quando assumimos o ato de oração de Jesus, em seu corpo, sua comunidade, o novo povo de Deus, nossa oração torna-se a de Jesus Cristo, a entrega de nossa vontade ao Pai, a verdadeira liberdade²³⁷.

Aqui e só aqui acontece a profunda transformação do homem que nós precisamos para que o mundo seja melhor. Pois só por este caminho a consciência alcança sua retidão mais profunda e sua força inquebrantável. E só a partir desta consciência pode surgir aquela ordem das coisas humanas que corresponde e protege a dignidade do homem; uma ordem que deve ser buscada sempre de novo por cada geração desde

²³⁴ RATZINGER, J., Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem, p. 81.

²³⁵ RATZINGER, J., Puntos de referencia cristológicos, p. 47-50.

²³⁶ DIRSCHERL, E., Dios y el hombre como seres relacionales, p. 106-114.

²³⁷ RATZINGER, J., Puntos de referencia cristológicos, p. 50.

a consciência vigilante do homem, até que venha o Reino de Deus, que só Ele pode instituir²³⁸.

Para Ratzinger, essa questão tem importantes consequências para a soteriologia. A redescoberta do valor do dogma evidencia as relações existentes entre cristologia e soteriologia. Por isso, Ratzinger dialoga com o que a teologia contemporânea afirma sobre elas²³⁹. No debate sobre Cristo se fala da libertação, da salvação do homem. Nosso autor se pergunta o que, na verdade, liberta o homem e para que? O que significa libertação? Pode o homem ser livre fora da verdade? Ratzinger afirma que para ser realmente livre o homem deve ser “como Deus”²⁴⁰. Para Ratzinger a verdadeira liberdade está na verdade. Querer ser como Deus é a medida de todos os programas de libertação da humanidade. Querer ser livre está na essência do homem. Uma verdadeira antropologia da libertação deve levar em consideração a seguinte pergunta: Como o homem chega a ser como Deus? Quando se pensa sobre todas essas questões o homem toca no problema ontológico, que hoje está desprestigiado pelo pensamento positivista. As ciências atuais contribuíram para uma melhor compreensão do ser humano, porém não podem anular a questão fundamental sobre a origem e o destino do homem. Essas perguntas ligam-se à questão de Deus²⁴¹.

Dirscherl afirma que a “teologia de Ratzinger provém da cristologia. Em Cristo nos encontramos frente ao Deus feito homem, ante o amor encarnado de Deus em pessoa.”²⁴². Através de Cristo se dá o acesso humano a Deus. Uma exegese do Novo Testamento que deixe de lado essas questões erra no fundamental. Nesse ponto, Ratzinger considera que uma das afirmações mais importantes dos Evangelhos sobre o ser de Jesus, que se manifesta na oração, revelando o como Filho, toca o centro da questão fundamental do homem, respondendo às suas questões sobre libertação e salvação. Através da inserção na oração de Jesus, o homem entra em contato com a verdade mais íntima do seu ser, tornando-se assim possível a sua divinização, portanto sua verdadeira libertação²⁴³.

²³⁸ RATZINGER, J., Puntos de referencia cristológicos, p. 51.

²³⁹ RATZINGER, J., Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem, p. 77.

²⁴⁰ RATZINGER, J., Jesucristo hoy, 11-39. Nesse artigo Ratzinger relaciona a correta compreensão da soteriologia à cristologia. As questões acerca da libertação são discutidas nas páginas 23-36.

²⁴¹ RATZINGER, J., Puntos de referencia cristológicos, p. 39-41.

²⁴² DIRSCHERL, E., Dios y el hombre como seres relacionales, p. 99-100.

²⁴³ RATZINGER, J., Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem, p. 77-78.

Quando se fala da relação filial de Jesus com seu Pai, tocamos no centro da pergunta pela liberdade e libertação do homem, sem a qual todo o mais se move no vazio. Uma libertação do homem sem divinização, sem tornar-se como Deus, engana o homem e sua aspiração ao infinito²⁴⁴.

Além de serem, segundo Ratzinger, pressupostos corretos para interpretação bíblica, os dogmas possibilitam entender as relações existentes entre a cristologia bíblica e soteriologia.

3.2.3

A questão da salvação humana através de uma leitura teológica das Sagradas Escrituras

Um dos temas centrais para Ratzinger, que toca diretamente na questão da salvação, é o acesso a Deus através de Jesus Cristo. Esse é desenvolvido nas Sagradas Escrituras a partir da teologia do rosto de Deus, já presente na tradição do Velho Testamento e prosseguida no Novo Testamento, principalmente no Evangelho de João. Ratzinger, interpretando teologicamente a Bíblia, considera-a como uma unidade que é capaz de iluminar a questão da salvação humana. Além disso, é possível observar através desse dado, como no pensamento de Ratzinger a Sagrada Escritura já aponta as questões da salvação humana, como busca por Deus e seu cumprimento em Jesus Cristo.

Tomé pergunta ao Senhor: “Senhor, não sabemos aonde vai, como podemos saber o caminho?”, Jesus responde com um texto que se tornou central para a cristologia: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim.”. Após, Filipe pede: “Senhor, mostra-nos o Pai, isso nos basta.”, novamente responde Jesus: “... Quem vê a mim está vendo o Pai.” (Jo 14, 2-9). Ratzinger considera que, com essa resposta, Jesus nos introduz no mais profundo de sua autoconsciência, que é ao mesmo tempo, o mais profundo da fé em Cristo, própria da Igreja. Com essas perguntas, os discípulos se situam em uma tradição que percorre o Antigo Testamento e se manifesta no anelo pelo rosto de Deus. A novidade do Novo Testamento é esta: a partir de Jesus Cristo pode-se ver a Deus²⁴⁵.

Uma pergunta surge: como hoje é possível, através do rosto de Jesus Cristo, o acesso a Deus Pai? Os peregrinos gregos que buscavam ver a Jesus na semana da

²⁴⁴ RATZINGER, J., Puntos de referencia cristológicos, p. 42.

²⁴⁵ RATZINGER, J., El rostro de Cristo en la Sagrada Escritura, p. 15-16.

páscoa em Jerusalém são, para Ratzinger, um símbolo de toda a humanidade, que quer ver a Deus. Filipe transmite o desejo dos gregos a Jesus e ele responde: “... se o grão de trigo cai na terra e não morre, fica infecundo; ao contrário, se morre, dá fruto abundante.” (Jo 12,24). A glorificação tem lugar na paixão, onde há muito fruto. Esse fruto abundante é a Igreja de todos os tempos e espaços geográficos. A resposta de Jesus transcende o seu presente a atinge todo o futuro. Ratzinger afirma que os gregos não viram a existência terrena de Jesus, mas a Jesus glorificado e presente na Igreja, através do Espírito Santo, que anuncia uma nova maneira de ver, através da fé. Só através dessa chave de acesso Jesus pode ser visto, não com olhos carnis, mas espirituais. Jesus convida cada discípulo a entrar na dinâmica de sua paixão, morrer como o grão de trigo, assumir a verdadeira existência humana, a paixão, a entrega feita através da fé. Ratzinger afirma com as palavras do evangelho:

“Quem tem apego a própria existência, a perderá; quem despreza a própria existência no mundo, este a conservará para a vida eterna. O que quer servir-me, que me siga, e ali onde eu estiver, também estará meu servidor; quem me servir honrará o Pai.” (Jo 12,25). O ver tem lugar no seguimento. O seguimento é um viver no lugar onde está Jesus, e este lugar é a paixão. Nela e unicamente nela está presente sua glória²⁴⁶.

Essa forma nova de ver Jesus, explicitada por Ratzinger com o auxílio da interpretação teológica da Sagrada Escritura, considerada em sua totalidade, está diretamente relacionada ao seguimento de Jesus, que é uma nova forma de existência²⁴⁷. “Apesar da diferença terminológica há uma profunda continuidade entre o joânico ver a Cristo e o veterotestamentário estar a caminho de contemplar o rosto de Deus”²⁴⁸. De acordo com nosso autor, para compreender a teologia do rosto de Deus é necessário analisar o Velho Testamento. A palavra usada para rosto no Antigo Testamento é *pānîm* e aparece cerca de 400 vezes, 100 vezes refere-se a Deus mesmo. O Deus de Israel era transcendente e não pôde ser representado. A religião de Israel era contra a idolatria, por isso é preciso esclarecer o uso do termo. Porém, afirma Ratzinger, nas vezes que o termo é usado, refere-se à totalidade da pessoa e à sua capacidade de relação²⁴⁹. “Afirmamos enfaticamente então que o

²⁴⁶ RATZINGER, J., El rostro de Cristo en la Sagrada Escritura, p. 18.

²⁴⁷ RATZINGER, J., Cristo - El redentor de todos los hombres, p. 64-67.

²⁴⁸ RATZINGER, J., El rostro de Cristo en la Sagrada Escritura, p. 18-19.

²⁴⁹ Nesse aspecto da interpretação de Ratzinger, pode-se encontrar traços do personalismo presente em seu pensamento, aplicado a interpretação bíblica, teológica própria do termo e cristológica. DIRSCHERL, E., Dios y el hombre como seres relacionales, p. 97-123. Especialmente, p. 97-99.

termo hebreu *pānīm* reconhece a Deus como pessoa, como uma essência que se dirige a nós, que nos ouve, vê e fala, que pode amar e rejeitar, como o Deus que está além de tudo e que, entretanto, tem um rosto”²⁵⁰.

No Antigo Testamento, quando é encontrado o tema da busca de Deus, está em grande parte associado à luz divina, à justiça e à vida, que tem a Deus como fonte. A noção que o povo hebreu tinha de que sua salvação estava na relação e contemplação de Deus é corroborado nessa busca, registrada nos textos do Antigo testamento²⁵¹.

O maior exemplo da ligação entre o Antigo e o Novo Testamento nessa questão da busca pelo rosto de Deus é encontrada quando se lê a figura de Moisés à luz de Cristo, que é o cumprimento da promessa feita na antiga Aliança²⁵². Jesus, como Filho, vê o Pai, por isso é capaz de transmitir vida, luz e salvação a todo aquele que o contempla através do seu seguimento²⁵³.

Assim é possível observar Ratzinger usar um dos elementos de sua metodologia para fazer cristologia ao ler a Escritura teologicamente, em sua totalidade como uma unidade literária. Clarificando o conteúdo do Novo Testamento a partir do Antigo é possível apresentar a verdade bíblica da salvação humana. Isso se torna completo ao valorizar o conteúdo dos dogmas dos grandes Concílios.

O objetivo principal dessa seção não foram os conteúdos específicos da cristologia de Ratzinger, mas apresentar os resultados da aplicação dos princípios metodológicos ligados à sua hermenêutica da fé.

A análise da valorização metodológica dos dogmas cristológicos em sua teologia tem, aqui, a intenção de demonstrar a importância da Tradição no seu pensamento como fator de compreensão do dado bíblico em profundidade.

Ao apresentar esse aspecto do pensamento do teólogo alemão em conexão com temas soteriológicos, intentou-se mostrar como a compreensão bíblica em conexão com o dogma torna possível uma análise mais profunda das relações existentes entre cristologia e soteriologia bíblicas.

²⁵⁰ RATZINGER, J., El rostro de Cristo en la Sagrada Escritura. p. 19-21.

²⁵¹ RATZINGER, J., El rostro de Cristo en la Sagrada Escritura, p. 22-25.

²⁵² Essa leitura das Escrituras é explorada e aparece novamente no primeiro capítulo da obra Jesus de Nazaré. Do batismo à transfiguração. RATZINGER, J., Jesus de Nazaré, V. I, p. 21-26.

²⁵³ RATZINGER, J., El rostro de Cristo en la Sagrada Escritura, p. 28-32.

3.3

Dois temas da cristologia de Ratzinger em que se evidencia a sua abordagem da Hermenêutica da Fé

Nessa seção são apresentados dois temas da Cristologia de Ratzinger onde se verifica a sua metodologia e a proposta hermenêutica da fé. Na primeira subseção, isso é feito através da apresentação do conteúdo da importância da oração de, e, com Jesus como verificada nos Evangelhos canônicos. A segunda apresenta as expressões que Jesus usou para autodenominar-se, nelas é explorada a autoconsciência que Ele tinha, e como Ratzinger chega a essas interpretações através da hermenêutica da fé.

3.3.1

A oração de e com Jesus na comunidade eclesial. O acesso hermenêutico e epistemológico da cristologia

Na obra *Jesus de Nazaré. Do batismo à transfiguração*, encontra-se uma afirmação capital: “na comunhão filial de Jesus com o Pai a alma humana de Jesus era envolvida no ato da oração.”²⁵⁴. Essa declaração será um dos fundamentos de toda a obra.

Uríbarri, um grande estudioso da cristologia de Ratzinger, dedicou várias contribuições ao tema. Em uma delas, afirma que a oração de Jesus é a principal chave de acesso à cristologia e à pessoa de Jesus como registrada nos Evangelhos. Não apenas ao fato que Jesus orava e tudo o que dessa realidade se deduz, de acordo com os Evangelhos, mas também, a necessidade do estudioso teólogo se colocar no mesmo ato de oração, para adentrar o ser mais profundo de Jesus, que nos proporciona o acesso ao Pai. Jesus não excluiu seus discípulos de sua oração, ao contrário, tornou-a conhecida de todos os que o seguiam. Essa realidade não é compreendida aos olhos da pura historicidade, transcende-a, sendo necessário superar essa dimensão para se ter acesso à pessoa de Jesus²⁵⁵. Trata-se da necessidade de superação dos limites da hermenêutica e da metodologia histórica.

Segundo José Vidal Taléns, trata-se de um “Um convite constante a olhar, contemplar, a Jesus orando em intimidade com Deus seu Pai; olhar ‘para o que

²⁵⁴ RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré*, V. I, p.26.

²⁵⁵ URÍBARRI, B. G., *Para una interpretación teológica de la Escritura*, p. 25-66 (especialmente p. 34-35); URÍBARRI, B. G., *La oración de Jesús según J. Ratzinger, teólogo y papa*, p. 25-55.

transpassaram’; e reconhecer, em virtude de e por meio das relações trinitárias, como o Filho de Deus.”²⁵⁶.

Na *Introdução ao Cristianismo* Ratzinger aborda a oração de Jesus em conjunto com a problemática do termo “Filho”. Dessa forma, pode-se observar que o autor tem esse dado da sua cristologia presente desde o início de sua carreira, como uma chave de acesso hermenêutico à pessoa de Jesus²⁵⁷.

Em *Pontos de referência cristológicos*, Ratzinger também defende a oração de Jesus como a chave de acesso à sua pessoa. E a propõe igualmente como parte da construção de uma cristologia. Nesse texto encontram-se quatro teses dedicadas à oração. Nessa seção é apresentada essa chave, que para Ratzinger é um dos pontos de partida da cristologia.

Primeira tese: “Segundo o testemunho da Sagrada Escritura, o centro da vida e da pessoa de Jesus é sua permanente comunicação com o Pai”²⁵⁸. Ratzinger justifica essa afirmação através da cristologia bíblica. Nosso autor propõe uma leitura da Bíblia como uma unidade, na qual cada texto é uma parte de um conjunto maior, que necessita do todo, e é também importante para uma compreensão maior.

A Igreja Primitiva se viu confrontada com o desafio de nomear a Jesus de acordo com as experiências vividas com ele. Ao nomear, buscava conhecer melhor o mistério íntimo do seu ser, quem era ele e de onde era. A confissão de Pedro, de que Jesus era o Cristo, o Messias, apesar de ser um guia inicial fundamental, não foi suficiente, visto a pluralidade de significados que a palavra Messias tinha no contexto linguístico da época. Nisso é possível observar o recurso de Ratzinger aos aspectos históricos e culturais subjacentes ao contexto. A multiplicidade de significados que o termo tinha deixava em aberto seu significado profundo²⁵⁹. Apesar de ter sido o ponto de cristalização da confissão acerca da pessoa de Jesus, aglutinou em torno de si muitos outros termos como: profeta, sacerdote, Filho de Deus, Filho. Isso demonstra o esforço pela reta compreensão²⁶⁰. Apesar de toda a complexidade, esse processo de nomeação foi se concentrando cada vez mais em alguns termos, que resultaram em: Cristo, Senhor e Filho de Deus. O termo “Filho”

²⁵⁶ VIDAL, T. J., *Mirar a Jesus e “ver” al Hijo de Dios; hecho hombre para nuestra Redención*, p. 67.

²⁵⁷ RATZINGER, J., *Introdução ao Cristianismo*, p. 166-170.

²⁵⁸ RATZINGER, J., *Puntos de referencia cristológicos*, p. 14.

²⁵⁹ RUBIO, A. G., *O encontro com Jesus Cristo Vivo*, p. 111-115.

²⁶⁰ RATZINGER, J., *Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem*, p. 70-71.

ganhou proeminência sobre os outros dois. O termo Cristo (Messias) fundiu-se com o nome próprio Jesus. Porém, fora do ambiente judaico, o termo tinha pouca significação objetiva. O termo Senhor tinha um significado menos preciso. O termo Filho abarca os outros dois e os reinterpreta de forma clarificante. Então, com o termo “Filho”, a comunidade eclesial se contenta. Esse termo, portanto, não é redutor. Ao contrário é a chave para compreender os demais²⁶¹.

Nessa síntese, Ratzinger identifica um dos motivos dos questionamentos da exegese liberal, influenciada pela escola da história dos dogmas. Essa tendência liberal identifica no termo “Filho” uma falsificação posterior, da história real de Jesus e a compreensão que seus seguidores tinham dele em vida²⁶². Para Ratzinger assumir o termo “Filho” como termo chave para a correta compreensão e interpretação de Jesus, não é, ao contrário do que os liberais diziam, um erro, mas sim assumir a postura que Igreja teve ao responder às experiências históricas originárias feitas pelas testemunhas oculares e os testemunhos da vida de Jesus. Chamá-lo de Filho não é sobrecarregar Jesus com o produto tardio e helenizado do dogma, mas estar de acordo com o centro histórico da figura de Jesus, pois os Evangelhos testemunham de forma unânime que as palavras e ações de Jesus brotavam da intimidade do seu ser em relação ao Pai. Neste ponto encontra-se o valor dado por nosso autor à Tradição eclesial ao desenvolvimento da compreensão acerca de Jesus Cristo. Antes de ações fundamentais e essenciais, afirma Ratzinger, Jesus orava, dialogava com o Pai a sós no monte. O evangelista que expressou essa realidade claramente, com ênfase, foi Lucas. Para comprovar ele cita quatro exemplos do evangelho²⁶³.

Primeiro: O chamado dos Doze Apóstolos, simbolicamente representantes das doze colunas do novo povo de Deus (Lc 6, 12-17). Ratzinger interpreta essa narração do Evangelho de Lucas como um simbolismo do início da Igreja. Na noite anterior a esse fato, Jesus passou toda a noite no monte em profundo diálogo com o Pai²⁶⁴. Não só o chamado dos Doze procede do seu relacionamento com o Pai, mas, de acordo com a exegese feita, a Igreja também é fundada a partir da oração

²⁶¹ RATZINGER, J., Pontos de referencia cristológicos, p. 14-16.

²⁶² RATZINGER, J., Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem, p. 71.

²⁶³ RATZINGER, J., Pontos de referencia cristológicos, p. 17.

²⁶⁴ RATZINGER, J., Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem, p. 72-73.

de Jesus²⁶⁵. Na obra *Jesus de Nazaré*, Ratzinger novamente aborda esse tema do chamado dos Doze, relacionando a escolha à oração²⁶⁶.

Segundo: A confissão mais antiga a respeito de quem seria Jesus, feita por Simão, após ser indagado pelo mestre, a respeito de quem os homens diziam que ele era, constitui a pessoa e o ministério de Pedro, bem como a ligação da Igreja ao primado de Pedro. Essa confissão de fé é a vida da Igreja, que abre o mistério completo do ser humano, da Igreja, de Jesus e de Deus. Essa confissão de Pedro é narrada por Lucas no seguinte contexto: a pergunta decisiva, feita por Jesus, aconteceu assim que os discípulos mais próximos foram iniciados nos mistérios do ocultamento e do silêncio da oração de Jesus. Desse modo, o evangelista deixa patente que Pedro compreendeu e expressou, a partir dessa realidade, a verdade da pessoa de Jesus, pois contemplou seu mestre orando, em total comunhão de ser com o Pai, ou seja, compreendeu Jesus a partir do seu relacionamento com o Pai²⁶⁷. Segundo Lucas, só foi possível compreender Jesus ao testemunhar seu ato de entrega ao Pai em oração (Lc 9-18-20; Mt 16, 13-20). Por isso, a confissão cristã procede da participação no ato de Jesus, na sua inclusão, participando, como crentes, do mais íntimo do seu ser “A Igreja surge da participação na oração de Jesus”²⁶⁸. Comparando o teólogo a Pedro, nosso autor salienta a importância da oração para a compreensão da pessoa de Jesus; para a produção da cristologia. O próximo exemplo explicita melhor esse dado.

Terceiro: A transfiguração de Jesus no monte. Na tradição dos Evangelhos, o monte significa o lugar de oração, do ser com o Pai. Jesus levou para o monte Pedro, Tiago e João: o núcleo da comunidade dos Doze. Enquanto Jesus orava, transfigurou-se. Lucas mostra assim que só pode ver essa realidade de Jesus aquele que o acompanha em oração, e, assim, participa no resplendor da luz de Deus, bem como na manifestação do verdadeiro significado do Antigo Testamento e da história da salvação²⁶⁹. A transfiguração é uma espécie de antecipação da ressurreição e de *parousia*. A transfiguração mostra que Jesus não poderia permanecer morto. Para Ratzinger, Lucas quer expressar que: “todo o falar de Cristo, a cristologia, não está

²⁶⁵ RATZINGER, J., Pontos de referencia cristológicos, p. 18.

²⁶⁶ RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré*, V. I, p. 153-155.

²⁶⁷ RATZINGER, J., *Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem*, p. 73-74.

²⁶⁸ RATZINGER, J., Pontos de referencia cristológicos, p. 18-20.

²⁶⁹ RATZINGER, J., *Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem*, p. 74.

em outra coisa que na explicação de sua oração: toda a pessoa de Jesus está compreendida em sua oração.”²⁷⁰.

Quarto: Ratzinger cita partes de outros Evangelhos para corroborar a importância da oração para a compreensão da pessoa de Jesus. O primeiro texto é a oração de Jesus no Monte das Oliveiras (Lc 22, 39-46; Mt 26, 36-46; Mc 14, 32-42), no início de sua Paixão, o monte da solidão²⁷¹. Nesse relato Jesus chama a Deus com o vocativo “*abba*”, transmitido pelo Evangelho de Marcos em aramaico. Essa forma de dirigir-se ao Pai, a Deus, supera toda a forma de oração usada até então pela tradição judaica. Esse termo exprime um novo e extraordinário modo de relação com Deus, que só poderia ser expressada, na realidade de Jesus, com o nome “Filho”. Ratzinger afirma que na tradição evangélica Jesus nunca designou os discípulos, ou outros homens, como “filhos” com relação a Deus da mesma forma como ele fazia consigo mesmo. Da mesma forma distinguiu claramente a alocação “meu Pai” da paternidade geral de Deus que vale para todos²⁷². O tratamento “Pai nosso” é pensado para os discípulos que rezam no “nós” da comunidade, mostrando que em conjunto com Jesus a comunidade se dirige a Deus como Jesus, pois o faz em nome dele²⁷³. A unidade entre ser e relação é essencial na pessoa de Jesus e não se manifesta apenas quando o termo “Filho” é usado, mas também em outras expressões como: “para isso eu vim” (Jo 18, 37) e “para isso fui enviado” (Lc 4, 43). Da mesma forma, Ratzinger entende que o Evangelho de João aprofunda o que a antiga tradição dos sinóticos afirmavam acerca das palavras “Filho” e “missão”, introduzindo-nos na intimidade de Jesus, como amigos capazes de olhar o fundo do seu ser. “Segundo a consciência de Jesus, assim como ela se expressa nos Evangelhos, Ele não fala ou atua por si mesmo, sim por outro, e para Ele é essencial provir desse Outro. Toda sua existência é missão, ou seja, relação”²⁷⁴.

Segunda tese: “Jesus morreu rezando. Na última ceia, Ele havia antecipado sua morte, enquanto se deu e repartiu a si mesmo transformando a partir de dentro a morte em uma ação de amor, em glorificação a Deus.”²⁷⁵. Ratzinger reconhece o valor da exegese histórico-crítica que evidencia a divergência de alguns detalhes

²⁷⁰ RATZINGER, J., Pontos de referencia cristológicos, p. 20-21.

²⁷¹ RATZINGER, J., Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem, p. 75.

²⁷² RATZINGER, J., Jesus de Nazaré, V. I, p. 131.

²⁷³ RATZINGER, J., Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem, p. 75.

²⁷⁴ RATZINGER, J., Pontos de referencia cristológicos, p. 21-23.

²⁷⁵ RATZINGER, J., Pontos de referencia cristológicos, p. 24.

referentes às últimas palavras de Jesus, mas, principalmente, demonstra a concordância no fato de que Jesus morreu rezando. Nessa concordância central de dois dos quatro Evangelhos, pode ser fundada a interpretação teológica do fato²⁷⁶. Novamente, nesse ponto é possível reconhecer que nosso autor interpreta o Novo Testamento à luz do Antigo e vice-versa, nos próximos parágrafos esse dado fica evidenciado.

Sua morte não foi apenas um ato de adoração, mas de oração. Segundo Mateus e Marcos Jesus gritou as palavras do Salmo 21, do justo sofredor e redimido: “Deus meu, Deus meu! Por que me abandonaste?” (Mc 15,34; Mt 27,46). Ambos os Evangelhos afirmam que os presentes não compreenderam esse brado, pensando que Jesus chamava Elias. Segundo o Evangelho, só pela fé é possível compreender que esse Salmo, bradado por Jesus na cruz, se referia às esperanças messiânicas. Para a cristandade primitiva, esse texto tornou-se uma chave cristológica, donde surgiam a compreensão do mistério da Eucaristia que procede da cruz. Jesus, ao gritar esse Salmo, interpretou a sua própria morte, revelando o mistério profundo do seu ser. Com a ressurreição, esse fato se cumpre, passando a ser compreendido como a verdadeira palavra de Jesus, a palavra do Antigo Testamento é cumprida na morte e ressurreição de Jesus. O que era anônimo tornou-se realidade concreta na carne de Jesus²⁷⁷.

Ratzinger afirma que os evangelistas concordam que as últimas palavras de Jesus expressam de sua doação ao Pai. Elas são a prova de que ele permaneceu em constante diálogo, no mais profundo do seu ser e da sua pessoa, até mesmo na solidão da morte. Citando as palavras da Escritura, transformou sua morte em um ato de oração. Assim, inseriu sua morte na Palavra de Deus, da qual viveu e morreu.

A morte, que segundo sua essência é o fim, a destruição de toda comunicação, é transformada por Ele em um ato de comunhão, em um estar em mútua comunicação. E isto é a redenção dos homens, pois significa que o amor vence a morte. Também podemos expressar o mesmo a partir de outro ponto de vista dizendo que a morte, que é o fim das palavras e o fim do sentido, se transforma ela mesma, em palavra e dessemado em morada do sentido que se doa a si mesmo²⁷⁸.

O acontecimento da morte de Jesus, donde surge a eucaristia, o ato de entrega, foi realizado em oração.

²⁷⁶ RATZINGER, J., Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem, p. 7.

²⁷⁷ RATZINGER, J., Pontos de referencia cristológicos, p. 24-26.

²⁷⁸ RATZINGER, J., Pontos de referencia cristológicos, p. 27-28.

Terceira tese: “Porque a oração é o centro da Pessoa de Jesus, a participação em sua oração é o pressuposto para conhecer e compreender Jesus”²⁷⁹. Segundo sua natureza, o conhecer funda-se em certa configuração ou assimilação de quem conhece com o objeto conhecido. O semelhante conhece o semelhante. Pessoalmente e espiritualmente, para que haja conhecimento é necessário certo grau de simpatia pelo qual a realidade espiritual correspondente se faz uma só coisa com a outra, tornado capaz de compreendê-la. Ratzinger afirma que o ato principal da religião é a oração, que, na religião cristã possui um significado especial. A oração foi um ato central e constitutivo da pessoa de Jesus, a sua comunicação com o Pai. Só é possível conhecer a Pessoa de Jesus de forma real ao assumir a mesma atitude que Ele²⁸⁰. A participação na oração de Jesus, que é um ato de amor, de entrega, não é uma espécie de condição de piedade da leitura do evangelho, mas uma chave que abre a verdadeira natureza do conhecimento de Deus, que é relacional. Cristologia não é simplesmente sistematização de conteúdos bíblicos, mas conhecimento real e espiritual de Deus através de Cristo²⁸¹.

Ratzinger encontra, nas páginas do Novo Testamento, uma teoria teológica do conhecimento (epistemologia teológica), ligada à oração, no exemplo de Ananias que foi enviado a Paulo, a fim de recebê-lo na Igreja (At 9, 10-19). A prova que Ananias teria da verdade sobre Paulo é que ele estaria em oração. Ao rezar, Paulo se liberta da cegueira e caminha em direção à visão espiritual. Ratzinger afirma que aquele que reza começa a ver. A oração é o olho que ama.

Por isso, os verdadeiros avanços da cristologia nunca vieram de uma pura teologia escolar, tampouco da moderna teologia, da história dos dogmas, da antropologia orientada segundo as ciências humanas, etc... Tudo isso é importante, tão importante quanto é a escola. Porém não basta: deve juntar-se à teologia dos santos, que é teologia da experiência. Todos os avanços teológicos reais têm sua origem no do amor e em sua força visual²⁸².

Nesse ponto é possível observar Ratzinger salientar a natureza espiritual da teologia, bem como os aspectos de fé da epistemologia teológica, que foram apresentados na última seção do segundo capítulo. No exemplo bíblico a seguir essa afirmação fica melhor exemplificada.

²⁷⁹ RATZINGER, J., Puntos de referencia cristológicos, p. 28.

²⁸⁰ RATZINGER, J., Cristo e sua Igreja, p. 112-113.

²⁸¹ RATZINGER, J., Puntos de referencia cristológicos, p. 28-30.

²⁸² RATZINGER, J., Puntos de referencia cristológicos, p. 30-31.

Nessa tese Ratzinger explora a necessidade da comunhão eclesial para todo o fazer cristológico, revelando assim que em seu pensamento a teologia é uma serva da Igreja e da fé, dado apresentado na última seção do capítulo anterior. Quarta tese:

A comunhão com a oração de Jesus inclui a comunhão com seus irmãos. O ser o estar com sua Pessoa, que surge do participar em sua oração, constitui então essa companhia, esse ser-com, abarcador e entranhável, que Paulo denomina “Corpo de Cristo”. Por isso, a Igreja – o “Corpo de Cristo” – é o verdadeiro sujeito do conhecimento de Jesus. Em sua memória o passado se faz presente, porque nela Cristo está vivo e presente²⁸³.

Jesus ensinou seus discípulos a orarem dizendo: “Pai nosso” (Mt 6,9). Nenhum homem pode referir-se a Deus como Jesus, apenas na comunidade que Jesus inaugurou, pois todos são criados por Deus uns para os outros, assumir a paternidade de Deus é reconhecer esse fato²⁸⁴. A verdadeira invocação humana de Deus como Pai só é feita se cada um está realmente voltado para o seu próximo²⁸⁵.

Ratzinger entende que ainda que Jesus tenha tido uma relação singular com o Pai, ele não abandonou o modelo religioso de caráter comunitário, viveu, como mostram os Evangelhos, a tradição de fé do povo judeu. Sua relação com o Pai também era um colóquio com Moisés e Elias (Mc 9,4), nesse diálogo ele superou a letra e abriu o espírito do Antigo Testamento, para revelar o Pai no Espírito, mas essa superação não destruiu a tradição religiosa, levou-a à sua profundidade e cumprimento, renovando o povo de Deus, abrindo para todos o acesso ao Pai. Jesus transforma o antigo povo de Deus em novo, acolhendo os que creem nele na comunidade²⁸⁶.

Jesus entrou em um sujeito de tradição já existente, no povo de Deus de Israel, por meio de seu anúncio e de toda a sua pessoa, e nele fez possível a convivência, o ser com os demais, por meio de seu próprio e mais íntimo ato de ser: seu diálogo com o Pai. Esse é o conteúdo mais profundo daquele acontecimento com o qual ensinou seus discípulos dizer “Pai nosso”²⁸⁷.

Ratzinger afirma que estar com, e, ver Jesus, pressupõe comunhão em e com o sujeito da Tradição viva que a ele está ligada, a Igreja. Sem ela, a mensagem de Jesus não poderia sobreviver e gerar vida nos tempos futuros da história humana. O Novo Testamento como livro pressupõe a Igreja como sujeito, pois cresceu nela

²⁸³ RATZINGER, J., Pontos de referencia cristológicos, p. 31.

²⁸⁴ RATZINGER, J., Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem, p. 76.

²⁸⁵ RATZINGER, J., Pontos de referencia cristológicos, p. 31.

²⁸⁶ RATZINGER, J., Cristo e sua Igreja, p. 115.

²⁸⁷ RATZINGER, J., Pontos de referencia cristológicos, p. 35.

e a partir dela. A fé da Igreja é responsável pela sua unidade interna e também com os escritos do Antigo Testamento. A união entre Tradição e conhecimento de Jesus está patentemente visível nas páginas do Novo Testamento²⁸⁸.

Essa união do conhecimento religioso, do conhecimento de Jesus e de Deus com a memória comunitária da Igreja não separa nem dificulta de modo algum a responsabilidade pessoal da razão. Cria, melhor, o lugar hermenêutico da compreensão racional, ou seja, conduz ao ponto de fusão entre o eu e os demais, e assim se transforma no âmbito de compreensão. Essa memória da Igreja vive por ser enriquecida e aprofundada pela experiência do amor que adora, porém também pode ser purificada sempre de novo pela razão crítica. A eclesialidade da teologia, segundo resulta do dito, não é, portanto, nem coletivismo teórico cognoscitivo nem uma ideologia que viola a razão, sim um espaço hermenêutico que a razão necessita simplesmente para poder atuar como tal²⁸⁹.

Nesse ponto também é possível observar a importância dada por Ratzinger à Igreja e à Tradição para a compreensão das Sagradas Escrituras. Relacionando essas instâncias à Revelação divina e ao conhecimento de Jesus Cristo, salienta a natureza eclesial e espiritual da teologia.

3.3.2

A autoconsciência de Jesus nos títulos auto atribuídos

A oração de Jesus, explorada na seção anterior, revela em ato, de acordo com os Evangelhos, o mais profundo da pessoa de Jesus. Apresenta-o como o Filho de Deus e demonstra que ele tinha total consciência de quem era. Os Evangelhos narram, em diversas passagens, que Jesus se autodenominou com alguns títulos que revelam o seu ser. Nesta seção, apresenta-se a autoconsciência de Jesus manifesta nessas expressões. Busca-se a compreensão que Ratzinger tem acerca da pessoa de Jesus Cristo e observa-se como a sua visão dos dados da Sagrada Escritura está ligada de forma direta à metodologia de interpretação que ele utiliza. É importante observar que o debate em torno da autoconsciência de Jesus é central na crítica histórica. Essa entende as autoafirmações de Jesus como acréscimos posteriores. Ratzinger explora a hipótese oposta, de que Jesus, o Cristo dos Evangelhos, é o Jesus histórico e que os relatos dos Evangelhos, apresentam um personagem histórico coerente. Nessa seção é evidenciada a maneira como Ratzinger faz cristologia através de uma interpretação teológica das Sagradas Escrituras, possibilitada por uma aproximação à exegese canônica, explorando o elemento da

²⁸⁸ RATZINGER, J., Cristo e sua Igreja, p. 116.

²⁸⁹ RATZINGER, J., Pontos de referência cristológicos, p. 37.

unidade literária, histórica e teológica; aspecto central nessa metodologia exegética. Ratzinger no prefácio da *Obra Jesus de Nazaré*, salientou a aproximação à essa corrente, aspecto de sua hermenêutica apresentado em seção do capítulo anterior.

3.3.2.1

Filho do Homem

Filho do homem, apesar de todo o mistério, foi a expressão mais usada por Jesus para se autônomoar, no total 82 vezes no Novo Testamento. Em todo o Novo Testamento ela só aparece sendo usada por Jesus, com exceção de Estevão, que citou as palavras do próprio Jesus (At 7, 56) e de outras duas ocorrências em Ap 1, 13; 14, 14. Ela, efetivamente, tornou-se um título na boca de Jesus. Porém, a cristologia do Novo Testamento não se constrói sobre esse título, mas sobre os de Messias (Cristo), Kyrios (Senhor) e Filho de Deus. Filho do homem não foi um título assumido pela pregação pós-apostólica²⁹⁰.

Em torno dessa palavra, desenvolveu-se na exegese moderna um enorme debate, gerando um grande número de hipóteses contraditórias entre si²⁹¹. Distinguem-se no Novo Testamento três grupos de palavras sobre o termo. O primeiro consiste em palavras sobre o Filho do Homem que vai chegar. O segundo é formado por palavras sobre a ação terrena do Filho do Homem. O terceiro se refere aos seus sofrimentos e a sua ressurreição. Os intérpretes tendem a considerar apenas o primeiro grupo como autenticamente de Jesus. Mas não há um consenso geral. Assim Jesus é visto como um profeta escatológico, em vista do contexto cultural de esperança apocalíptica. As outras são interpretadas de acordo com o método histórico-crítico como acréscimos posteriores, interpretações da figura de Jesus e de suas relações com o termo. Ratzinger entende que interpretar o título dessa forma é diminuir a força do que Jesus representou para a comunidade ao usar essa palavra. Nosso autor afirma que apenas algo extraordinariamente novo poderia gerar a força necessária para que a comunidade posterior sobrevivesse e refletisse sobre os acontecimentos testemunhados²⁹². Para discernir o conteúdo de fé que a expressão contém, Ratzinger busca, por meio de leitura teológica da Bíblia, o

²⁹⁰ RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré*, V. I, p. 273.

²⁹¹ VERMES, G., *Jesus e o mundo do Judaísmo*, p. 109-121.

²⁹² RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré*, V. I, p. 274-275.

sentido que essa palavra possuía no contexto geral. Contudo, é possível observar que ele usa ferramentas da exegese histórico-crítica.

A expressão Filho do Homem, ao mesmo tempo ocultava e tornava acessível o mistério de Jesus. Isso está em plena concordância com a forma de Jesus pregar por parábolas. O seguimento, realizado pelos discípulos, é que tornaria possível a compreensão profunda dos ditos²⁹³. O termo no seu contexto linguístico significava simplesmente homem. A transição do simples para a nova consciência que Jesus tinha de si próprio encontra-se no seguinte texto: “O sábado é feito para o homem e não o homem para o sábado. Por isso o Filho do Homem é também senhor do sábado” (Mc 2,27-28). Na expressão revela-se como a humanidade deveria ser. A partir de Jesus o homem é livre. Nessa interpretação da Lei, feita de modo tão livre, Jesus apresenta-se como o dono da palavra, pois é Palavra originária de Deus, esse dado revela a dignidade de Jesus e a dignidade humana²⁹⁴.

A primeira ocorrência bíblica da expressão está no livro de Daniel. É narrada a visão de quatro bestas, que simbolizam as potências mundiais e seu poder violento, esboçando um quadro negativo da história. Conforme a visão se desenvolve, aparece o Filho do Homem, ao lado do ancião. Ao Filho do Homem é dado o verdadeiro reino eterno, de poder e paz. O Filho do Homem, que vem sobre as nuvens, simboliza um reino totalmente diferente, vindo do poder de Deus (Dn 7, 9-14). Essa figura é ligada à esperança da salvação messiânica, mas Jesus deu-lhe nova forma, na medida em que relacionou essa expectativa consigo mesmo e com a sua ação. Jesus reformula até mesmo o significado cultural recente da expectativa messiânica²⁹⁵. Para Ratzinger o sentido que ela possui para Jesus é melhor compreendido quando se conhece significado mais antigo da palavra.

Ratzinger afirma que o título é usado por Jesus para falar sobre a sua glória futura, pois estão associados aos seus discursos sobre sua volta, o fim do mundo e seu julgamento perante o grande conselho. Em paralelo, esse título revela que, no futuro, Jesus será o juiz, ao contrário do escárnio que recebeu das autoridades de sua época, nesse caso paixão e glória estão ligadas. Não se fala explicitamente da paixão, mas ela é o contexto em referência ao qual o próprio Jesus usa o título. No evangelho de Mateus, na parábola do Juízo Final (Mt 25, 31-46), o Filho do Homem

²⁹³ KASPER, W., Jesús el Cristo, p. 292-334.

²⁹⁴ RATZINGER, J., Jesus de Nazaré, V. I, p. 275-276.

²⁹⁵ RATZINGER, J., Jesus de Nazaré, V. I, p. 276-277.

aparece como o juiz que faz a separação dos julgados. O juiz identifica-se com os sofredores do mundo, em paralelo com a história terrena de Jesus e sua paixão. Com isso, os Evangelhos mostram que Jesus tinha consciência de que no futuro lhe seria dado o poder de julgar²⁹⁶.

Nem todas as ocorrências da expressão Filho do Homem nos ditos de Jesus, escreve Ratzinger, contidas nos Evangelhos e atribuídas a ele, são considerados como autênticas pela crítica, que em todo caso, reconhece apenas duas. A primeira: “Eu vos digo: quem Me confessar diante dos homens, também por ele se confessará o Filho do Homem, diante dos anjos de Deus. Mas quem Me negar diante dos homens, também será negado diante dos anjos de Deus” (Lc 12,8). A segunda: “Como um relâmpago brilha de um extremo do céu ao outro, assim aparecerá o Filho do Homem no seu dia. Mas antes ele deve sofrer muito e ser rejeitado por esta geração” (Lc 17, 24). A argumentação contra a autenticidade do dito se baseia em que Jesus se distingue do sujeito sobre o qual ele fala. Ratzinger, porém, contra argumenta identificando que nas outras ocorrências da temática Jesus se identifica com o juiz que confessa os que lhe confessaram perante os homens. “Mas quem Me negar diante dos homens, também Eu o negarei diante do meu Pai que está nos céus” (Mt 10. 33). Com essa citação dos Evangelhos, nosso autor relaciona o título Filho do Homem, usado por Jesus, com a glorificação dada pelo Pai. Além disso, pretende demonstrar a identificação do Jesus terreno com o juiz vindouro: “Também no texto de São Lucas a identidade é perfeita, a partir da direção para onde se orienta o conteúdo de todo o conjunto”²⁹⁷. Ratzinger entende que o Jesus terreno e o Filho do Homem são o mesmo, visto que Jesus falava em enigmas. “É claramente um só e o mesmo de que aqui se trata: precisamente aquele que com essas palavras já se encontrava no caminho do sofrimento”²⁹⁸.

O título também é associado a passagens em que Jesus se coloca como igual a Deus, ao interpretar a Lei, perdoar pecados e curar. Para tanto, Ratzinger cita o texto da cura do paralítico. Jesus é indagado pelos escribas de onde vinha a sua autoridade para perdoar pecados e ele afirmou: “Para que saibas que o Filho do Homem tem o poder de aqui na terra perdoar pecados. Levanta-te, toma o teu catre

²⁹⁶ RATZINGER, J., Jesus de Nazaré, V. I, p. 278.

²⁹⁷ RATZINGER, J., Jesus de Nazaré, V. I, p. 279.

²⁹⁸ RATZINGER, J., Jesus de Nazaré, V. I, p. 280.

e vai para sua casa” (Mc 2,1-10). Essa mesma pretensão divina foi a que conduziu Jesus à condenação que culminou em paixão na cruz²⁹⁹.

Mais uma vez, o título é relacionado a eventos fundamentais da obra para o qual Jesus fora enviado.

A fusão da visão de Daniel a respeito do Filho do Homem que ia chegar e das imagens transmitidas por Isaías sobre o servo de Deus sofredor, a mais antiga exegese considerou como o autêntico novo e especial da ideia de Jesus acerca do Filho do homem, precisamente como o meio da sua autoconsciência em absoluto e isso com total razão. Devemos, todavia, acrescentar que síntese das tradições do Antigo Testamento que Jesus realizou na imagem do Filho do Homem estende-se ainda mais, tornando conhecidos ainda outros filões e regalos das tradições do Antigo Testamento³⁰⁰.

Jesus viveu a partir do conjunto da Lei e dos profetas, como sempre disse aos que o seguiam. Ele se considerou como a unificação e a explicação desse conjunto. No prólogo do seu Evangelho, João afirma que Jesus é Palavra. Para Ratzinger, na expressão Filho do Homem encontra-se o único da figura de Jesus, da sua missão e do seu ser. Ele vem de Deus, Ele é Deus, mas ao mesmo tempo assume o humano e por isso traz novamente a verdadeira humanidade³⁰¹.

Aqui toca-se no ponto apresentado em seções anteriores, a salvação humana. A expressão Filho do Homem, apresenta a unidade de ser de Deus e do homem, que ali se exprime e atravessa todo o Novo Testamento, apresentando a nova humanidade que vem de Deus e é conquistada através do seguimento de Jesus Cristo³⁰².

3.3.2.2

O Filho. Filho de Deus.

Apesar das semelhanças entre o termo Filho e a expressão Filho de Deus, eles devem ser distinguidos, pois têm origem e significados diferentes. Não obstante, tiveram uma aproximação na formação da fé cristã³⁰³.

A expressão “Filho de Deus” tem sua origem na teologia política do antigo Oriente. No Egito e na Babilônia o rei recebia tal título. Enquanto no Egito a origem

²⁹⁹ RATZINGER, J., Jesus de Nazaré, V. I, p. 280.

³⁰⁰ RATZINGER, J., Jesus de Nazaré, V. I, p. 281.

³⁰¹ RATZINGER, J., Jesus de Nazaré, V. I, p. 282.

³⁰² RATZINGER, J., Jesus de Nazaré, V. I, p. 283.

³⁰³ GREEHEY, J.; VELLANICKAL, N., Le caractere unique at singular de Jesus comme Fils de Dieu, p. 173-196; KASPER, W., Jesús el Cristo, p. 199-240.

do rei era considerada divina, na Babilônia o nome era devido a um ato jurídico, uma adoção³⁰⁴. Em Israel, o termo foi assumido, fundindo-se os dois significados, reinterpretados e alterados em seu sentido. Israel é entendido como o filho primogênito de Deus, pertencendo de modo especial a Ele. Com o fortalecimento da dinastia de Davi, a ideologia real do antigo Oriente é transferida para o rei no monte Sião. Deus promete a Davi que um dos seus filhos seria como um filho dele (2Sm 7,14). Com o tempo surgem três compreensões dessa promessa. Primeira: O privilégio de Israel de ser o primogênito de Deus é concretizado na figura do rei. Segunda: esse fato marginaliza a noção mítica da origem divina, substituindo-a pela noção de eleição. Terceira: Pela fragilidade política e geográfica de Israel, fica evidente, após o exílio e a restauração que durou pouco tempo, que a promessa feita ao rei de Sião devia tornar-se uma palavra de esperança em um rei que haveria de vir³⁰⁵.

O cristianismo primitivo viu essa realização na ressurreição de Jesus. Paulo interpreta dessa forma, ao pregar para os Judeus em Antioquia (At 13,22). Jesus não é visto como um rei que dominaria em caráter político, não exerceria poder através da violência, mas pela cruz domina de um modo totalmente novo, através da fé e do amor. Para Ratzinger a expressão “Filho de Deus”:

Solta-se da esfera do poder político e torna-se expressão de uma especial unidade do ser com Deus, que se mostra na cruz e na ressurreição. Quão profundamente alcança essa unidade do ser este “Filho de Deus”, não é possível esclarecer a partir deste contexto do Antigo Testamento. Outras correntes da fé bíblica e do próprio testemunho de Jesus devem confluir para dar à palavra o seu pleno significado³⁰⁶.

O título, no contexto direto de Jesus, era aplicado a César, rei de Roma, que se autodeclarava divino e instituiu um culto à sua figura em todo o seu domínio, o mundo que ele entendia como seu patrimônio por direito. Porém, para a fé cristã, só Cristo ressuscitado é o verdadeiro Filho de Deus, ao qual tudo pertence, e na unidade com o Pai e o Espírito é devida a adoração. A fé cristã colide, em vista da significação do título, com o poder de Roma e sempre colidirá com os poderes políticos divinizados de todos os tempos³⁰⁷.

³⁰⁴ RATZINGER, J., Introdução ao Cristianismo, p. 161-170. Essa descrição da autoconsciência de Jesus será feita posteriormente, de forma mais detalhada, no V. I da obra Jesus de Nazaré pois é tema fundamental da sua cristologia.

³⁰⁵ RATZINGER, J., Jesus de Nazaré, V. I, p. 284-285.

³⁰⁶ RATZINGER, J., Jesus de Nazaré, V. I, p. 286.

³⁰⁷ RATZINGER, J., Jesus de Nazaré, V. I, p. 286-287.

O termo não é encontrado nas autoproclamações de Jesus. É possível encontrar apenas o uso por ele do título “o Filho”. Fora dos Evangelhos, aparece cinco vezes na Carta aos Hebreus e uma vez na Primeira Carta aos Coríntios, cinco vezes na Primeira Carta de João e uma vez na Segunda Carta de João. No Evangelho de João encontra-se a palavra dezoito vezes e apenas uma vez nos Evangelhos de Mateus e Lucas. Um texto chave, do uso feito por Jesus dessas palavras é:

Naquela ocasião Jesus tomou a palavra e disse: “Bendigo-Te ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos entendidos e as revelastes aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque isso foi do Teu agrado. Tudo Me foi entregue por Meu Pai, e ninguém conhece o Filho senão o Pai, como ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar (Mt 11, 25-27; Lc 10, 21-22).

Para Ratzinger, a última frase decifra o conjunto. “Só o Filho ‘conhece’ o Pai”. Nosso autor afirma que o ato de conhecer, nesse caso, funda-se na igualdade. Cada processo de conhecimento inclui sempre o ato e o processo de tornar-se igual; uma unidade interior entre o que conhece e o objeto conhecido. Conhecer verdadeiramente a Deus pressupõe comunhão com Ele. “Torna-se, assim, ao mesmo tempo evidente o que é Filho, o que isto significa: perfeita comunhão de conhecimento, que é ao mesmo tempo comunhão de ser”³⁰⁸.

O mesmo versículo mostra a unidade da vontade entre o Pai e o Filho. Só conhece o Pai aquele a quem o Filho o quiser revelar e só chega até o Filho quem é atraído pelo Pai. Essa dupla direção da vontade, confluyente nas duas pessoas, mostra a unidade comum entre as vontades. Ratzinger afirma:

A vontade do Filho constitui uma unidade com a vontade do Pai. Isso é sem dúvida um motivo contínuo dos Evangelhos, em absoluto. No Evangelho de São João, é com especial energia evidenciado que Jesus está, na sua vontade, totalmente imerso na vontade do Pai. De modo dramático, é apresentado o ato de união da vontade e da fusão de ambas as vontades na hora do jardim das Oliveiras, em que Jesus se despoja da vontade humana e se interioriza na sua autêntica vontade de Filho e, assim, na unidade de vontade com o Pai. [...] na unidade de vontade que se torna unidade de conhecimento³⁰⁹.

O termo Filho tem seu lugar no Evangelho de João, na oração de Jesus. A ele corresponde a locução Pai, que o Evangelho de Marcos conservou no original aramaico, *abba*. Essa relação permite lançar um olhar para o interior de Jesus, e,

³⁰⁸ RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré*, V. I, p. 287-288.

³⁰⁹ RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré*, V. I, p. 288.

logo, para o interior de Deus. A oração de Jesus é a verdadeira origem do título Filho. Ratzinger afirma acerca das pesquisas históricas sobre do termo:

Não tem pré-história, como o “Filho” mesmo é novo e, no entanto, Moisés e os profetas confluem para Ele. A tentativa de construir a partir da literatura pós-bíblica “gnóstica” da palavra e fazer São João dependente dela, não faz sentido, se forem relativamente respeitados os limites e as possibilidades do método histórico. Existe a originalidade de Jesus. Só Ele é o “Filho”³¹⁰.

É possível observar a mesma metodologia e hermenêutica para interpretar esse título da que foi utilizada na interpretação da expressão Filho do Homem. Uma busca pelo significado linguístico da palavra no Antigo Testamento, consideração de alguns ferramentais da exegese histórico-crítica e a leitura teológica. A mesma operação será realizada na subseção seguinte, referente à autoafirmação Eu Sou.

3.3.2.3 Eu Sou

A autoafirmação “Eu sou” assume nos Evangelho basicamente duas formas. “Eu sou” usado apenas dessa maneira, ou, “Eu sou” acompanhado com algumas imagens, como: “Eu sou o pão da vida” (Jo 6,35), “Eu sou a videira verdadeira” (Jo 15,1), “Eu sou o bom pastor” (Jo 10, 11). Em sua grande maioria, “Eu sou” acompanhado com outra figura aparece no Evangelho de João. Para Ratzinger, esse grupo é mais fácil de compreender pelos complementos que são diretamente ligados à cultura religiosa e bíblica de Israel. O mistério reside no uso do “Eu sou”, apenas. Nosso autor examina o significado dessa expressão que aparece em algumas passagens do Evangelho de João e em uma dos Sinópticos, que estão em paralelo muito claro com o Evangelho de João³¹¹.

Para Ratzinger, a ocorrência mais importante para decifrar o significado dessa expressão encontra-se na discussão de Jesus com os Judeus na festa dos tabernáculos (Jo 7,37-38). Nesse caso, ele se apresenta como a fonte de água viva, o que causou uma divergência entre o povo acerca de quem ele era. Em outra ocasião Jesus afirma: “Não sabeis absolutamente de onde é que Eu venho nem para onde vou... Vós não me conheceis nem ao meu Pai” (Jo 8,14.19). Ele acrescenta: “Vós sois cá de baixo, Eu sou lá de cima; vós sois deste mundo, Eu não sou deste mundo” (Jo 8,23). A frase decisiva encontra-se quando Jesus proclama: “Se não

³¹⁰ RATZINGER, J., Jesus de Nazaré, V. I, p. 291.

³¹¹ RATZINGER, J., Jesus de Nazaré, V. I, p. 291.

acreditares que Eu sou, morrereis nos vossos pecados” (Jo 8,24). O questionamento de quem ele realmente era foi feito: “Quem és tu?” (Jo 8,25). A exegese, buscando a origem dessa expressão, chegou a várias hipóteses, como: discursos de revelação vindos do Oriente, escritos mandaicos, que, porém, são mais recentes que os escritos do Novo Testamento. Ratzinger afirma que se deve buscar a origem e a raiz desse termo dentro da cultura judaica. Para tanto ele cita alguns textos do Antigo Testamento³¹². A primeira ocorrência está na cena da sarça ardente. Moisés pergunta como deveria chamar a Deus, que lhe dá um nome enigmático: YHWH e explica a expressão usando a frase: “Eu sou aquele que Sou” (Ex 3,14). Ratzinger afirma que o significado dessa expressão é: Deus realmente é e sempre foi, sempre esteve e sempre estará, para os homens. Novamente o termo aparece durante o exílio babilônico. O Deutero-Isaías afirma:

Vós sois minhas testemunhas – palavra do Senhor – e também meu servo, que Eu escolhi, para que saibais e acrediteis que Eu sou. Antes de Min nenhum Deus foi criado. E também depois de Min não haverá nenhum. Eu sou YHWH. Eu, e fora de Mim não há nenhum redentor (Is 43,10-11).

Quando Israel não tinha terra nem templo, o seu Deus era considerado pelas nações vizinhas um deus falso, pois, pela falta de território não poderia ser adorado. Considerava-se que a divindade estava ligada a um local. Israel, porém, com o desenvolvimento da sua história aprende que seu Deus guardava uma novidade, era o Deus de toda a criação, não estava ligado apenas a um povo ou a uma cultura. Durante pelo menos três períodos significativos de sua história, Israel não teve terra ou templo, isso fez com que essa consciência crescesse naturalmente dentro do povo, apesar de alguns particularismos presentes na sua religiosidade.

Israel reconheceu que o seu Deus era “Deus” simplesmente. E assim o “Eu Sou” da sarça ardente tinha reencontrado o seu significado: esse Deus é simples. Ele se apresenta precisamente como aquele que é na sua particularidade na expressão “Eu Sou”. Isto é corretamente uma delimitação a respeito das muitas divindades que havia, mas sobretudo, muito positivamente, a aparição da sua unicidade e particularidade que não podia ser descrita³¹³.

Quando Jesus diz “Eu sou”, ele está associando a si toda uma história e mostra sua unicidade com o Pai, a inseparabilidade de ambos. Essa expressão está ligada ao termo apresentado anteriormente: “Filho”³¹⁴.

³¹² RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré*, V. I, p. 292.

³¹³ RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré*, V. I, p. 293.

³¹⁴ RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré*, V. I, p. 294.

Para Ratzinger, quando Jesus usa o título, Ele o faz chamando a atenção para aquele que lhe enviou, e a partir do qual fala. Ele vai além ao afirmar: “Quando tiveres elevado o Filho do Homem, então conhecereis que Eu sou” (Jo 8,28). Na cruz será dado a conhecer todo o seu mistério filial e sua unidade de ser com Pai. A cruz é a sarça ardente, a mais alta pretensão da Revelação do “Eu sou”.

O segundo exemplo que Ratzinger explora está no fim da discussão oitavo capítulo do Evangelho de João. O catalisador do uso é sempre a pergunta: “Quem tu és?”, que envolve a pergunta sobre a sua origem. Jesus tem a oportunidade de aplicar o termo, dando-lhe outra interpretação, ao ouvir dos Judeus: “Abraão é o nosso Pai (...) Não descendemos de nenhum adultério, mas só temos um único Pai, Deus” (Jo 8,39.41). Interpelado por essa afirmação, Jesus esclarece a sua origem, na qual se realiza o mistério de Israel, ligado a Abraão, que tem sua origem direta na eleição feita por Deus. Jesus afirma: “Abraão, vosso Pai, alegrou-se porque ele podia ver o meu dia. Ele o viu e se alegrou” (Jo 8,56). Os Judeus objetam que Abraão não viu a Jesus, então surge o uso: “Ainda antes que Abraão existisse, Eu Sou” (Jo 8,58). Aqui Jesus afirma que a sua categoria de ser é completamente diferente da humana³¹⁵.

Ratzinger avalia a ocorrência registrada no Evangelho de Marcos. O texto escolhido é o episódio que Jesus anda sobre as águas após multiplicação dos pães (6,45-52). Esse texto possui paralelo, em muitos aspectos concordantes, com o Evangelho de João (Jo 6,16-21). Após a multiplicação dos pães, Jesus sobe ao monte para orar e pede aos seus discípulos que atravessassem o lago para a outra extremidade. Os discípulos não conseguiram avançar pela força do vento contrário. Jesus sai em seu encontro por sobre as águas. Ao verem-no caminhar por sobre as águas eles se assustam, então Jesus afirma: “Coragem, sou Eu. Não tenhais medo!” (Mc 6,50). Ratzinger afirma que, à primeira vista, essa expressão é apenas uma identificação com a pessoa conhecida pelos discípulos. Jesus sobe no barco e acalma as condições, mas, apesar disso, os discípulos não se acalmam, ao contrário, aumentam em temor. Nosso autor identifica aqui que o temor dos discípulos é semelhante ao causado por uma teofania, quando o homem contempla o próprio Deus. Nesse Jesus que andou sobre as águas, os discípulos reconheceram a presença de Deus³¹⁶. Pedro afirma: “Afasta-Te de mim, que sou um homem pecador” (Lc

³¹⁵ RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré*, V. I, p. 295.

³¹⁶ RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré*, V. I, p. 296.

5,8), aterrorizado perante Deus. De fato, apenas Deus pode andar por sobre as águas. “Que estende o céu, ele só, que anda de um lado para o outro sobre as ondas do mar” (Jó 9, 8).

E por isso mesmo é o acalmar da tempestade um processo que vai além dos limites das possibilidades humanas e que chama a atenção para o poder do próprio Deus. Então os discípulos dizem uns para os outros, na história clássica da tempestade: “Quem é este que até o vento e a água lhe obedecem?” (Mc 4, 41). Neste contexto também a alocução “Eu Sou” adquire outro tom: é mais do que uma auto-identificação de Jesus; o misterioso “Eu Sou” dos escritos de São João parece ecoar também aqui. [...] termina com a adoração e com a palavra dos discípulos: “Verdadeiramente tu és o Filho de Deus” (Mt 14, 33)³¹⁷.

“Eu sou”, com mais sete expressões diferentes, não é puro acaso. Na cultura judaica sete significa a perfeição. Os casos são: “Eu sou pão da vida; a luz do mundo; a porta; o bom pastor; a ressurreição e a vida; o caminho a verdade e a vida; a videira verdadeira”³¹⁸.

Esses elementos simbolizam a vida que o homem precisa e apenas Deus pode dar. Mas deve ir além dos que foram apresentados por Jesus, como é expressado no segundo pedido do *Pai Nosso*: “Venha o teu Reino” (Mt 6,10). Ratzinger afirma que o Reino de Deus é plenitude de vida, simbolizada nos elementos que estão aglutinados ao termo “Eu sou”.

Ele precisa de Deus. E é só assim que podemos então ver que por trás de todos os discursos em imagens está em última instância isto: Jesus dá-nos a “vida”, porque Ele nos dá Deus. Ele pode dá-lo, porque Ele mesmo é um só com Deus. Porque Ele é o Filho de Deus. Ele mesmo é o dom – Ele é a vida. Precisamente por isso é que ele é em todo o seu ser comunicação, “pró-existência”. É precisamente isso que aparece na cruz como sua verdadeira elevação³¹⁹.

Como pode-se observar através da exposição da cristologia construída por Ratzinger nessas três expressões, que revelam a autoconsciência de Jesus:

Em todas as três palavras aparece a originalidade de Jesus, o que Ele tem de novo, que Lhe é exclusivamente próprio, para as quais não há mais nenhuma derivação. Todas as três só são, portanto, possíveis na sua boca – é central a palavra da oração “Filho”, a que corresponde a aclamação Abba-Pai. Nenhuma dessas três palavras podia, portanto, tal como está, ser uma palavra da confissão da “comunidade”, da Igreja em formação³²⁰.

³¹⁷ RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré*, V. I, p. 297.

³¹⁸ RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré*, V. I, p. 297.

³¹⁹ RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré*, V. I, p. 298.

³²⁰ RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré*, V. I, p. 298.

3.4

Aplicação da hermenêutica da fé à cristologia: conclusões

Após a exposição de alguns dados da cristologia de Ratzinger, buscando evidenciar os aspectos metodológicos e hermenêuticos que possibilitam a formulação dos seus conteúdos, são apresentadas cinco teses a modo de conclusão:

1º) Para Ratzinger o dogma cristológico é fundamental para uma metodologia que proporcione uma interpretação correta da cristologia das Sagradas Escrituras. Isso revela que no seu pensamento a Tradição é essencial para uma teologia que atenda, de forma íntegra, à sua natureza. Isso evidencia sintonia de seu pensamento com a da *Dei Verbum*.

2º) A oração de Jesus evidencia a hermenêutica da fé pois: ela salienta o valor da comunidade eclesial que ora em conjunto e com Jesus; a oração abre as portas da epistemologia correta, o que salienta a natureza e a missão da teologia; a oração permite ao teólogo a chave hermenêutica da pessoa de Jesus como registrada nos Evangelhos; por ser um ato de fé.

3º) A exegese canônica é fundamental – enquanto valoriza a totalidade das Escrituras – para uma metodologia que visa uma leitura histórica e teológica das Sagradas Escrituras. Esse fato evidenciou-se na interpretação teológica que Ratzinger faz das autoafirmações de Jesus.

4º) A aproximação à exegese canônica, feita por Ratzinger, é reflexo de uma escolha por uma hermenêutica da fé, que busca a unidade.

5º) Ratzinger não faz exegese canônica. Essa escolha não é uma recusa pela exegese histórico-crítica, nem a sua suposta superação, mas sim a busca por uma metodologia que a complete e a torne verdadeiramente uma disciplina teológica.

Análise metodológica

A obra *Jesus de Nazaré* representa a maturidade do pensamento cristológico de Joseph Ratzinger e, conseqüentemente, também da sua utilização dos instrumentais analíticos e especulativos da teologia. Dado o seu grande sucesso editorial, ela atraiu a atenção de especialistas que a analisaram sob diversos aspectos, inclusive aquele que nos interessa, o metodológico e hermenêutico bíblico-teológico. Da análise de suas contribuições espera-se obter uma visão profunda e crítica do mesmo.

Esse capítulo apresenta uma abordagem inicial da recepção da proposta metodológica de Ratzinger nos seguintes aspectos: a crítica à metodologia histórico-crítica; a aproximação a duas metodologias complementares, a semiótica e a exegese canônica; a fé como aspecto central, em conexão com o tema do “fascínio” ou da busca existencial; a importância da Tradição; o serviço pastoral da teologia à Igreja. Por fim examinam-se algumas críticas feitas à proposta metodológica de Ratzinger e, a modo de conclusão, algumas teses.

4.1

A busca por uma nova metodologia

O aspecto mais evidenciado pela maioria dos autores que empreenderam uma análise à obra *Jesus de Nazaré* de Joseph Ratzinger foi a busca pela superação e a complementação de alguns aspectos da metodologia histórico-crítica. Essa metodologia foi o suporte de grande parte das produções literárias sobre a vida de Jesus, bem como das diferentes cristologias que dessa ferramenta também fizeram uso. Por isso, justifica-se uma seção exclusiva a esse dado. Na primeira subseção são apresentadas as análises de alguns autores que consideraram a proposta metodológica de Ratzinger como: de ‘potencial inovador’, ‘original’, ‘complexa’ e ‘bem articulada’. Na subseção seguinte é apresentada a busca de Ratzinger por uma forma de racionalidade mais abrangente, elemento visto positivamente por alguns autores.

Um conceito de racionalidade mais amplo proporciona a Ratzinger uma metodologia mais ampla e coerente com os seus objetivos. Na última subseção apresentamos as etapas metodológicas da exegese histórico-crítica aceitas por Ratzinger. Além disso, são apresentadas as etapas que Ratzinger não utiliza, justificando a sua posição.

4.1.1

Uma proposta metodológica inovadora

Paolo Boschini³²¹ foi um dos que empreendeu uma análise aos eixos hermenêuticos que compõem a estrutura metodológica subjacente à obra *Jesus de Nazaré* de J. Ratzinger. Esses fundamentos hermenêuticos, conforme esse autor, estão ligados à configuração metodológica usada por Ratzinger. A maneira como Ratzinger interpreta a figura histórica de Jesus através dos Evangelhos está associada a todo o complexo hermenêutico e metodológico. Boschini nota que muitas críticas foram dirigidas a Ratzinger. Essas foram ocasionadas por sua crítica ao método histórico-crítico, e, taxaram-no de dogmático e confessional. Mas, ao contrário disso, ele evidencia que a obra *Jesus de Nazaré* está alicerçada sobre uma “hermenêutica muito complexa, bem articulada e, portanto, forte como um tecido de qualidade.”³²², o que proporciona o surgimento e a aplicação de uma metodologia abrangente.

Vicente Ramos Centeno³²³ afirma em sua obra: *Pensando con Ratzinger. Reflexiones filosóficas a partir del “Jesús de Nazaret”*, que a obra *Jesus de Nazaré* possui uma profundidade intelectual e teórica tão abrangente que convida os diversos ramos do saber humano a repensarem algumas de suas premissas. Esse autor foca principalmente nas discussões filosóficas que essa obra suscita a respeito das ciências humanas e da própria filosofia em si³²⁴. A percepção desse autor apresenta o potencial inovador presente na metodologia usada por Ratzinger para a produção do *Jesus de Nazaré*.

³²¹ Doutor em filosofia, professor de epistemologia filosófica, fenomenologia, antropologia filosófica, filosofia da religião e antropologia filosófica, na Faculdade Teológica de Emilia-Romagna.

³²² BOSCHINI, P., La stoffa ermeneutica del Gesù di Nazaret di J. Ratzinger, p. 115-116.

³²³ Doutor em filosofia e autor de diversos livros dedicados à questão da fé frente ao mundo.

³²⁴ RAMOS, C. V., Pensando con Ratzinger. Reflexiones filosóficas a partir del “Jesús de Nazaret”.

Outra análise de grande importância acerca da metodologia de Ratzinger e de sua busca por uma superação metodológica é a de Maurizio Gronchi³²⁵. Esse afirma que o método utilizado por Ratzinger “...é decididamente singular a respeito da produção cristológica contemporânea, em seu perfil exegético e histórico, bem como sistemático”, também nota que: “A intenção direta, na verdade, era outra, a saber, oferecer ‘novos critérios metodológicos’. Comparada às outras contribuições ao tema, além do método, “... a obra oferece um conteúdo efetivamente original”. Gronchi identifica também uma preocupação de Ratzinger para com os leitores. O teólogo busca apresentar Jesus de uma forma bastante singular, de modo que tanto os eruditos exegetas, historiadores e teólogos até os mais simples e humildes não especializados, possam compreender o conteúdo e inclusive as discussões metodológicas envolvidas. Gronchi entende que a proposta metodológica de Ratzinger atende à essa demanda, recepcionada pelo próprio autor³²⁶.

A superação metodológica buscada por Ratzinger, segundo Gronchi, está relacionada a um de seus principais objetivos, algo que ele assume na introdução ao primeiro volume da obra *Jesus de Nazaré*, demonstrar que o Jesus apresentado pelos Evangelhos é uma figura histórica sensata e convincente. No segundo volume, Ratzinger especifica melhor as intenções do seu trabalho ao interlocutor especializado na ciência bíblica. “O novo método é assim enunciado, – já formulado pelo Concílio Vaticano II em *Dei Verbum* 12 – mas, até agora rejeitado: exegese histórica e teológica, ao mesmo tempo; o que equivale a dizer “conjunção” da razão histórica e hermenêutica da fé”. Gronchi compara esse método à antiga exegese patrística, pois identifica nele traços similares³²⁷.

Deve-se notar que Ratzinger dialoga majoritariamente com autores alemães, na tentativa de dar forma a sua intenção metodológica e de conteúdo. Para compreender corretamente o gênero literário e a natureza do trabalho empreendido, Gronchi afirma que Ratzinger se distancia de um possível mal-entendido: sua intenção não é escrever uma vida de Jesus nem tampouco uma cristologia. Nota-se

³²⁵ Professor ordinário de cristologia na Pontifícia Universidade Urbaniana.

³²⁶ GRONCHI, M., La Figura e il messaggio di Gesù di Nazaret in J. Ratzinger-Benedetto XVI, p. 61-62.

³²⁷ GRONCHI, M., La Figura e il messaggio di Gesù di Nazaret in J. Ratzinger-Benedetto XVI, p. 63-64.

também que Gronchi, salienta a semelhança com o tratado teológico sobre os mistérios da vida de Jesus de Tomás de Aquino³²⁸.

Estas são as intenções e propósitos declarados na Introdução ao primeiro e segundo livros. Quanto à implementação do projeto de renovação metodológica da exegese bíblica, os dois volumes apresentam-se como um modelo aguçado, certamente determinado pela capacidade de se mover dentro de um amplo horizonte bíblico, histórico e teológico, com um claro propósito: introduzir o leitor numa percepção do próprio Deus. Em outras palavras, a identificação histórica de Jesus de Nazaré é uma porta aberta para o seu mistério, para o mistério de Deus, que pode ser impulsionado por razões de credibilidade, disponíveis naquelas fontes evangélicas que não teriam razão para serem valorizadas, se não graças ao entrelaçamento da história e da fé³²⁹.

Para alcançar esse objetivo, é necessária uma metodologia nova. Ratzinger não esconde suas intenções de nenhum tipo de leitor, ao contrário evidencia que, há a necessidade de um aperfeiçoamento metodológico. Segalla avaliando positivamente a contribuição de Ratzinger, afirma:

Enquanto os Papas anteriores, Leão XIII, Pio XII, o Concílio Vaticano II e o pós Concílio Vaticano II (o documento do PCB, Interpretação da Bíblia na Igreja de 1993) abriram gradualmente o campo ao método histórico para os católicos, mas sempre de forma teórica e formal aqui, concretamente, o Papa, mesmo referindo-se à pessoa histórica central da fé cristã como é a pessoa de Jesus, aceita o desafio que advém da prática do método histórico em relação ao Jesus histórico, confronta-o criticamente como teólogo e pretende demonstrar que pode haver um diálogo entre a razão histórica e a razão teológica, justamente no terreno do Jesus histórico, ampliando os espaços de sua própria racionalidade com uma hermenêutica canônica e eclesial, que inclui a histórica. A tentativa já é um ato de coragem. O livro sobre Jesus, do Papa, certamente não é um entre muitos. Espero que sua influência seja o que o autor esperava e espera³³⁰.

4.1.2

Uma metodologia baseada em um conceito de racionalidade mais amplo

Giuseppe Segalla³³¹ em sua análise referente à metodologia de J. Ratzinger, também afirma que o livro *Jesus de Nazaré* representa “um evento eclesial não

³²⁸ GRONCHI, M., La Figura e il messaggio di Gesù di Nazaret in J. Ratzinger-Benedetto XVI, p. 64-65.

³²⁹ GRONCHI, M., La Figura e il messaggio di Gesù di Nazaret in J. Ratzinger-Benedetto XVI, p. 66.

³³⁰ SEGALLA, G., Gesù di Nazaret tra passato e presente: un'ermeneutica ecclesiale in armonia con l'ermeneutica storica e canonica, p. 60.

³³¹ Doutor em teologia e ciência bíblica, professor emérito de Novo Testamento na Faculdade Teológica da Itália Setentrional e da Faculdade de Triveneto, foi durante dez anos membro da PCB.

apenas na perspectiva da fé, mas também à luz de uma reflexão teórica sobre a aproximação entre fé e razão (histórica), convidada a ‘alargar o espaço da própria racionalidade’ para incluir a dimensão história e teológica.”³³². Esse caminho é empreendido objetivando alcançar uma metodologia mais abrangente que a exegese histórico-crítica, podendo-se até mesmo afirmar que é uma busca não apenas pela sua superação, mas também pelo seu aperfeiçoamento.

Boschini demonstra como na obra de Ratzinger está posta de forma clara a busca por Deus, que para esse teólogo, é o objeto último e pleno do conhecimento humano. O autor apresenta algumas dificuldades, reconhecidas por Ratzinger. Uma das principais é a historicidade do sujeito que busca o conhecimento frente ao objeto que se auto revela. Boschini salienta, a importância que tem para o nosso autor a teologia, ciência capaz de atender às necessidades epistemológicas dessa dinâmica. Boschini afirma que no pensamento de Ratzinger Jesus Cristo é o que melhor sacia a sede da busca intelectual humana. Por essa razão, salienta Boschini, Ratzinger opõe-se a representantes da teologia liberal, como por Harnack e Bultmann. Essa corrente de teologia separou as noções do bem e da verdade e projetou toda busca intelectual ao mero positivismo, ao factível. Além disso, é retirada a divindade de Jesus Cristo, a originalidade da sua palavra e ensino, transformando a fé cristã em simples afirmações filosóficas pressupostas pela busca racional humana. O que está em questão não são apenas questões teológicas ou filosóficas, mas a verdade sobre o ser humano, seu fim, ou seja, sua salvação³³³. Para Boschini esse é um dos principais motivos que impulsionou Ratzinger a buscar um aperfeiçoamento metodológico, pois os disponíveis, em sua grande maioria, não atendem a essa exigência. Que clama por uma metodologia que tenha como fundamento um conceito de racionalidade mais amplo frente ao racionalismo moderno. Conceito esse que proporcione a aceitação do acesso à verdade pelos seres humanos. Dessa forma supriria a necessidade de superação da noção histórica reducionista que está na fundamentação filosófica de muitas configurações da exegese histórico-crítica, como já apontou Ratzinger.

A questão da verdade, da possibilidade de o ser humano enquanto sujeito cognoscente, ter condições de acessar a verdade, merece destaque. Boschini afirma

³³² SEGALLA, G., *Gesù di Nazaret tra passato e presente: un’ermeneutica ecclesiale in armonia con l’ermeneutica storica e canonica*, p. 21.

³³³ BOSCHINI, P., *La stoffa ermeneutica del Gesù di Nazaret di J. Ratzinger*, p. 119-125.

que para Ratzinger é possível ao sujeito condicionado historicamente ter acesso à verdade, porém é necessária a aceitação de uma forma de racionalidade e uma epistemologia mais abrangente. Boschini salienta que a maneira como Ratzinger entende a racionalidade está moldada à filosofia de Tomás de Aquino. Essa, apesar de historicamente ser anterior, possibilita um referencial crítico em relação ao modelo de racionalidade iluminista, moderna e marxista, bem como os seus possíveis desdobramentos nas diversas áreas das ciências. Dessas, exemplo maior é a história, grandeza do pensamento humano que toca o centro de muitas discussões relacionadas a Jesus Cristo. Boschini nota que em relação ao Iluminismo e sua filosofia Ratzinger aceita algumas contribuições, ao passo que é crítico em relação a muitas outras. Em relação ao marxismo, que defende a ideia de uma razão condicionada, processual e desconstrutivista, Ratzinger se contrapõe³³⁴. Essa é, de acordo com Boschini, também uma das motivações que impulsionam Ratzinger em sua busca de superação metodológica.

Ratzinger confia no valor histórico dos Evangelhos. Segalla salienta também que o critério principal de historicidade sobre o qual nosso autor apoia a sua racionalidade histórica é a figura unitária e coerente de Jesus. Leva em consideração o influxo de Jesus desde os tempos dos Apóstolos até os dias de hoje. Esse dado torna-se, no pensamento de Ratzinger, uma razão suficiente a favor de um Jesus da história transcendente, “Filho de Deus”, que tinha consciência de sua relação com o Pai³³⁵.

4.1.3

A posição de Ratzinger frente às etapas do método histórico-crítico

Segalla é consciente da crítica de Ratzinger ao método histórico-crítico e apresenta os principais elementos dela: a crítica ao fundamento filosófico do método, a crítica das formas (como configurada e apresentada por Bultmann e Dibelius), a tendência historicista em moldes positivistas, a demitologização, a história das tradições que oferece o risco de cisão cada vez maior entre o Jesus histórico e o Cristo da fé (Segalla cita Joachim Gnilka, que advertiu seus colegas a se precaverem em relação à história das tradições). Segalla apresenta de maneira

³³⁴ BOSCHINI, P., *La stoffa ermeneutica del Gesù di Nazaret* di J. Ratzinger, p. 125-137.

³³⁵ SEGALLA, G., *Gesù di Nazaret tra passato e presente: un’ermeneutica ecclesiale in armonia con l’ermeneutica storica e canonica*, p. 59.

detalhada a terceira parte da conferência de Nova York³³⁶, pois nela encontrou as premissas sobre as quais é apoiada a obra *Jesus de Nazaré*, que segundo esse autor é uma resposta prática a esses problemas. A primeira é a crítica ao fundamento filosófico do método, que apoiado na filosofia kantiana desconhece a profundidade e o dinamismo da palavra. Tal dinamismo proporciona uma compreensão mais ampla da ciência e as diferenças entre as ciências naturais e históricas. A segunda é a necessidade de um pensamento aberto à verdade do ser, que aceite a irrupção do novo na história, que supere os princípios de analogia e correlação, que ligados à demitologização, só entendem como histórico, fatos passados que sejam verificáveis à luz do presente. A ressurreição de Jesus é um dos fatos históricos que sofreram muito com essa mentalidade. Terceira, a necessidade de superar o princípio de descontinuidade entre palavra e acontecimento e também a superação da descontinuidade entre Antigo e Novo Testamento. Essa premissa torna possível a aceitação da união entre palavra e evento, fundamental para compreender a dinâmica da Revelação divina e os relatos bíblicos, em seu contexto unitário, histórico e cristológico, usando a *Analogia Scripturae*. Quarta premissa, a aceitação da dupla autoria da Bíblia, o autor divino, o principal, e o autor humano. Essa torna possível a aceitação de um sentido maior e mais profundo, para além do sentido puramente histórico. Quinta, compreender o texto bíblico como uma totalidade que possui um significado pleno em si mesmo. Ao assumir essas premissas é possível uma relação fecunda entre exegese e teologia, permitindo ao exegeta, compreender-se como estando fora de uma zona neutra, puramente científica; dessa forma o exegeta sabe exatamente o caráter da ciência com a qual lida³³⁷.

Segalla afirma que Ratzinger não refuta a crítica histórica, mas a redimensiona através de uma análise. Ratzinger reconhece o quanto é imprescindível o método histórico-crítico para o conhecimento da língua, das formas literárias e das intenções históricas do autor. Segalla reconhece o surpreendente preparo de Ratzinger nas línguas bíblicas originais e, quando necessário, disso faz bom uso. Além disso narra como Ratzinger, enquanto Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, participou com frequência e entusiasmo das

³³⁶ RATZINGER, J., Interpretação bíblica em crise, p. 111-140.

³³⁷ SEGALLA, G., Gesù di Nazaret tra passato e presente: un'ermeneutica ecclesiale in armonia con l'ermeneutica storica e canônica, p. 28-30.

reuniões da PCB e de suas discussões, inclusive intervindo em alguns textos produzidos por ela³³⁸.

Segalla, em suas análises, dirige atenção aos detalhes da metodologia ratzingeriana, que nomeou de “Uma exegese histórico-crítica como parte de uma hermenêutica canônica e eclesial da fé”. Nessa parte da análise, o autor reconhece que o próprio Ratzinger na introdução dos dois primeiros volumes da obra *Jesus de Nazaré* deixa bem claro para o leitor as suas premissas metodológicas, pressupondo a exegese histórico-crítica, sem entrar em suas disputas hipotéticas, mas, acima de tudo, privilegiando a relação de Jesus com o Pai e buscando uma interpretação teológica de Jesus como retratado nos Evangelhos, com atenção especial à sua mensagem³³⁹.

Segalla efetua, especificamente nessa parte, uma análise de importância substancial. Esse autor identifica quais as ferramentas presentes no método são aceitas sem críticas. E, apresenta também as etapas e pressupostos do método que Ratzinger busca refutar, pois de acordo com o seu pensamento, não estão em sintonia com a hermenêutica correta. Basicamente o método é composto pelos seguintes elementos: crítica textual, análise linguística, com ferramentas de estudos filológicos, crítica literária das fontes, análise dos gêneros literários e o seu ambiente, a crítica das tradições e a sua evolução segundo o ambiente vital, a crítica da redação, a crítica histórica³⁴⁰.

A primeira etapa, que avalia os aspectos, gramaticais, linguísticos e históricos, Ratzinger dá atenção especial e usa em abundância, com domínio satisfatório, nota Segalla. É possível, em diversas partes do *Jesus de Nazaré*, verificar esse dado, muito comum em outras obras do autor. A respeito da crítica literária, Segalla nota que Ratzinger não está preocupado com a forma original, por isso, atenta para o texto como apresentado canonicamente. Não se preocupa com as diferenças da figura de Jesus apresentada pelos evangelistas, ele vê esse fato em chave de complementaridade. Os problemas das fontes não detêm sua atenção, seu foco é a redação final. Em relação à crítica dos gêneros literários, ele usa e

³³⁸ SEGALLA, G., *Gesù di Nazaret tra passato e presente: un'ermeneutica ecclesiale in armonia con l'ermeneutica storica e canônica*, p. 27.

³³⁹ SEGALLA, G., *Gesù di Nazaret tra passato e presente: un'ermeneutica ecclesiale in armonia con l'ermeneutica storica e canônica*, p. 32.

³⁴⁰ SEGALLA, G., *Gesù di Nazaret tra passato e presente: un'ermeneutica ecclesiale in armonia con l'ermeneutica storica e canônica*, p. 32-34.

reconhece o seu valor, aplicando-a no capítulo referente às parábolas. Além disso, mostra que conhece a discussão citando autores desde Jülicher a Dodd e Jeremias³⁴¹.

Segalla nota que, em relação à história das tradições e dos seus extratos, Ratzinger é crítico.

A história das tradições tenta reconstruir os estágios sucessivos e o ambiente vital das tradições dos fatos e dos dizeres de Jesus, com a intenção de alcançar o Jesus histórico, retrocedendo-os. Esse processo, no entanto, como demonstrado no ensaio (conferência de New York), do qual falamos, é invalidado pelo pressuposto errôneo de uma evolução de uma forma original simples para formas cada vez mais variadas e numerosas, perdendo de vista Jesus. Método este que traça as reconstituições cada vez mais contrastantes do "Jesus histórico", isto é, dos historiadores³⁴².

Usa também a crítica histórica para chegar à historicidade de fatos importantes para a teologia e para fé cristã, como a instituição da Eucaristia, a data da Última Ceia e a aparição de Jesus ressurreto a Pedro, fatos presentes no segundo volume do *Jesus de Nazaré*³⁴³. Concluindo esta parte Segalla faz uma afirmação importante a respeito do uso que Ratzinger faz do método histórico-crítico.

Concluindo, do método histórico-crítico aceita a filologia histórica, a crítica literária, o estudo da redação e do seu contexto, mas refuta a história das tradições, porque torna incerta a figura de Jesus, enquanto critério do fundamento histórico pressuposto, considera a relação singular de Jesus com Deus como a razão de seu influxo sobre a história até nós, hoje. Se essa relação de Jesus com o Pai também pode ser afirmada no nível crítico, a verdade desta afirmação é reconhecida apenas na fé³⁴⁴.

Segalla apresenta outras críticas de Ratzinger ao método, como: o método analisa o fato histórico, limitando sua dimensão ao passado, o que o torna distante do sujeito atual. As análises cada vez mais minuciosas desestruturam o texto atual, afetando a sua unicidade. O texto só é visto como palavra humana. A autoria divina e o sentido mais amplo são negligenciados. A respeito desses limites, Segalla afirma que Ratzinger “pretende superá-los: o primeiro com a hermenêutica eclesial e a semiótica, o segundo recorrendo ao método da crítica canônica, o terceiro

³⁴¹ SEGALLA, G., *Gesù di Nazaret tra passato e presente: un'ermeneutica ecclesiale in armonia con l'ermeneutica storica e canônica*, p. 34-35.

³⁴² SEGALLA, G., *Gesù di Nazaret tra passato e presente: un'ermeneutica ecclesiale in armonia con l'ermeneutica storica e canônica*, p. 35.

³⁴³ SEGALLA, G., *Gesù di Nazaret tra passato e presente: un'ermeneutica ecclesiale in armonia con l'ermeneutica storica e canônica*, p. 36.

³⁴⁴ SEGALLA, G., *Gesù di Nazaret tra passato e presente: un'ermeneutica ecclesiale in armonia con l'ermeneutica storica e canônica*, p. 36-37.

considerando a origem singular do texto bíblico e a multiplicidade dos seus autores”³⁴⁵.

4.2

Aproximação a outras metodologias exegéticas. Semiótica e Exegese Canônica

Segalla evidenciou que há na proposta metodológica de Ratzinger uma aproximação à semiótica, por esse motivo é também dedicada uma parte dessa seção a esse dado. Na maioria dos autores pesquisados é possível notar a ênfase em comentários positivos com relação à aproximação de nosso autor à exegese canônica em sua busca pela superação de alguns limites do método histórico-crítico, em vista da interpretação teológica das Sagradas Escrituras. Considera-se, por isso, justificado dedicar uma seção exclusivamente a esse tema.

A semiótica, segundo Segalla, possibilita compreender a verdade e o sentido do texto através das sucessivas releituras e interpretações. O sentido nem sempre é percebido pelo próprio autor. As novas releituras e novos contextos descobrem nos textos novos significados. A acolhida da análise semiótica³⁴⁶ por Ratzinger, é, para Segalla, uma tentativa de superar a crítica das tradições como usada por Bultmann, que muito marcou a exegese alemã. Os processos de releitura, que muitas vezes não são lineares, adquirem a sua unidade em Jesus Cristo. A fé na inspiração bíblica é o pressuposto que também permite a aceitação da unidade da Sagrada Escritura frente à concepção de uma leitura dos livros individuais.

A semiótica, a releitura e a visão global do texto bíblico, auxiliado pela crítica canônica, ajudam a superar os limites do método histórico-crítico, que coloca o texto no passado, considerando-o apenas como palavra humana e com a mais minuciosa análise perde a visão do todo³⁴⁷.

Para aprofundar e completar a busca por uma superação metodológica a exegese canônica é recepcionada.

E aqui intervêm o novo método da crítica canônica, que a meu ver está mais próximo da configuração de J.A. Sanders (1927) do que a de B.S. Childs (1923-2007),

³⁴⁵ SEGALLA, G., *Gesù di Nazaret tra passato e presente: un'ermeneutica ecclesiale in armonia con l'ermeneutica storica e canônica*, p. 37-38.

³⁴⁶ Maria de Lourdes Corrêa Lima, classifica a análise semiótica como uma metodologia sincrônica. Porém, quando vai comentar especificamente a semiótica acrescenta o termo 'análise', para qualificar melhor essa ferramenta. LIMA, M. L. C., *Exegese Bíblica*, p. 65-71.

³⁴⁷ SEGALLA, G., *Gesù di Nazaret tra passato e presente: un'ermeneutica ecclesiale in armonia con l'ermeneutica storica e canônica*, p. 40.

enquanto Sanders a considera o último estágio do caminho da crítica. O método canônico pressupõe o Cânon e, portanto, a fé eclesial. A crítica canônica recupera a unidade do texto, a unidade de Antigo e Novo Testamento e a unidade entre acontecimento e seu significado expresso com a palavra. Utiliza-se em tal modo o assim chamado círculo hermenêutico, pelo que toda a visão diz mais do que as partes individuais e ajuda a descobrir novos significados, retornando aos textos individuais, progredindo assim na sua compreensão³⁴⁸.

Além do emprego da aproximação canônica em vista de uma compreensão melhor sobre Jesus, Segalla nota que Ratzinger:

Se estende dos Evangelhos ao Antigo Testamento (em particular a Torá e os Profetas), mas também a todo o Novo Testamento (em particular Paulo e Hebreus) até a Tradição viva da Igreja com frequente recurso aos Padres e à discussão atual com uma hermenêutica eclesial da fé, com referências até mesmo à filosofia antiga (especialmente Platão) e à moderna³⁴⁹.

Jesús Martínez Gordo³⁵⁰ afirmou que Ratzinger enxerga pelo menos três limitações no método que podem ser recuperadas através da exegese canônica. Enumeradas são: o aprisionamento da palavra no passado o que impede sua atualização e a compreensão de sua mensagem; aborda a Revelação de Deus como um acontecimento meramente humano, descuidando da unidade da Bíblia e o seu valor como Palavra de Deus; separação metodológica entre história e fé, onde a fé perde substancialmente³⁵¹.

Martínez afirma que para Ratzinger está em jogo a compreensão correta do 12º parágrafo da *Dei Verbum*, por isso ele aproxima da exegese canônica, pois, acredita, que essa permite a superação de algumas limitações do método histórico-crítico. Além disso, proporciona uma leitura espiritual e teológica a partir dos próprios textos, pois entende o uso que os autores bíblicos fazem dos textos da própria tradição para cumpri-los e elucidar o novo dado revelado, realizando assim uma releitura dos testemunhos bíblicos. A exegese canônica reconhece a Bíblia como uma unidade plena de sentido, o que permite uma leitura da Bíblia na qual os textos se expliquem e sejam a base de compreensão uns para os outros. A fé é

³⁴⁸ SEGALLA, G., *Gesù di Nazaret tra passato e presente: un'ermeneutica ecclesiale in armonia con l'ermeneutica storica e canônica*, p. 39.

³⁴⁹ SEGALLA, G., *Gesù di Nazaret tra passato e presente: un'ermeneutica ecclesiale in armonia con l'ermeneutica storica e canônica*, p. 59.

³⁵⁰ Doutor em teologia e professor na Faculdade de Teologia de Vitória e no Instituto Superior de ciências religiosas de San Sebastian.

³⁵¹ MARTÍNEZ, G. J., *La cristologia de Joseph Ratzinger-Benedicto XVI a la luz de su biografía teológica*, p. 4-5.

responsável pelo reconhecimento da Bíblia como uma unidade, não apenas literária, mas também histórica. Essa história narra a atuação de Deus. A exegese canônica está em sintonia com a leitura das Sagradas Escrituras feitas pelos Padres, recurso valorizado por Ratzinger. A exegese canônica não descarta as etapas de interpretação diacrônica, mas busca superar seus limites e atentar para a necessidade de uma interpretação sincrônica. Esse aspecto da metodologia de Ratzinger resulta no retorno da Bíblia para o serviço da fé aos fiéis³⁵².

Acerca da aproximação de Ratzinger à exegese histórico-canônica, Gabino Uríbarri Bilbao³⁵³ também realizou uma análise importante. Ele afirma que no campo metodológico exegetico, sua proposta a favor da exegese canônica não significa a aceitação completa dos princípios metodológicos precisos dessa forma de aproximação às Escrituras, mas “sim a recuperação da unidade da Escritura e de uma leitura de caráter teológico da mesma.”³⁵⁴.

Uríbarri afirma que aproximação realizada por Ratzinger às Escrituras revela um conhecimento geral e amplo dos seus textos, considerando-a como uma unidade. Isso torna possível realizar uma interpretação onde os textos se iluminem mutuamente, onde, os sentidos de ambos os Testamentos, são dados em uma circularidade hermenêutica. Premissa fundamental da exegese canônica. Em Ratzinger, isso é verificável não apenas em termos ou palavras, mas também nos temas e conteúdos. Essa unidade revela outro dado importante no pensamento de Ratzinger: a centralidade de Jesus Cristo, a principal mensagem da Bíblia.

Ratzinger não é contra o uso do método histórico-crítico, esclarecimento que deve sempre ser feito, pois sua crítica a ele pode deixar uma impressão negativa e equivocada da sua posição a respeito do seu uso. A exegese canônica não é uma proposta de substituição do método histórico-crítico, mas sim o reconhecimento dos seus limites e a demonstração de uma hermenêutica mais ampla.

Por isso, opta por uma interpretação eclesial (exegese canônica) que, confiando nos resultados da investigação histórico-crítica, não absolutiza seu valor e não compartilha a atitude de suspeita metódica. Seus critérios interpretativos são, portanto: confiabilidade histórica dos dados do Novo Testamento; afirmação de unidade e continuidade entre o Antigo e o Novo Testamento;

³⁵² MARTÍNEZ, G. J., La cristologia de Joseph Ratzinger-Benedicto XVI a la luz de su biografía teológica, p. 5.

³⁵³ Membro da Comissão Teológica Internacional, doutor em teologia e professor ordinário da Pontificia Universidade Comillas, além disso é um dos maiores estudiosos da cristologia de Ratzinger.

³⁵⁴ URIBARRI, B. G., El neocalcedonismo de Joseph Ratzinger, p. 108-109.

importância hermenêutica da Tradição viva da Igreja; atenção à analogia da fé, entendida como a consonância das correspondências internas do dado da fé³⁵⁵.

Miren Junkal Guevara Llaguno³⁵⁶ realizou uma avaliação importante a respeito da aproximação de Ratzinger à chamada exegese canônica. A autora busca as avaliações feitas por Ratzinger ao método histórico-crítico, para verificar se na sua postura em relação a esse método há uma valoração diferente da do autor em relação à exegese canônica.

Para Junkal, existe no pensamento de Ratzinger, pelo menos, uma desconfiança ou prevenção em relação ao método histórico-crítico. Essa conclusão foi possível após analisar alguns textos do autor. “Rastreei na literatura do autor e me fixei, fundamentalmente, em dois escritos: uma conferência em Nova York no ano 1988 e outra em Roma, no marco da celebração do centenário da PCB, em 2003.”³⁵⁷. Apesar disso, a autora conclui das afirmações de Ratzinger, que ele reconhece o grande valor do método histórico crítico³⁵⁸.

Junkal reconhece que Ratzinger busca fidelidade às afirmações do Magistério da Igreja, esse reconhece a participação humana na produção do texto sagrado e a autoria divina, primeira e principal. Ratzinger procura uma leitura da Bíblia que equilibre essas duas dimensões do texto. O Magistério de igual forma está preocupado em salientar a estrutura canônica do texto, pois dessa forma a Bíblia pode ser enquadrada como Palavra de Deus. A autora reconhece em Ratzinger a preocupação de acessar o texto, através de uma exegese que tenha a fé como pressuposto. Essa leitura é a chave para uma exegese ampla e complementar, que não exclui a exegese histórica nem a sobreposição³⁵⁹.

Então, para situar-me perante o pensamento de J. Ratzinger, escuto a Bíblia literalmente “real” e tenho uma compreensão “normal” que mantém a Bíblia em sua identidade própria, quando busco a conjunção da “*fides historica*” damos credibilidade a narração da história de Jesus, pois nós não estávamos lá para

³⁵⁵ AMATO, A., Contenido teológico del “Gesu di Nazaret” di Joseph Ratzinger e la sua esemplarità metodológica, p. 334. Angelo Amato, doutor em teologia e professor Pontifícia Universidade Salesiana, Roma e ex-Prefeito da Congregação para a Causa dos Santos.

³⁵⁶ Doutora em teologia bíblica pela Universidade de Granada, autora de diversos livros e artigos científicos relacionados à exegese.

³⁵⁷ JUNKAL, G. L. M., Método histórico-crítico vs. Acercamiento canónico? Los métodos y acercamientos em J. Ratzinger, p. 151-160.

³⁵⁸ JUNKAL, G. L. M., Método histórico-crítico vs. Acercamiento canónico? Los métodos y acercamientos em J. Ratzinger, p. 152-153.

³⁵⁹ JUNKAL, G. L. M., Método histórico-crítico vs. Acercamiento canónico? Los métodos y acercamientos em J. Ratzinger, p. 154-155.

comprovar a verdade do que nos contam; e a “*fides spiritualis*”, que sustentando-se sobre a fé histórica capta o elemento teológico que está por trás³⁶⁰.

A autora reconhece que em Ratzinger a razão e a fé estão entrelaçadas, cada uma com seus direitos. Talvez seja esse o motivo para tal desconfiança e precaução. Em Ratzinger a aceitação da fé está ligada ao reconhecimento do Cânon como uma chave de leitura para uma exegese teológica da Bíblia. Esse aspecto do pensamento de Ratzinger, é o que possibilita, para essa autora, o acesso a figura de Jesus, como realizado em sua obra *Jesus de Nazaré*. Importante observar a relação feita por essa autora, entre exegese canônica e Magistério, no pensamento de Ratzinger.

4.3

A importância da fé

Um dos principais aspectos que caracterizam o pensamento teológico de Ratzinger é a fé. Mas essa fé não é apenas uma disposição humana, ou um estado de espírito de alguém que crê em algo. A fé que Ratzinger assume é a fé cristã, a fé eclesial como transmitida pela Igreja Católica. Por isso, quando se fala da importância da fé no pensamento de Ratzinger, o conteúdo dessa fé e a sua natureza são bem delimitados. Nessa seção, são abordados o elemento da fé, sumamente importante, e o da empatia pessoal com o objeto que se busca conhecer, no caso Jesus Cristo, pois alguns dos autores associaram ambos.

Para Segalla, que em sua análise abordou o pressuposto da fé, a intenção principal de Ratzinger, e o estado de espírito que guia a produção de seu livro, é a busca pelo Jesus ressurreto, em amizade constante com Ele. Essa premissa, a fé em Jesus Cristo como ensinada pela Igreja, é o que motiva os traços metodológicos assumidos pelo nosso autor. Segalla evidencia o valor dado por Ratzinger à ressurreição de Jesus para a compreensão da sua pessoa, salientando que para ele não se trata apenas de escrever uma cristologia e uma vida de Jesus nos moldes da ciência moderna, mas apresentar um caminho interior intelectual e de fé, que teve início em sua juventude. Dessa forma, convida o leitor a que, imbuído de simpatia, possa encontrar a Jesus Cristo nos dias de hoje³⁶¹.

³⁶⁰ JUNKAL, G. L. M., Método histórico-crítico vs. Acercamiento canónico? Los métodos y acercamientos em J. Ratzinger, p. 155.

³⁶¹ SEGALLA, G., Gesù di Nazaret tra passato e presente: un’ermeneutica ecclesiale in armonia con l’ermeneutica storica e canônica, p. 21-25.

Segalla salienta a importância da fé, no pensamento de Ratzinger como chave hermenêutica para o acesso à compreensão da Bíblia; essa mesma fé é o pressuposto básico para a aceitação do sentido unitário das Sagradas Escrituras. O autor avalia esse dado de forma positiva, pois crê que é necessária uma hermenêutica coerente com o objeto. Finalizando a análise feita aos aspectos pessoais da história intelectual que formam as premissas e os fundamentos metodológicos do pensamento de Ratzinger, bem como seu aspecto crítico frente à exegese histórica, Segalla afirma:

Em conclusão, a obra *Jesus de Nazaré* é precedida de um bom conhecimento sobre a pesquisa histórica sobre Jesus, apesar de limitada à “Segunda busca”, de uma reflexão crítica sobre o método histórico-crítico e ainda mais sobre seu uso na pesquisa do Jesus Histórico, animada por uma profunda experiência interior de amizade com Jesus vivo na Igreja³⁶².

Um dos elementos apresentados por Boschini, encontrado no complexo hermenêutico e metodológico do pensamento de Ratzinger, é também a necessidade de empatia pessoal e existencial com o objeto a conhecer. O autor nota o quanto foi importante a figura de Jesus em toda a vida de Ratzinger, o interesse que Jesus lhe despertava. Fato confessado pelo próprio autor na introdução do *Jesus de Nazaré*. Essa empatia pessoal é a que possibilita abrir mão dos pressupostos pessoais, o que torna possível a compreensão do outro. O fascínio causado por Jesus é tema na história da literatura, desde Santo Agostinho até Kierkegaard. Ratzinger, segundo Boschini, convida o leitor a participar da mesma experiência existencial que ele, a vivenciar o encontro e o amor à pessoa de Jesus Cristo, que esteve presente em sua existência desde jovem, ao ler os Evangelhos. Não se trata simplesmente de uma emotividade ou demonstração de piedade interior, mas de algo que os filósofos antigos, como Platão e Aristóteles, já afirmavam: todo processo de conhecimento é iniciado pela atração sentimental do sujeito em relação ao objeto³⁶³.

Outro aspecto considerado por Boschini um dos principais, associados ao anterior, é a fé. Esse elemento hermenêutico é responsável pela configuração metodológica e epistemológica presentes no pensamento de Ratzinger e define a natureza própria da teologia, que para ele é: ciência da fé. Não apenas isso, Boschini

³⁶² SEGALLA, G., *Gesù di Nazaret tra passato e presente: un'ermeneutica ecclesiale in armonia con l'ermeneutica storica e canonica*, p. 30-32.

³⁶³ BOSCHINI, P., *La stoffa ermeneutica del Gesù di Nazaret di J. Ratzinger*, p. 116-119.

afirma que, de acordo com a natureza dos discursos e das palavras de Jesus, presentes nos Evangelhos, a fé é a premissa necessária para compreendê-los. As palavras de Jesus são em sua grande parte narrativas, e não abstrações lógicas e sistemáticas. Essas, necessitariam apenas do assentimento racional. As parábolas, metáforas e outros recursos presentes nas narrativas necessitam da fé do ouvinte, fé esta que abre a perspectiva do futuro e da ação prática daquele que compreende, abrangendo toda a sua existência. Aspecto importante na análise feita por Boschini ao pressuposto da fé é o fato de notar que as palavras de Jesus podem ser compreendidas de acordo com a *analogia entis* de Tomás de Aquino. Essa é sistematizada em três tipos: a afirmação, quando refere-se à coisa em si; a negação, quando não se refere à coisa em si; a analogia por eminência, quando é deixada em aberto o objeto do qual se fala, na esperança de uma compreensão maior. Se as parábolas e as narrações de Jesus deixam sempre em aberto o seu fim ou o seu significado é exigido do interlocutor o ato de fé³⁶⁴.

Referindo-se ao pressuposto da fé no pensamento de Ratzinger, Boschini afirma:

No entanto, ele está certo em um ponto: as parábolas de Jesus falam da entrega do homem a Deus e do Filho ao Pai. A confiança não é uma atitude irracional, mas mais racional, porque ninguém pode entregar sua vida, exceto àqueles que são conhecidos e experimentados como confiáveis. As parábolas falam não apenas da confiabilidade de Deus: sua transmissão quase inalterada através dos Evangelhos também fala da confiabilidade da Igreja³⁶⁵.

É possível observar como Boschini avalia positivamente o pressuposto da fé, mas além desse já demonstra que compreende de forma positiva outro fundamento da hermenêutica de Ratzinger: a Tradição.

Thomas Söding³⁶⁶ dedicou um artigo completo à análise da necessidade da fé em Jesus Cristo e da aproximação amistosa à sua pessoa, como apresentada pelos Evangelhos e ensinada pela Igreja. Para esse autor, na obra de Ratzinger, *Jesus de Nazaré*, essa premissa é bastante clara. Para esse grande teólogo, Ratzinger convida todos os seus leitores à comunidade de amigos de Jesus Cristo³⁶⁷.

³⁶⁴ BOSCHINI, P., La stoffa ermeneutica del Gesù di Nazaret di J. Ratzinger, p. 137-141.

³⁶⁵ BOSCHINI, P., La stoffa ermeneutica del Gesù di Nazaret di J. Ratzinger, p. 142.

³⁶⁶ Doutor em teologia pela universidade de Münster, especialista em Novo Testamento, desde 2008 é professor de Novo Testamento na Universidade de Bochum.

³⁶⁷ SÖDING, T., Invitation to Friendship “Jesus of Nazareth” by Joseph Ratzinger, p. 299-327.

4.4

A Tradição

Esse elemento é, como a fé, central na hermenêutica de Ratzinger. Importante observar, de acordo com Boschini, o aspecto crítico desse dado frente à racionalidade moderna. Ratzinger entende que o fazer teológico, possuindo o pressuposto da Tradição como critério, não implica na negação de nenhuma forma de racionalidade ou na seriedade científica do trabalho, ao contrário, completa e supera muitos reducionismos. O pensamento iluminista é caracterizado pela ruptura frente ao passado, para Ratzinger, estar em uma corrente de pensamento que segue uma tradição específica está de acordo com um tipo específico de racionalidade mais ampla.

Ao reforçar as capacidades interpretativas do conhecimento humano, o princípio católico da Tradição promove o desenvolvimento da racionalidade histórica não como um exercício individual, mas como uma compreensão compartilhada da ação humana, que está, por natureza, sempre interagindo com os outros no mundo. E faz avançar a necessidade de uma exegese científica metacrítica, que renuncie, no início, a buscar verdades que tomam a forma de certeza científico-natural³⁶⁸.

Boschini entende que o fundamento filosófico do conceito teológico de Tradição no pensamento de Ratzinger é próximo ao fundamento do conceito filosófico de tradição em Maurice Blondel (1861-1949). Esse, como Ratzinger, crê que a maior fonte histórica sobre Jesus, além dos Evangelhos e tão confiáveis quanto eles, é a Tradição. Jesus criou a Igreja e a confiou a tarefa de guardar o depósito da fé, explicitando e desenvolvendo-o no decorrer da história, frente às diversidades culturais de cada época. Mas apesar da importância central da Tradição, o elemento científico-histórico é de igual importância. Boschini entende que a forma como Ratzinger entende a Tradição está associada à sua busca por uma racionalidade mais ampla, que englobe o pressuposto da fé. Ratzinger não pensa a Tradição primeiro pelo viés racional, apesar de existir suporte filosófico para tanto, mas através da sua fé eclesial³⁶⁹.

O principal problema que subjaz à questão da ciência histórica não é a questão epistemológica inerente, mas a ontológica. A questão é como pensar o ser em si da história. As questões são mais profundas que as questões metodológicas. A história

³⁶⁸ BOSCHINI, P., *La stoffa ermeneutica del Gesù di Nazaret* di J. Ratzinger, p. 142-144.

³⁶⁹ BOSCHINI, P., *La stoffa ermeneutica del Gesù di Nazaret* di J. Ratzinger, p. 145-147.

é continuidade, não ruptura, afirma Boschini acerca do pensamento de Ratzinger, esse é dos motivos que o faz valorizar a Tradição, e, circularmente, compreender a dinâmica do ser e do desenvolvimento da história que tem na fé cristológica o critério de compreensão entre a continuidade e a descontinuidade. Ratzinger possui uma visão escatológica da história, em uma dinâmica onde o antigo e o novo se complementam em uma circularidade dotada de pleno sentido. Isso faz com que Ratzinger seja crítico em relação ao historicismo que subjaz ao método histórico-crítico, filosoficamente fundamentado no Iluminismo, geralmente crítico em relação à Tradição da Igreja. Quando esse elemento é aplicado à Bíblia, Ratzinger entende que a própria dinâmica histórica do seu desenvolvimento proporciona elementos para a sua compreensão³⁷⁰.

Raúl Orozco Ruano³⁷¹ avalia positivamente o pressuposto da Tradição na proposta metodológica de Ratzinger. Para demonstrar e explicar o quanto a Tradição é importante para o fazer teológico de Ratzinger, Orozco irá explorar o tema da oração de Jesus, que é uma categoria central da cristologia do nosso autor.

Um dos fundamentos de Ratzinger para a sistematização desse dado teológico, são os grandes Concílios do passado, momentos em que a Tradição da Igreja se manifestou de forma única. A forma como Ratzinger entende a oração, Revelação da identidade filial de Jesus, é também o ponto de partida para entender e repensar corretamente as formulações dogmáticas dos Concílios de Nicéia, Calcedônia e de Constantinopla III, o que permitirá sustentar a legítima continuidade entre o testemunho dos Evangelhos acerca de Cristo e os dogmas da Igreja. A partir da oração chega-se ao termo Filho, que corresponde à centralidade da pessoa de Jesus. Esse título não é uma simples adaptação à linguagem mítica ou uma construção posterior da Igreja fixada em dogmas, mas um dos momentos mais importantes da expressão da Tradição da Igreja³⁷². Orozco, ao avaliar o pensamento de Ratzinger, nota como ele usa as afirmações magnas da Tradição da Igreja para defender um elemento central da cristologia dos Evangelhos. Dessa maneira, ao valorizar a interpretação da Escritura e o fazer teológico na dinâmica da Tradição, deixa entrever a sua fidelidade ao Magistério mais recente, por exemplo: as formulações do Vaticano II, que constam na *Constituição Dogmática Dei Verbum*.

³⁷⁰ BOSCHINI, P., La stoffa ermeneutica del Gesù di Nazaret di J. Ratzinger, p. 148-155.

³⁷¹ Doutor em teologia e professor da Universidade Eclesiástica San Dámaso em Madrid, Espanha.

³⁷² OROZCO, R. R., Una sola “voluntad de la persona” en Cristo según J. Ratzinger, p. 100-102.

Orozco salienta que, para Ratzinger, um dos principais problemas teológicos que afetam a cristologia atual é o ressurgimento camuflado do arianismo e nestorianismo. Ao contrário do que teólogos como Karl Rahner entendiam ser o problema atual da cristologia, um monofisismo fático encontrado nos fiéis. Para Orozco, Ratzinger entende que os conhecimentos fornecidos pelas afirmações da Tradição da Igreja permitem o discernimento atual acerca de algumas tendências, que diversas vezes estão camufladas, possibilitando a correta análise e o tratamento preciso da questão³⁷³.

O título Filho explica a unidade essencial mais profunda entre o ser e a existência de Jesus, revelando o seu “ser de”, ontologia e o seu “ser para” soteriologia; o mistério de sua pessoa e de sua missão. “Em definitivo, para Ratzinger, os cinco primeiros Concílios são simplesmente a formulação dogmática da consciência filial de Jesus, revelada em sua oração, donde surge a confissão cristológica da Igreja nascente.”. Esta realidade de Jesus permite que Ratzinger afirme que não é possível pensar cristologia sem antropologia, ou seja, o mistério de Deus e do homem. “... Só porque o verdadeiro pão do homem, sua realização plena é Deus, Cristo, pode ser o Filho de Deus encarnado, homem perfeito”. Orozco entende que na cristologia espiritual de Ratzinger, a vida e a obra humana de Jesus desde sua filiação, seu ser para o outro vindo do Outro, é pura relação, pura abertura, e esta realidade é o modelo de toda a verdadeira humanidade. Na esteira da teologia pós-calcedônica, por ser o Filho, sua natureza humana está *hipostasiada* em sua pessoa divina. Em Jesus não há outro eu além do Eu do Filho, e é por esse único Eu que a sua natureza humana poderá ser determinada integralmente segundo a lógica da natureza humana, como um ser pessoal³⁷⁴. Nessas afirmações é possível verificar como a Tradição é responsável por salvaguardar elementos centrais da fé cristã.

Orozco afirma que para compreender a importância do dogma, e sua formulação neocalcedônica é importante atentar para uma citação da obra *Introdução ao Cristianismo*.

Fica pois claro que a ideia de liberdade é um traço peculiar da fé cristã em Deus que a distingue de toda classe de monismo. No princípio de todas as coisas existe uma consciência, porém não uma consciência qualquer, sim a liberdade que gera liberdades. Por isso, seria correto definir a fé cristã como filosofia da liberdade. Segundo a fé cristã, nem a consciência compreensiva, nem a pura matéria explicam

³⁷³ OROZCO, R. R., Una sola “voluntad de la persona” en Cristo según J. Ratzinger, p. 90.

³⁷⁴ OROZCO, R. R., Una sola “voluntad de la persona” en Cristo según J. Ratzinger, p. 102.

todo o real; acima de tudo há uma liberdade que pensa e que, ao pensar, cria liberdades; uma liberdade que converte a liberdade na configuração estrutural de todo o ser³⁷⁵.

Este dado permite a Ratzinger pensar o primado do Logos no mundo como o primado da consciência e da liberdade, bem como a liberdade humana relacionada à ânsia por Deus que subjaz no mais profundo do ser humano. Na liberdade humana é manifestada a semelhança com o Criador. Nessa realidade do ser humano é realizada a humanidade do Filho, manifestadas no mistério da angústia no Jardim das Oliveiras e na subida à Jerusalém. Para Ratzinger, a ida de Jesus a Jerusalém é o êxodo por excelência, o verdadeiro caminho para a verdadeira liberdade, o caminho que tornou possível a liberdade humana. Orozco, afirma que liberdade humana e divina, salvação e libertação, estão intrinsecamente ligadas no pensamento de Ratzinger. Essa compreensão da cristologia e da antropologia tornam possíveis a revalorização do dogma e são possíveis também através da correta apreciação das importantes formulações dogmáticas da Igreja, encontradas na grande Tradição³⁷⁶. O substrato teológico de Ratzinger, nessa questão, está relacionado direta e confessamente à teologia de Máximo o Confessor, representante do neocalcedonismo, pois:

A importância do seu pensamento reside em seu caráter resolutivo; pois, junto ao Concílio de Constantinopla III (680-681), sua obra representa a conclusão de um período de reflexão sobre o mistério da encarnação, tratando-se da síntese mais madura da cristologia após o Concílio de Calcedônia³⁷⁷.

Nessa formulação Ratzinger encontra o mistério das duas vontades em comunhão plena, onde são levados em consideração a pessoa e o ser, pois dessas instâncias derivam a comunhão plena da vontade em Cristo. Para Ratzinger o Concílio de Constantinopla I analisou a unidade e dualidade em Cristo, no concreto da vontade de Jesus. O Concílio afirma que a vontade humana de Jesus não foi afetada pela sua união com o Logos, sim, elevada à plenitude da verdadeira liberdade, transformando-se em uma só vontade: a divina e a humana. Essa vontade é concretizada não a nível natural, mas pessoal, no espaço de fusão interno da pessoa de Jesus. Uma unidade suprema por excelência, correspondente à trinitária.

³⁷⁵ RATZINGER, J., Introdução ao Cristianismo, p. 118.

³⁷⁶ OROZCO, R. R., Una sola “voluntad de la persona” en Cristo según J. Ratzinger, p. 103.

³⁷⁷ OROZCO, R. R., Una sola “voluntad de la persona” en Cristo según J. Ratzinger, p. 95.

Orozco, a partir desse dado, levanta um questionamento: Como não entender essa união da vontade à maneira de um monotelismo? Orozco entende que Ratzinger se apropria do neocalcedonismo de Máximo, que distingue *logos* e *tropos*, tornando possível a distinção entre a vontade natural e a vontade pessoal, entre o querer simplesmente, como faculdade da natureza, ou, um modo de querer escolhido pela *hipostase* pessoal, faculdade essa que atinge a decisão profunda. Para Orozco é possível observar em Ratzinger a questão da vontade humana com uma expressão própria já da filosofia moderna da pessoa, ao identificar pessoa e eu, reformula a doutrina da *hipostase* da natureza humana de Cristo em seu Eu filial. Ao orar pedindo que fosse feita a vontade do Pai, Jesus entrega a sua vontade humana à divina, que antes havia entregado à vontade do homem Jesus³⁷⁸.

Orozco avalia que neste ponto Ratzinger torna possível uma aproximação ecumênica, em vistas de que a problemática moderna dos conceitos de pessoa e natureza, tornam possível uma revalorização dos conteúdos do Concílio de Calcedônia. Em Ratzinger o problema da interpretação da unidade das duas vontades em Cristo é resolvido na unidade da vontade pessoal³⁷⁹.

Definitivamente, na cristologia espiritual de J. Ratzinger se faz uma nova apropriação atual do dogma de Calcedônia que pode ser considerado como “calcedonismo integrado”. Ao estilo como Carcione define a leitura neocalcedônica do concílio de 451. Em sua proposta, o teólogo Papa é capaz de unir, teologia e antropologia, cristologia e soteriologia, escritura e Tradição, teologia e santidade, ortodoxia e ecumenismo sem ter por isso que renunciar nem a Deus nem ao homem, mostrando de forma bela como “*Gloria Dei homo vivens*”³⁸⁰.

Uríbarri examina o recurso de Ratzinger aos Padres da Igreja. Eles foram fundamentais para o desenvolvimento da Tradição, dado essencial na teologia de Ratzinger. Os Padres foram capazes de descobrir e explicar em sua época o sentido dos textos das Sagradas Escrituras, através de uma exegese espiritual, de modo que sua teologia é centrada nos Escritos Sagrados³⁸¹. Ao valorizar os Padres da Igreja, Ratzinger não está fazendo apenas uma escolha metodológica ou hermenêutica ao modo dos tais, mas ao mesmo tempo está dando real valor à Tradição.

Intérpretes antigos, porém, autorizados da Sagrada Escritura e da fé da Igreja. Apesar de suas técnicas filológicas serem estranhas e antiquadas, neles se conjugou um sentido profundo da fé e uma grande capacidade intelectual, o núcleo de sua

³⁷⁸ OROZCO, R. R., Una sola “voluntad de la persona” en Cristo según J. Ratzinger, p. 103.

³⁷⁹ OROZCO, R. R., Una sola “voluntad de la persona” en Cristo según J. Ratzinger, p. 104-105.

³⁸⁰ OROZCO, R. R., Una sola “voluntad de la persona” en Cristo según J. Ratzinger, p. 105-106.

³⁸¹ URÍBARRI, B. G., Mirar al Jesus real, p. 124-125.

interpretação bíblica atinge o conteúdo profundo e verdadeiro da fé, mais além das modas passageiras e superficiais. Bento XVI os segue nas questões fundamentais³⁸².

4.5

Preocupação pastoral e o serviço à Igreja

Um marco intelectual que teve grande importância para a formação do pensamento de Ratzinger foi o auge das pesquisas sobre Jesus histórico com o uso da metodologia histórico-crítica, como configurada por Rudolf Bultmann. Prova disso é a sua conferência em Nova York, na qual critica o fundamento filosófico do texto e algumas ferramentas do método. Nesse período a cisão entre o Jesus histórico e o Cristo da fé tinha crescido. Esse quadro faz surgir no pensamento de Ratzinger desconfiança e precaução com essa metodologia, mas não sua desqualificação. Segalla entende que para Ratzinger, essa metodologia afasta Jesus mais do que aproxima. Uma das intenções principais que guia a construção do seu livro, afirma Segalla, é uma forte preocupação pastoral “... que tenta demonstrar a validade histórica do Jesus de Nazaré, como narrado nos Evangelhos e pregado pela Igreja”³⁸³.

Boschini, também notou esse aspecto do pensamento de Ratzinger. O autor apresenta, como, no pensamento de Ratzinger, a preocupação com o fortalecimento da fé da Igreja, o testemunho do Evangelho é bem presente. Para Ratzinger, a tarefa do teólogo é preocupar-se com uma reflexão coerente com a fé da Igreja, auxiliar o Corpo de Cristo no aprofundamento da mensagem de Cristo. Boschini salienta como Ratzinger afasta-se dos teólogos modernistas e liberais pelo fato de submeter-se ao Magistério eclesial como instância de autoridade sobre a produção teológica. Nota-se também que o próprio Ratzinger serviu à Igreja enquanto membro do Magistério, mas esse elemento do seu pensamento sempre esteve presente, apesar dos ofícios e cargos que assumiu no decorrer de sua carreira eclesial e teológica. Essa preocupação é visível, segundo Boschini, na obra *Jesus de Nazaré*³⁸⁴. Para Boschini, Ratzinger tem, em alguns aspectos, uma preocupação mais pastoral do que intelectual e histórica, pois:

³⁸² URÍBARRI, B. G., *Mirar al Jesus real*, p. 125-126.

³⁸³ SEGALLA, G., *Gesù di Nazaret tra passato e presente: un'ermeneutica ecclesiale in armonia con l'ermeneutica storica e canonica*, p. 26.

³⁸⁴ BOSCHINI, P., *La stoffa ermeneutica del Gesù di Nazaret di J. Ratzinger*, p. 158-161.

Uma tarefa muito mais modesta e factível se estabelece: a de despertar nos católicos a convicção de que a figura de Jesus apresentada pelos Evangelhos canônicos é totalmente plausível e também pode ser aceita por aqueles que, em relação ao fundador do cristianismo, querem viver a dupla lealdade à fé eclesial e à pesquisa científica³⁸⁵.

Gronchi é dos autores que identifica também a preocupação pastoral de Ratzinger para com os leitores. Ratzinger busca apresentar Jesus de uma forma bastante singular, de modo que tanto os eruditos exegetas, historiadores e teólogos até os mais simples e humildes, não especializados possam compreender todo o conteúdo. Essa preocupação com a linguagem é valorada de maneira positiva e demonstra uma preocupação pastoral. Ratzinger intenciona com a sua produção, alimentar a fé de todo aquele que busque conhecer mais sobre Jesus Cristo³⁸⁶.

4.6

Críticas a alguns elementos da proposta metodológica de Ratzinger

Boschini, além de avaliar positivamente alguns procedimentos metodológicos, elenca três elementos, que, em sua opinião, faltam no complexo hermenêutico e metodológico do pensamento de Ratzinger, são eles: a fusão de horizontes, a má utilização da metáfora e a falta de uma aproximação intercultural da figura de Jesus Cristo. Para o autor, a fusão do horizonte de fé com o horizonte histórico é problemática quando se parte da mentalidade científica e filosófica contemporânea, apesar de algumas aproximações feitas por alguns autores. O autor entende que Ratzinger não explora todas as possibilidades que a metáfora pode proporcionar na interpretação bíblica e que seu pensamento possui pouca abertura para o diálogo inter-religioso³⁸⁷.

Outro autor que em sua análise dirigiu uma crítica a um elemento da metodologia de Ratzinger é Marcelo Pera³⁸⁸. Esse é cético em relação ao uso dos métodos históricos-críticos para a pesquisa e o acesso à pessoa de Jesus Cristo. Para ele, Jesus é uma figura histórica que no decorrer da história, foi ganhando forma e sendo compreendida sob a ótica da fé. Quando esse autor avalia o estado atual da busca pelo Jesus histórico, constata que existem inúmeras hipóteses contraditórias

³⁸⁵ BOSCHINI, P., *La stoffa ermeneutica del Gesù di Nazaret* di J. Ratzinger, p. 161.

³⁸⁶ GRONCHI, M., *La Figura e il messaggio di Gesù di Nazaret* in J. Ratzinger-Benedetto XVI, p. 61-62.

³⁸⁷ BOSCHINI, P., *La stoffa ermeneutica del Gesù di Nazaret* di J. Ratzinger, p. 162-176.

³⁸⁸ Jornalista de grande prestígio e político italiano.

entre si, e se opõe a Ratzinger. Ele afirma: “Dito de forma breve, eu tenho dúvidas a respeito do método histórico”; “Não vou dizer que refuto o método histórico, vou dizer que o coloco sob suspeita...”. Ou seja, o autor não refuta o método em si, mas sua aplicação à busca pelo Jesus Histórico³⁸⁹.

Junkal, em sua crítica a aproximação de Ratzinger à exegese canônica e sua crítica ao método histórico-crítico afirmou:

O método histórico-crítico evoluiu muito ao longo do século XX e talvez J. Ratzinger o veja apenas através da perspectiva de R. Bultmann. Provavelmente, uma boa parte dos biblistas católicos que fazem exegese desde meados dos anos oitenta, que são pessoas crentes, religiosas e que têm trabalhado em faculdades de teologia da Igreja, não se reconheceriam em algumas palavras de J. Ratzinger na conferência de Nova York. O método tem seus limites, muitos excessos foram produzidos, e, todavia, hoje podem surpreender certas afirmações; J. Ratzinger as expôs com clareza e assim favoreceu uma apresentação rica e profunda do método³⁹⁰.

Com essa afirmação, a autora critica a avaliação de Ratzinger ao método histórico-crítico taxando-a como incompleta e, em certos sentidos, desatualizada. Porém, reconhece o valor de sua contribuição, ao apresentar que o maior problema não está na metodologia em si, mas na hermenêutica, na filosofia e no pressuposto que guia a interpretação. Ao analisar a aproximação de Ratzinger à exegese canônica, a autora afirmou de início: “A segunda provocação que me obriga a situar-me é a apresentação, ao meu modo de ver excessivamente entusiástica, da exegese canônica que pode gerar uma possível falta de atenção a suas debilidades”³⁹¹.

A autora salienta que no texto *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, da PCB, é feita uma distinção entre métodos de interpretação e formas de aproximação ao texto, que é, segundo Junkal, a natureza da exegese canônica. Para ela Ratzinger parece ignorar essa diferença.

Não só isso; ele (Ratzinger) ignora todos os demais métodos e aproximações. A aproximação canônica, chamada na obra de J. Ratzinger “exegese canônica ou teológica”, é intuída como a única solução para os problemas colocados pelo método histórico-crítico e não se aponta nas obras consultadas nenhum limite do mesmo, ainda quando a PCB assinala alguns³⁹².

³⁸⁹ PERA, M., *Gesù Nazareno, Gesù Cristo e il método histórico*, p. 37-61.

³⁹⁰ JUNKAL, G. L. M., *Método histórico-crítico vs. Acercamiento canónico? Los métodos y acercamientos em J. Ratzinger*, p. 157-158.

³⁹¹ JUNKAL, G. L. M., *Método histórico-crítico vs. Acercamiento canónico? Los métodos y acercamientos em J. Ratzinger*, p. 158.

³⁹² JUNKAL, G. L. M., *Método histórico-crítico vs. Acercamiento canónico? Los métodos y acercamientos em J. Ratzinger*, p. 158-159.

Junkal afirma que a exegese canônica, de natureza sincrônica, fornece o risco de uma leitura da Bíblia excessivamente piedosa e fundamentalista. Ao passo que pode também ser uma postura crítica à ditadura da exegese histórica. Outra conclusão da autora é que essa exegese obriga a reformulação de conceitos importantes como Revelação e inspiração. Na afirmação de Ratzinger, encontrada no prefácio da obra *Jesus de Nazaré*: “Confio nos Evangelhos”, a autora enxerga a possibilidade de más interpretações, que podem ocasionar imagens poucos cristãs de Deus e Jesus³⁹³.

Por outro lado, a importância dada ao Cânon como conjunto pode colocar uma série de reflexos. E assim, pode resultar excessiva, se não se tem em conta as dificuldades para delimitar com clareza certos processos e critérios em sua formação. Notemos que a ideia “canônico” é estranha ao livro em sua origem, e que o processo de formação do Canon não é sereno como às vezes se sugere nas apresentações da aproximação canônica³⁹⁴.

Para a autora, essa opção pode ainda, de alguma forma, desvincular as comunidades no seio das quais determinado livro se define, daquelas no seio das quais o livro surgiu, se leu e foi transmitido. A importância dada ao Cânon pode reforçar a ideia, politicamente correta em nossa sociedade, porém teologicamente equivocada, de que o Cristianismo é uma religião do livro. Por considerar o valor da recepção do texto no interior da Tradição, pode confundir o papel da comunidade que hoje lê o texto com o papel das comunidades que reconheceram e decidiram a canonicidade dos mesmos³⁹⁵. E pela tendência notável de estabelecer constantes referências do Antigo Testamento e do Novo pode inclinar a balança da interpretação de um modelo “complementaridade irreductível” – no que se reconhece que todo o texto do Antigo Testamento tem um núcleo próprio de verdade que, além de todos seus aspectos secundários e circunstanciais, conserva um valor perene –, para modelos de “cumprimento – superação” ou “superação – substituição”³⁹⁶.

Martinez empreende uma crítica ao afirmar que a proposta metodológica de Ratzinger, apesar de seu valor, pode proporcionar o risco de leituras da Bíblia

³⁹³ JUNKAL, G. L. M., Método histórico-crítico vs. Acercamiento canónico? Los métodos y acercamientos em J. Ratzinger, p. 159.

³⁹⁴ JUNKAL, G. L. M., Método histórico-crítico vs. Acercamiento canónico? Los métodos y acercamientos em J. Ratzinger, p. 159-160.

³⁹⁵ JUNKAL, G. L. M., Método histórico-crítico vs. Acercamiento canónico? Los métodos y acercamientos em J. Ratzinger, p. 160.

³⁹⁶ JUNKAL, G. L. M., Método histórico-crítico vs. Acercamiento canónico? Los métodos y acercamientos em J. Ratzinger, p. 160.

superficiais e literalistas, como a feita pelos fundamentalistas, ocasionadas pela má compreensão do dogma da inspiração divina das Sagradas Escrituras. Outra crítica feita por Martinez é a falta de precisão a respeito do método histórico-crítico.

Obviamente, aparecem também outras duas importantes reservas: saber se a sintética apresentação que J. Ratzinger oferece do método histórico-crítico é suficientemente aquilatada ou se peca por certa simplicidade (o fator histórico é indispensável para a fé e para que a teologia não acabe sendo discurso “eisegético”, ou seja, o resultado de projetar na Escritura sentidos, desejos e expectativas que não lhe são próprias) e se contemplou devidamente a pluralidade existente no interior deste método em nossos dias³⁹⁷.

Para Martinez a escolha metodológica feita por Ratzinger, a favor da exegese canônica, revela algo de sua biografia pessoal, uma escolha fortemente marcada pela sua jornada pessoal.

O recurso à chamada exegese canônica leva a rastrear na biografia teológica de Bento XVI como articula os binômios Revelação e Tradição ou teologia e Magistério. Dois pares de questões fundamentais que marcam toda a sua produção teológica e as diferentes responsabilidades eclesiais que desempenhou³⁹⁸.

4.7

Teses a modo de conclusão

1º) De acordo com as análises dos autores explorados, pode-se afirmar que Ratzinger não é contra o uso do método histórico-crítico, esclarecimento já efetuado, pois sua crítica a ele pode deixar uma impressão negativa e equivocada da sua posição.

2º) O método usado por Ratzinger na obra *Jesus de Nazaré* é inovador. Em determinados aspectos o próprio autor tinha consciência da originalidade da sua proposta. A crítica que Ratzinger fez à metodologia histórica, bem como ao seu substrato filosófico e hermenêutico, foram bem recepcionadas por alguns autores e criticadas por outros. Mas, em geral, há ampla concordância a respeito da relevância do seu empreendimento. Disso pode-se afirmar que a nova proposta metodológica apresentada por Ratzinger causou um impacto considerável em parte da comunidade teológica.

³⁹⁷ MARTÍNEZ, G. J., La cristologia de Joseph Ratzinger-Benedicto XVI a la luz de su biografía teológica, p. 5-6.

³⁹⁸ MARTÍNEZ, G. J., La cristologia de Joseph Ratzinger-Benedicto XVI a la luz de su biografía teológica, p. 6.

3º) A aproximação à análise semiótica é coerente com a sua proposta metodológica, na medida em que possibilita a análise sincrônica.

4º) Pode-se afirmar que, apesar da não aceitação, e da crítica de alguns, a aproximação metodológica de Ratzinger à chamada exegese canônica atende em muitos aspectos à necessidade de superação dos limites apontados pelo teólogo bávaro. A partir dela é possível resgatar elementos para uma leitura ou exegese teológica das Sagradas Escrituras que justifique a natureza eclesial da teologia.

5º) O convite à empatia pessoal não é propriamente um pressuposto ou ferramenta da proposta metodológica de Ratzinger, mas uma predisposição pessoal e intelectual que favorece a compreensão correta da sua intenção geral e do conteúdo da obra. Pode-se dizer que é um convite do autor para o leitor, desdobramento do elemento da fé, um dos que faz parte da sua hermenêutica. Implicitamente pode-se dizer que também é necessária empatia para com a proposta metodológica.

6º) O fazer teologia no contexto da fé eclesial, em seu conteúdo configurado pela Tradição, é bem valorada pelos autores consultados. Esse pressuposto é o que dá, junto com o serviço teológico pastoral à mesma Igreja, a coesão de todo o complexo hermenêutico e metodológico de Ratzinger. Caso um desses três elementos fosse retirado ou isolado, sua proposta perderia o sentido ou seria má compreendida

7º) Apesar das recepções positivas, a proposta metodológica de Ratzinger não ficou isenta de críticas. As que foram exploradas nessa pesquisa foram direcionadas a aspectos bem precisos e característicos do pensamento do nosso autor, como a aproximação à exegese canônica, dado mais criticado; como também: a aceitação da grandeza histórica como um acesso à pessoa de Jesus; a pouca margem para o diálogo inter-religiosos; a pouca clarificação na sua fusão de horizontes e a não exploração de algumas ferramentas linguísticas, como a metáfora. Essas críticas mostram que sob determinados pontos de vista a proposta de Ratzinger pode ser aperfeiçoada.

8º) O conteúdo da obra *Jesus de Nazaré*, de acordo com as análises feitas pelos autores, é coerente com a proposta metodológica de Ratzinger.

5 Conclusão

Tendo iniciado minha formação teológica em tradição protestante, sempre me foi presente o princípio *sola Scriptura*. No início do curso de mestrado deparei-me com o texto *Interpretação bíblica em crise: Sobre a questão dos fundamentos e a abordagem da exegese hoje*, no qual Ratzinger constata o distanciamento entre a teologia sistemática e a Bíblia, faz diversas críticas ao método histórico-crítico e apresenta as linhas gerais da sua proposta referente a esse tema. A leitura desse texto me despertou para o objetivo de compreender tanto a crítica feita por Ratzinger como também a proposta hermenêutica por ele apresentada.

Após a leitura de outros textos do mesmo autor, nos quais a problemática referente ao método é também significativa, deparei-me com diversas menções à hermenêutica da fé como alternativa metodológica assumida pelo autor como adequada para a interpretação teológica da Sagrada Escritura. Ele próprio a apresenta como uma leitura das Sagradas Escrituras feita dentro da comunidade eclesial, assumida como uma totalidade, considerada como divinamente inspirada e com uma dinâmica que aponta para Cristo como seu centro e ponto culminante da Revelação divina.

A hipótese de investigação assumida para a pesquisa foi a de que a hermenêutica da fé seria a alternativa ao método histórico-crítico escolhida e proposta por Ratzinger. Com essa opção, pretenderia ele oferecer uma possibilidade significativa de suprir lacunas do método histórico-crítico, corrigir aspectos incorretos de sua aplicação às Escrituras e fundamentar uma renovada leitura teológica das Sagradas Escrituras.

Para tanto, foi necessário iniciar a investigação pelo estudo do método histórico-crítico para compreender a história de cada um dos procedimentos metodológicos que o compõem em seu conjunto, o escopo de cada etapa metodológica e sua fundamentação filosófica. A essa luz se procurou examinar a crítica que Ratzinger faz aos vários aspectos do método. O que se evidenciou dessa análise é que Ratzinger aceita substancialmente a necessidade da análise histórica dos textos bíblicos, nisso segue o resultado do amadurecimento da posição do Magistério eclesial católico como se reflete, sobretudo, na *Dei Verbum*.

A necessidade da leitura teológica da Escritura para ele se funda no caráter inspirado da Bíblia, o que qualifica sua autoria divina juntamente com a autoria humana. Como os procedimentos históricos-críticos limitam-se ao exame do que se relaciona com a autoria humana em seus diversos aspectos e como assumem pressupostos que se opõem ao que é característico da leitura teológica, o autor considera que seu uso deve ser precedido de uma crítica rigorosa que, consciente dos limites do método, assuma também criticamente seus resultados e os integre em um procedimento mais amplo e mais adequado à natureza do texto bíblico. A conclusão dessa primeira etapa da investigação é que o alvo principal da crítica a que Ratzinger submete o método histórico-crítico é sua fundamentação filosófica e hermenêutica. Além de tomar os textos apenas como produto humano, o caráter histórico termina por circunscrevê-los ao passado. Tudo isso é feito em detrimento da dimensão divina e da transcendência do texto, ou melhor, de sua capacidade de falar a todas as pessoas, de todas as épocas e culturas. Em última análise, assumida assim, a Bíblia deixaria de ser o livro da Igreja, capaz de tornar permanentemente presente a Palavra de Deus, e é transformado em fonte simplesmente de estudos e investigações científicas.

Ainda nessa primeira fase da investigação torna-se claro que Ratzinger tem domínio sobre os idiomas originais e utiliza as edições críticas do texto bíblico nessas línguas. É evidente também que ele conhece profundamente a história da exegese bíblica e está consciente da situação dos estudos exegeticos mais recentes. Apesar de não ser um exegeta, ele utiliza com propriedade e grande precisão os resultados da aplicação do método histórico-crítico em sua quase totalidade, e dialoga amplamente com pesquisadores que dele fazem uso. Com o auxílio do estudo de autores que se dedicaram a analisar a metodologia bíblica de Ratzinger – como se mostra no quarto capítulo – constata-se que nosso autor faz uso da crítica literária, da crítica da redação e da crítica das formas. Opõe-se, porém ao uso que faz Bultmann da crítica das tradições.

Particularmente com relação à separação da Bíblia em unidades menores realizada no âmbito do método histórico-crítico para executar seus procedimentos analíticos, Ratzinger observa que, levada às últimas consequências, pode tornar independente cada perícopo e perder de vista o seu significado no conjunto da história da Revelação, testemunhada na Sagrada Escritura. A hermenêutica da fé, ao situar as unidades menores na totalidade das Sagradas Escrituras, proporciona

especialmente a correção de alguns excessos da crítica literária. Isto é coerente com a convicção partilhada por Ratzinger com a tradição eclesial de que cada parte da Bíblia recebe seu pleno sentido na unidade fundamental com as outras quando lida em sentido cristológico. Assim, por exemplo, os textos do Novo Testamento são compreendidos mais profundamente quando interpretados à luz do Antigo Testamento.

Em vista da obtenção de um entendimento mais preciso do significado e do alcance da utilização da leitura bíblica em perspectiva teológica com o auxílio da hermenêutica da fé, compreendida como exposto acima, foram analisados alguns textos cristológicos de Ratzinger. Na investigação do significado das auto-atribuições de Jesus, por exemplo, Ratzinger parte do significado que as categorias Filho do Homem, Filho e “Eu sou” tinham no Antigo Testamento, para, em seguida, buscar o significado que adquirem ao serem, no Novo Testamento, aplicadas a Jesus ou por ele utilizadas. Esse procedimento permitiu perceber como, a partir da hermenêutica da fé, Ratzinger evidencia a dinâmica que aponta para o cumprimento do Antigo Testamento em Jesus Cristo e confere aos testemunhos neotestamentários seus significados mais profundos. Foi possível ainda observar que Ratzinger, no estudo de cada uma dessas categorias, resenhou com precisão as discussões e as interpretações obtidas pela exegese histórico-crítica, apropriando-se de suas conclusões ou refutando-as, mas sempre ampliando o entendimento possibilitado por essa exegese através de um redimensionamento hermenêutico coerente com a fé cristã. Assim fazendo, evidencia a coerência entre o significado neotestamentário das categorias cristológicas examinadas e o conjunto dos escritos bíblicos.

Da segunda seção do capítulo terceiro – que trata da importância do dogma cristológico para a compreensão dos dados bíblicos sobre Jesus Cristo – é possível concluir que para Ratzinger o dogma e a Tradição são fundamentais para a correta compreensão do testemunho bíblico. Essa mesma seção permite a verificação de parte do eixo hermenêutico utilizado por Ratzinger: a coerência da fé eclesial com o dado bíblico. Permite também concluir que a *Dei Verbum* é um pressuposto fundamental no pensamento hermenêutico e teológico de Ratzinger. Ainda dessa seção, conclui-se que para Ratzinger através do entendimento correto da relação entre dogma, Sagrada Escritura e Tradição é possível compreender melhor

elementos importantes da soteriologia cristã ligados à cristologia, bem como os conteúdos soteriológicos presentes nas Sagradas Escrituras.

Este ponto é particularmente importante para o que pretende Ratzinger com a interpretação bíblica como hermenêutica da fé. Visto que muitos exegetas que se situam com exclusividade nos limites do método histórico-crítico, marcados pela mentalidade moderna e iluminista, buscavam demonstrar que os dogmas cristológicos afastaram-se do significado que tem Jesus nos textos do Novo Testamento e falsificaram a imagem de Jesus. Com a hermenêutica da fé, percebe-se que Ratzinger proporciona a correção desse equívoco, valoriza a Tradição eclesial e os dogmas como leituras autênticas e profundas do dado bíblico, e, ainda mais, como explicitação indispensável para torná-lo compreensível em novos contextos culturais. Assim ele demonstra que a Bíblia é fiel ao significado profundo dos acontecimentos que registra, e que o Novo Testamento narra com fidelidade o Jesus real. Como a origem humana da Bíblia é a experiência de fé do povo de Deus, é esse mesmo povo o responsável último pela interpretação desse conjunto de escritos que testemunham a Revelação de Deus e seu acolhimento. Portanto, a autêntica interpretação da Bíblia não pode desviar-se da dinâmica que nela é testemunhada e narrada.

Portanto, em vista da caracterização global da relação de Ratzinger com o método histórico-crítico, é possível afirmar que ele busca superação e aperfeiçoamento do método histórico-crítico e contribui para isso por meio da inserção de outros elementos e aproximações, como a semiótica e a exegese canônica. A minuciosa análise a respeito disso feita por Segalla, relatada no capítulo quatro, fornece base suficientemente segura para tal conclusão.

O próprio Ratzinger, em algumas circunstâncias, descreveu seu modo de interpretar a Escritura como próximo à exegese canônica. Porém, a partir dos resultados dessa pesquisa, não se pode afirmar que ele faça propriamente exegese canônica. No quarto capítulo foi apresentada a posição de Junkal e Segalla a esse respeito. É bastante evidente que Ratzinger, de fato, aproxima-se dessa forma de exegese. O principal ponto de contato é a valorização do povo de Deus como interlocutor da Revelação, dentro do qual se situam os autores inspirados. Esse mesmo povo, tendo sido o responsável pela transmissão dos relatos e de sua interpretação, é também o sujeito humano de formação do cânon. Em decorrência disso, destaca-se na exegese canônica a unidade literária da Bíblia e seu significado

teológico. A propósito, são muito esclarecedoras as análises de Uríbarri e Gordo. Portanto, conclui-se que, apesar de se aproximar da exegese canônica e aceitar fundamentalmente seu procedimento, não se pode afirmar que Ratzinger realize propriamente exegese conforme a essa proposta metodológica.

Das constatações referentes à posição de Ratzinger com relação à exegese canônica e aos reparos significativos que faz aos procedimentos metodológicos histórico-críticos, surge a pergunta pela caracterização do método utilizado por Ratzinger em sua interpretação bíblica. Teria ele criado um novo método para interpretar as Sagradas Escrituras? Ou apenas reformulado o método histórico-crítico pela inserção de elementos colhidos em outros procedimentos analíticos? Se cria uma metodologia, essa englobaria em suas etapas e ferramentas o método histórico-crítico? Mas esse último, com reformulações? A partir do capítulo dedicado ao exame da aplicação dos princípios da hermenêutica da fé à cristologia e das análises dos autores apresentadas no quarto capítulo, conclui-se que Ratzinger não desenvolve um novo método de interpretação das Sagradas Escrituras, mas que a interpreta a partir de uma compreensão original da teologia, o que inclui um modo profundamente elaborado de interpretar a Bíblia. Ratzinger mesmo afirma que sua intenção não é criar uma nova teologia ou um novo método, que sua pretensão sempre foi a de pensar a fé cristã nos dias de hoje em companhia da Sagrada Escritura e da Igreja. Nisso se manifesta sua fidelidade à Tradição e ao Magistério eclesial. Isso implica também a atenção e o respeito que presta ao que foi realizado pelos grandes mestres da teologia. Ao fazer teologia dessa maneira, ele contribuiu de forma ampla e original para a interpretação da Sagrada Escritura.

A partir da caracterização da hermenêutica da fé feita como apresentada por Ratzinger e examinando-se o modo como ele a aplica concretamente na interpretação da Sagrada Escritura, pode-se considerar que essa interpretação pode ser coerentemente considerada como hermenêutica da fé, confirmando-se a hipótese inicial como fundamentalmente correta. Ou seja, a hermenêutica da fé implica realmente um modo específico de se ler as Sagradas Escrituras como uma unidade, com um dinamismo cristológico e cristocêntrico, que continua atuando na Igreja e se expressa em sua doutrina.

Levando-se em conta sobretudo a aplicação da hermenêutica da fé à cristologia, parece, porém, que a hermenêutica da fé não se limite a ser um modo de interpretar a Sagrada Escritura, o que significaria que só se pode considerar a

confirmação da hipótese inicial como parcial. Hermenêutica da fé parece ser, mais amplamente, a caracterização global da teologia como a prática Ratzinger. Tendo na Sagrada Escritura sua referência determinante, e sendo elaborada à luz dos elementos que caracterizam a hermenêutica da mesma, a teologia como um todo parece ser o que pode ser chamado de hermenêutica da fé. Reforça essa nova hipótese o destaque feito por alguns autores a respeito de aspectos originais da metodologia utilizada por Ratzinger na obra *Jesus de Nazaré*. Entre eles podem ser nomeados Boschini, Gronchi e Segalla, como se encontra exposto no quarto capítulo dessa dissertação. O concluído até aqui sugere que talvez a hermenêutica da fé seja mais propriamente a caracterização global do método teológico de Ratzinger, incluindo sua interpretação do conjunto das fontes da teologia e a característica principal de seus procedimentos analíticos e especulativos.

Isso, porém, não pode ser examinado no âmbito da presente pesquisa e da delimitação que assumiu. Permanece em aberto, aguardando uma pesquisa mais ampla em um eventual passo ulterior.

Em relação ao elemento subjetivo e pessoal, o percurso da pesquisa foi gratificante e supriu lacunas intelectuais e espirituais do autor. Sou profundamente grato a Joseph Ratzinger, hoje Papa Emérito Bento XVI, pela contribuição dada através de seus escritos.

Referências bibliográficas

AGUIRRE, M. R.; RODRIGUEZ, C. A. **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos**. V. 6. São Paulo: Ave-Maria, 2000.

ALONSO, S. L. La Sagrada Escritura em la vida de la Iglesia. In: SCHOKEL, L. A. (Org.). **Comentarios a la constitución *Dei Verbum* sobre la divina revelación**. Madrid: BAC, 1969, p. 668-699.

ALSZEGHY, Z.; FLICK, M. **Como se faz teologia?** São Paulo: Paulinas, 1979.

AMATO, A. Contenido teológico del “Gesù di Nazaret” di Joseph Ratzinger e la sua esemplarità metodológica. In: ESTRADA, B.; MANICARDI, E.; TÀRRECH, A. P. (Orgs.). **The Gospels History and Christology**. The Search of Joseph Ratzinger-Benedict XVI / I Vangeli Storia e Cristologia. La ricerca di Joseph Ratzinger-Benedetto XVI. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2013, p. 329-349.

BENTO XVI, PP. Orígenes. Vida e Obra. In: **Oração e Santidade**. Catequeses ao povo de Deus. V. II. São Paulo: Molokai, 2018, p. 49-54.

BENTO XVI, PP. São Boaventura de Bognoregio. In: **Oração e Santidade**. Catequeses ao povo de Deus. V. III. São Paulo: Molokai, 2018, p. 288-294

BIANCHI, E. A leitura espiritual da Escritura hoje. In: LA POTTERIE, I. (Org.). **Exegese Cristã Hoje**. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 248-326.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição revista e ampliada. 2º impressão. São Paulo: Paulus, 2003.

BLANCO, S. P. **Bento XVI um mapa de suas ideias**. São Paulo: Molokai, 2016.

BLANCO, S. P. Joseph Ratzinger, um retrato teológico. In: **Diálogos de teologia**. Perspectivas del pensamiento de Benedicto XVI. n. 8. jan./abr. 2006, p. 27-68.

BLANCO, S. P. **Joseph Ratzinger uma biografia**. São Paulo: Quadrante, 2005.

BLANCO, S. P. Presentación. In: KEMPIS, S. (Org), **Leyendo la Biblia com el Papa Benedicto**. Madrid: Crisandad, 2018.

BOSCHINI, P. La stoffa ermeneutica del Gesù di Nazaret di J. Ratzinger. In: TAGLIAFERRI, M. (Org.). **Il Gesù di Nazaret di Joseph Ratzinger**. Un confronto. Assisi: Cittadella Editrice, 2011, p. 115-176.

BRAATEN, C. E.; JENSON, R. W. (Orgs.). **Reclaiming the Bible for the Church**. Michigan: Wm. B. Erdmans Publishing Co., 1999.

BRAY, G. **História da interpretação bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

CARBAJOSA, I. La articulación de Tradición y Escritura. La aportación de Dei Verbum, aporías modernas y vías de solución. In: DELAGUA, P. A. (Org.). **Revelación Tradición y Escritura**. A los cincuenta años de la “*Dei Verbum*”. Madrid: BAC, 2017, p. 183-210.

DENZINGER, H. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. Traduzido com base na 40ª edição alemã (2005), aos cuidados de Peter Hünemann. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2007.

DÍAZ, R. J. M. El pensamiento de Joseph Ratzinger sobre los métodos de interpretación de la Escritura. In: **Diálogos de teología**. Perspectivas del pensamiento de Benedicto XVI. n. 8. jan./abr. 2006, p. 69-84.

DIRSCHERL, E. Dios y el hombre como seres relacionales. La figura conceptual teológica y antropológica de Joseph Ratzinger a partir de la cristología. In: MEIER-HAMIDI, F.; SCHUMACHER, F. (Orgs.). **El Teólogo Joseph Ratzinger**. Herder Editorial: Barcelona, 2007, p. 97-123.

FERACINE, L. **Erasmus e Roterdã: O mais eminente filósofo da renascença**. São Paulo: LaFonte, 2011.

FISICHELLA, R. Verità fede e ragione in J. Ratzinger. In: **PATH**. Aspetti del pensiero teológico di Joseph Ratzinger. n. 6, 2007/1, p. 27-43.

FITZMYER, J. A. **A interpretação da Escritura**. Em defesa do método histórico-crítico. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

FITZMYER, J. **Catecismo Cristológico**. São Paulo: Loyola, 1997.

GHIBERTI, G. L'interpretazione della Scrittura nella Chiesa nella teologia di J. Ratzinger. In: **PATH**. Aspetti del pensiero teológico di Joseph Ratzinger. n. 6, 2007/1, p. 45-64.

GILBERT, P. **Introdução à teologia medieval**. São Paulo: Loyola, 1999.

GRECH, P. Il Cardinale Ratzinger e l'esegesi attuale. In: **PATH**. Aspetti del pensiero teológico di Joseph Ratzinger. n. 6, 2007/1, p. 65-77.

GREEHEY, J.; VELLANICKAL, N. Le caractère unique et singulier de Jésus comme Fils de Dieu. In: **Bible et christologie**. Paris: Les éditions du cerf, 1984, p. 173-196.

GRENZ, S. J.; OLSON, R. E. **A teologia do século 20 e os anos críticos do século 21**. Deus e o mundo numa era líquida. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

GRONCHI, M. La Figura e il messaggio di Gesù di Nazaret in J. Ratzinger-Benedetto XVI. In: TAGLIAFERRI, M. (Org.). **Il Gesù di Nazaret di Joseph Ratzinger**. Un confronto. Assisi: Cittadella Editrice, 2011, p. 61-114.

GRONDIN, J. **Hermenêutica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GUARDINI, R. Sagrada Escritura e ciência da fé. In: LA POTTERIE, I. (Org.). **Exegese Cristã Hoje**. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 55-110.

HALL, C. A. **Lendo as Escrituras com os Pais da Igreja**. Viçosa: Ultimato, 2000.

HARNACK, A.V. **Das Wesen des Christentums**, München, Hamburg: Siebenstern, 1900.

JUNKAL, G. L. M. Método histórico-crítico vs. Acercamiento Canónico? Los métodos y acercamientos em J. Ratzinger. In: **Proyección**. LV, 2008, p. 151-160.

KASPER, W. **Jesús el Cristo**. Salamanca: Sigueme, 1978.

KELLY, J. N. D. **Patrística**. Origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé cristã. São Paulo: Vida Nova, 1994.

KESSLER, H. Cristologia. In: SCHNEIDER, T., (Org.). **Manual de Dogmática**. Vol. I. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 219-400.

LADRIÈRE, J. Ciência, Filosofia e Fé. In LADRIÈRE, J., **A articulação do sentido**. São Paulo: EDUSP, 1977, p. 157-187.

LADRIÈRE, J. **A fé cristã e o destino da razão**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2008.

LAGRANGE, M. J. **La méthode historique**. Paris: Foi Vivante, 1966.

LA POTTERIE, I. O Concílio Vaticano II e a Bíblia. In: LA POTTERIE, I. (Org.). **Exegese Cristã Hoje**. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 23-52.

LIMA, M. L. C. A interpretação da Sagrada Escritura: eixo hermenêutico segundo J. Ratzinger – Papa Bento XVI. **Atualidade Teológica**, v. 22, n. 58, jan./abr. 2018, p.159-186.

LIMA, M. L. C. **Exegese Bíblica**: teoria e prática. São Paulo: Paulinas, 2014.

LINS, I. **Erasmus, a renascença e o humanismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

MACHEN, J. G. **Cristianismo e Liberalismo**. São Paulo: Shedd Publicações, 2012.

MARTINEZ, G. J. La cristologia de Joseph Ratzinger-Benedicto XVI a la luz de su biografía teológica. In: **Cuadernos**. 158, Barcelona: Ediciones Rondas, 2008.

MILLER, E. L.; GRENZ, S. J. Esperança em meio ao sofrimento: Jürgen Moltmann. In: MILLER, E. L.; GRENZ, S. J. **Teologias contemporâneas**. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 123-144.

MILLER, E. L.; GRENZ, S. J. Jesus Cristo e a mitologia: Rudolf Bultmann. In: MILLER, E. L.; GRENZ, S. J. **Teologias contemporâneas**. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 49-68.

MILLER, E. L.; GRENZ, S. J. Práxis Libertadora: Gustavo Gutiérrez. In: MILLER, E. L.; GRENZ, S. J. **Teologias contemporâneas**. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 163-180.

MILLER, E. L.; GRENZ, S. J. Razão e esperança: Wolfhart Pannenberg. In: MILLER, E. L.; GRENZ, S. J. **Teologias contemporâneas**. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 145-162.

MILLER, E. L.; GRENZ, S. J. Teologia global: John Hick. In: MILLER, E. L.; GRENZ, S. J. **Teologias contemporâneas**. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 201-224.

OLSON, R. **História da Teologia Cristã**. 2000 anos de tradições e reformas. São Paulo: Editora Vida, 2001.

OROZCO, R. R. Una sola “voluntad de la persona” en Cristo según J. Ratzinger., In: **STUDIA NAUK TEOLOGICZNYCH**. TOM 12. 2017, p. 89-111.

PERA, M. Gesù Nazareno, Gesù Cristo e il método histórico. In: AZZARO, P. (Org.). **Gesù di Nazaret all’università**. Il libro di Joseph Ratzinger-Benedetto XVI letto e commentato negli Atenei italiani. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2012, p. 37-61.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **A Interpretação da Bíblia na Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1999.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **O povo judeu e as suas Sagradas Escrituras na Bíblia cristã**. São Paulo: Paulinas, 2001.

RAMOS, C. V. **Pensando con Ratzinger**. Reflexiones filosóficas a partir del “Jesús de Nazaret”. Madrid: BAC, 2016.

RATZINGER, J. As dimensões do problema. Comentários as teses 1-8 da sessão plenária de 1972 da comissão teológica internacional acerca da unidade da fé e do pluralismo teológico. In: COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **O pluralismo teológico**. As igrejas e as culpas do passado. São Paulo: Loyola, 2002, p. 21-56.

RATZINGER, J. A discussão acerca do “Espírito da Liturgia”. IV. Teologia da Liturgia. In: **Joseph Ratzinger Obras Completas Volume XI**. O fundamento sacramental da existência cristã. Brasília: Edições CNBB, 2019, p. 588-604.

RATZINGER, J. As novas problemáticas surgidas nos anos 1990. Sobre a situação da fé e da teologia hoje. In: RATZINGER, J. **Fé, Verdade e Tolerância**. O cristianismo e as grandes religiões do mundo. São Paulo: Ramon Lluull, 2007, p. 109-128.

RATZINGER, J. Che cos'è la teologia? Discorso di ringraziamento in occasione del conferimento del titolo di dottore "honoris causa" da parte della Facoltà teologica dell'Università di Navarra a Pamplona. In: RATZINGER, J. **La Comunione nella Chiesa**. Milano: San Paolo, 2004, p. 23-32.

RATZINGER, J. Comprensión de la revelación y teología de la historia de san Buenaventura. In: **Joseph Ratzinger Obras Completas Volume II**. Madrid: BAC, 2015, p. 1-590.

RATZINGER, J. Cristo e sua Igreja. In: RATZINGER, J. **O caminho Pascal**. São Paulo: Loyola, 1986, p. 112-131.

RATZINGER, J. Cristo y la Iglesia. Problemas actuales de la teología. Consecuencias para la catequesis. In: RATZINGER, J. **Un canto nuevo para el Señor**. Salamanca: Sígueme, 2005, p. 41-48.

RATZINGER, J. *De revelatione Dei et hominis in Jesu Christeo facta*. La revelación de Dios y el hombre em Jesucristo revelación, oct de 1962. Borrador de un nuevo esquema sobre la revelación, em común com K. Rahner, oct-nov. de 1962. In: **Joseph Ratzinger Obras Completas Volume VII/1**. Madrid: BAC, 2017, p. 144-169.

RATZINGER, J. *De Voluntate Dei erga hominien*. La voluntad de Dios con el hombre: Borrador de um nuevo esquema sobre la revelación, oct. de 1962. In: RATZINGER, J. **Joseph Ratzinger Obras Completas Volume VII/1**. Madrid: BAC, 2017, p. 139-143.

RATZINGER, J. El Catecismo de la Iglesia Católica está a la altura de la época? Meditaciones diez años después de su promulgación. In: RATZINGER, J. **Caminos de Jesucristo**. Madrid: Cristandad. 2005, p. 139-160.

RATZINGER, J. El poder de Dios. Nuestra esperanza. In: RATZINGER, J. **Joseph Ratzinger Obras Completas Volume X**. Madrid: BAC, 2017, p. 407-429.

RATZINGER, J. El redentor de todos los hombres -. La unicidade y universalidade de Cristo y de su Iglesia. In: RATZINGER, J. **Caminos de Jesucristo**. Madrid: Cristandad, 2005, p. 55-76.

RATZINGER, J. El rostro de Cristo em la Sagrada Escritura. "Quien me ve a mí está viendo al Padre" (Jn 14,9). In: RATZINGER, J. **Caminos de Jesucristo**. Madrid: Cristandad. 2005, p. 15-32.

RATZINGER, J. **Escatologia**. Morte e Vida Eterna. São Paulo: Molokai, 2019.

RATZINGER, J. Fede e Teologia. Discorso in occasione del conferimento del titolo di dottore "honoris causa" in teologia da parte della Facoltà teológica de Breslavia/Wroctaw. In: RATZINGER, J. **La Comunione nella Chiesa**. Milano: San Paolo, 2004, p. 9-22.

RATZINGER, J. Interpretação bíblica em crise: Sobre a questão dos fundamentos e a abordagem da exegese hoje. In: POTTERIE, I. D.L., (Org.). **Exegese Cristã Hoje**. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 111-140.

RATZINGER, J. **Introdução ao Cristianismo**. São Paulo: Loyola, 2005.

RATZINGER, J. Introducción y comentario al Proemio, a los capítulos I,II,VI de la Constitución sobre la divina Revelación *Dei Verbum*. In: **Joseph Ratzinger Obras Completas Volume VII/2**. Madrid: BAC, 2017, p. 664-739.

RATZINGER, J. **Jesus de Nazaré**. Do batismo no Jordão à transfiguração. São Paulo: Planeta, 2007.

RATZINGER, J. Jesucristo hoy. In: RATZINGER, J. **Um nuevo canto para el Señor**. Salamanca: Sígueme, 2005, p. 11-39.

RATZINGER, J. La única fonte de la revelación. Borrador para la intervención ante la 19º congregación general, del 14 de noviembre de 1962, sobre el esquema: << *De fontibus revelationis* >> (y las observaciones complementarias expuestas ante la 21º congregación general el 17-11-1962). In: **Joseph Ratzinger Obras Completas Volume VII/1**. Madrid: BAC. 2017, p. 192-197.

RATZINGER, J. La relación entre Magisterio de la Iglesia y exégesis. In: GRANADOS, C.; SANCHEZ N. L. **Escritura e Interpretación**. Madrid: Palabra, 2003, p. 175-190.

RATZINGER, J. **Lembranças da minha vida**. São Paulo: Paulinas, 2006.

RATZINGER, J. Meditación previa sobre el sentido permanente del Año Jubilar 2000. In RATZINGER, J. **Caminos de Jesucristo**. Madrid: Cristandad, 2004, p. 77-81.

RATZINGER, J. **Natureza e Missão da Teologia**. Petrópolis: Vozes, 2012.

RATZINGER, J. Origem e natureza da igreja. In: RATZINGER, J. **Compreender a Igreja Hoje**. Vocação para a comunhão. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 9-29.

RATZINGER, J. **O caminho pascal**. São Paulo: Loyola, 1986.

RATZINGER, J. **O sal da Terra**. O Cristianismo e a Igreja Católica no século XXI. Um diálogo com Peter Seewald. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

RATZINGER, J. Prefácio ao Documento da Comissão bíblica. In: Pontificia Comissão Bíblica. **A interpretação da Bíblia na Igreja**. São Paulo: Paulinas. 1994, p. 27-30.

RATZINGER, J. Puntos de referencia cristológicos. In: RATZINGER, J. **Miremos al traspasado**. Santa Fe: Fundación San Juan, 2007, p. 11-57.

RATZINGER, J. Revelação e Tradição. Ensaio de análise do conceito de Tradição. In: RAHNER, K.; RATZINGER, J. **Revelação e Tradição**. São Paulo: Herder, 1968, p. 15-59.

RATZINGER, J. **Teoría de los principios teológicos**. Materiales para una teología fundamental. Barcelona: Herder, 1985.

RÖMER, T.; MACCHI, J. D.; NIHAN, C. **Antigo Testamento: história, escritura e teologia**. São Paulo: Loyola, 2010.

RUBIO, A. G. **O encontro com Jesus Cristo Vivo**. São Paulo: Paulinas, 1999.

RUH, U. Joseph Ratzinger, crítico de la Modernidad. In: MEIER-HAMIDI, F.; SCHUMACHER, F. (Orgs.). **El Teólogo Joseph Ratzinger**. Herder Editorial: Barcelona, 2007, p. 203-219.

RUIZ, G. História de la constitución “*Dei Verbum*”. In: ALONSO, S. L. (Org.). **Comentarios a la constitución *Dei Verbum* sobre la divina revelación**. Madrid: BAC, 1969, p. 3-99.

SANECKI, A. **La Biblia: entre história y teologia**. La exégesis canónica de B. S. Childs. Madrid: BAC, 2012.

SCHILLEBEECKX, E. **Jesus a história de um vivente**. São Paulo: Paulus, 2008.

SCHLEIERMACHER, F. D. E. **Hermenêutica**. Arte e técnica da interpretação. Petrópolis: Vozes, 2000.

SEGALLA, G. Gesù di Nazaret tra passato e presente: un’ermeneutica ecclesiale in armonia con l’ermeneutica storica e canônica. In: TAGLIAFERRI, M. (Org.). **Il Gesù di Nazaret di Joseph Ratzinger**. Un confronto. Assisi: Cittadella Editrice, 2011, p. 21-60.

SESBOÜÉ, B.; THEOBALD, C. **História dos dogmas**. A palavra da salvação séculos XVIII – XX. Tomo 4. São Paulo: Loyola, 2006.

SÖDING, T. Diversidad y unidad de la Sagrada Escritura como perspectiva u tarea de la exegesis. Uma lectura de la *Dei Verbum*. In: DELAGUA, P. A. (Org.). **Revelación Tradición y Escritura**. A los cincuenta años de la “*Dei Verbum*”. Madrid: BAC, 2017, p. 266-282.

SÖDING, T. Invitation to Friendship “Jesus of Nazareth” by Joseph Ratzinger. In: ESTRADA, B.; MANICARDI, E.; TÀRRECH, A. P. (Orgs.). **I Vangeli: Storia e Cristologia**. La ricerca di Joseph Ratzinger – Benedetto XVI. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2013, p. 299-327.

SÖDING, T. La vitalidade de la Palabra de Dios. In: MEIER-HAMIDI, F.; SCHUMACHER, F. (Orgs.). **El Teólogo Joseph Ratzinger**. Herder Editorial: Barcelona, 2007, p. 21-95.

TEJERINA, A. G. Historia y revelación a la luz de la constitución *Dei Verbum*. In: DELAGUA, P. A. (Org.). **Revelación Tradición y Escritura**. A los cincuenta años de la “*Dei Verbum*”. Madrid: BAC, 2017, p. 35-79.

TREBOLLE, B. J. Los manuscritos del mar Muerto. Resultados de setenta años de investigación. Los manuscritos del mar Muerto. Eslabones entre la Biblia hebrea y la Misná y entre el Antiguo y el Nuevo Testamento. In: DELAGUA, P. A. (Org.). **Revelación Tradición y Escritura**. A los cincuenta años de la “*Dei Verbum*”. Madrid: BAC, 2017, p. 438-465.

URÍBARRI, B. G. El neocalcedonismo de Joseph Ratzinger. Implicaciones para la teología de la unción y de la voluntad humana de Cristo. In: ESNAOLA, M. A et al. **La unción de la Gloria: Em el Espíritu, por Cristo, al Padre**. Homenaje a Mons. Luis F. Ladaria, sj. Madrid: BAC, 2014, p. 81-111.

URÍBARRI, B. G. Jesucristo, mediador y plenitud de toda la revelación. In: DELAGUA, P. A. (Org.). **Revelación Tradición y Escritura**. A los cincuenta años de la “*Dei Verbum*”. Madrid: BAC, 2017, p. 80-118.

URÍBARRI, B. G. La oración de Jesús según J. Ratzinger, teólogo y papa. Líneas maestras de una cristología espiritual, In: CATELA, I. M., (ed.), **La oración, fuerza que cambia el mundo**. Madrid: BAC, 2016, p. 25-55.

URÍBARRI, B. G. Mirar al Jesús real. In: **Razón y Fe**, vol. 256, Septiembre/Octubre. 2007, p. 123-140.

URÍBARRI, B. G. Para una interpretación teológica de la Escritura. La contribución de J. Ratzinger – Benedicto XVI. In: TERRAZAS, S. M., **El pensamiento de Joseph Ratzinger. Teólogo y Papa**. Madrid: San Pablo. 2009, p. 25-66.

VATICANO II. *Dei Verbum*. In: **Compendio Concilio Ecumênico Vaticano II**. Documentos. Brasília: Edições CNBB, 2018, p. 175- 198.

VERMES, G. **Jesús e o mundo do Judaísmo**. São Paulo: Loyola, 2015.

VIDAL, T. J. Mirar a Jesús e “ver” al Hijo de Dios; hecho hombre para nuestra Redención. Aportación de J. Ratzinger a la Cristología contemporánea. In: MADRIGAL, T. S., **El pensamiento de Joseph Ratzinger. Teólogo y Papa**. Madrid: San Pablo, 2009.

VIDE, R. V. Revelación: Lenguaje y acontecimiento. “La revelación por palabras y hechos (*gesta et verba*)”. In: DELAGUA, P. A. (Org.). **Revelación Tradición y Escritura**. A los cincuenta años de la “*Dei Verbum*”. Madrid: BAC, 2017, p. 3-34.

WEGNER, U. **Exegese do Novo Testamento**. Manual de metodologia. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

YECID, T. R. J. **Exégesis diacrônica de la Biblia**. Método histórico-crítico. Bogotá: UNIMINUTO, 2012.